

Introdução

Os gays também oram, pois nós também temos fé
E acreditamos em Deus como todos os outros...
(Azevedo)

Em 2012, o Brasil acompanhou, por meio da mídia em geral, a polêmica que emergiu sobre frentes evangélicas que se propuseram a reprimir e a conter os avanços sociais da categoria LGBT. Categoria essa que, segundo Carrara (2016), unificou-se a partir de um contexto político e ativista (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais)¹ em prol de direitos sociais. De acordo com Motte (2006), esses direitos visavam à garantia de políticas públicas de combate à violência discriminatória e da perspectiva da aprovação de casamento e união estável de pessoas do mesmo sexo.

Tal resistência torna-se evidente, ou ganha cada vez mais notoriedade, por conta do posicionamento dessas frentes religiosas em direção aos homossexuais, principalmente quando entram em jogo questões incidentes acerca da moral, como nos exemplos citados a seguir: entrevista concedida por Silas Malafaia ao programa De frente com Gabi, em 2012, polêmica sobre o ex-presidente da comissão dos direitos humanos e minorias, Marcos Feliciano, em 2012 e o noticiário mostrado no Tweet G1 do Jornal Nacional da Rede Globo no dia 05 de junho de 2013. Esses casos trazem à tona uma condição aparentemente antagônica entre as vertentes evangélicas e homossexuais. Inerente a estes fatos, é possível perceber certa resistência social de um dos polos sobre o outro. De um lado, os evangélicos, que não aceitam a categoria homossexual e, do outro, homossexuais que, cada vez mais, lutam por seus espaços na sociedade em que, muitas das vezes, são rechaçados por grupos conservadores não necessariamente evangélicos. Contudo, é nesse cenário de resistência (por parte de frentes religiosas) e disputa por espaço (caso dos homossexuais) que emerge um desvio a esses conflitos, oriundos da visão heteronormativa como padrão, ou seja, surge um fenômeno na contramão a tudo isso, que consiste em perceber como é possível sujeitos assumidamente homossexuais se manterem frequentes em igrejas evangélicas.

Quando essa questão é observada no Brasil, é importante notar que as igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais, têm apresentado uma considerável expansão nos últimos anos, seja em número de templos, seja em número de “féis”. Ao atentar para as relações construídas dentro dessas igrejas e compreendendo que, na cidade de Belém-PA, não

¹Categoria que se faz representar pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, travestis e transexuais(ABGLT), fundada em 1995 (CARRARA 2016).

há as chamadas igrejas inclusivas², despertei interesse, ainda na graduação em ciências sociais, para o fenômeno da frequência de pessoas que se afirmavam homossexuais e mantinham-se presentes em igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais.

Viver o “desvio” ao natural e ao considerado comum no âmbito social gera consequências, pois o “natural” quase sempre é aceitável e, contra este, não há grande resistência. Nessa concepção, ao longo do tempo, numa sociedade patriarcal na qual a figura do heterossexual é denominada padrão e “natural”, a homossexualidade foi colocada como “diferente” ou “não-normativa”. Esse fato sustentou, em nossa sociedade, muitas formas de rejeições e discriminações a essa categoria. E estas rejeições e discriminações também se reproduziram em instituições religiosas, a exemplo das mencionadas neste trabalho.

Primeiros passos da pesquisa (2013 e 2014)

No início de 2013, após manter contato com certo número de pessoas que se enquadravam no fenômeno em questão (homossexuais frequentadores de igrejas evangélicas), desenvolvi indagações acerca de “como seria possível que tal fato ocorresse?” e “como se daria esse processo de inserção de homossexuais em igrejas evangélicas aqui em Belém?”. Afinal, pode-se provar a existência dessa possibilidade de conciliação? Ainda no mesmo ano, sob a orientação de Milton Ribeiro³, por meio de um roteiro de perguntas elaboradas por ele, dei início ao desenvolvimento da pesquisa, realizando-a a partir de entrevistas gravadas e tendo, como objeto, esses interlocutores, com cuja maioria já mantivera contato prévio e pedira autorização para realização do presente trabalho. Com a coleta dessas informações, obtidas por meio de conversas gravadas, munido de roteiro de perguntas, foi realizado um trabalho inicial, o qual foi submetido a um GT de iniciação científica do congresso REA/ABANNE-2013, em Fortaleza-CE. Nesse primeiro momento da pesquisa, em 2013, foram entrevistados 6 sujeitos assumidamente homossexuais, sendo 5 masculinos e 1 feminino.

A partir dos discursos apresentados como resposta ao roteiro de perguntas, bem como de algumas narrativas desses sujeitos, foi possível entender os fatores que os levaram a se manterem nesses espaços religiosos, isto é, nas igrejas evangélicas. Tais fatores como: a

²Ver o trabalho de Fátima Weiss de Jesus- IGREJAS INCLUSIVAS EM PERSPECTIVA COMPARADA: DA "INCLUSÃO RADICAL" AO "MOVER APOSTÓLICO"- Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X

³Na época, 2013, Milton Ribeiro era Doutorando do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPB).

necessidade de um refúgio espiritual para amenizar as tensões do dia a dia; a influência familiar; o constante desejo de driblarem estereótipos negativos criados sobre a homossexualidade; a construção de uma moralidade distinta ao que eles enxergavam sobre os homossexuais e a necessidade do exercício da fé. Ainda com esses resultados, obtidos em 2014, o trabalho foi submetido para apresentação, no formato de pôster, ao congresso da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, ao prêmio Levi Strauss.

Foram entrevistados um total de 8 sujeitos assumidamente homossexuais, entre os anos de 2013 a 2014, sendo 7 homens e 1 mulher. Na composição desse corpus, foram observados participantes das seguintes instituições: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Quadrangular e Assembléia de Deus. Os interlocutores, suas frequências nas igrejas, bem como as igrejas frequentadas por eles na época, foram organizados conforme quadro abaixo:

Quadro sinóptico dos interlocutores dessa pesquisa (com pseudônimos).

Nome	Ano em que concedeu a entrevista	Idade na época da entrevista	Igreja Frequentada	Frequência na igreja evangélica
João	2013	32	Assembléia de Deus	2 vezes na semana
Maria	2013	29	Universal	2 vezes na semana
Mel	2013	26	Universal	3 vezes na semana
Pedro	2014	32	Quadrangular	De 4 a 5 vezes no mês
Mendes	2013	37	Quadrangular	1 vez na semana
Welton	2013	30	Quadrangular	De 4 a 5 vezes no mês
Guto	2014	19	Universal	2 vezes na semana
Jose	2013	19 anos	Assembléia de	2 vezes na

			Deus	semana
--	--	--	------	--------

Fonte: AVIZ, 2013 e 2014.

Uma das justificativas do uso dessas igrejas evangélicas no trabalho em questão foi o crescimento, em número, de membros e de suas respectivas expansões pelo Brasil e pelo mundo, bem como o número de templos religiosos, não apenas em Belém-PA, mas em todo o Brasil, conforme os dados do IBGE -2012⁴.

O recorte desse trabalho se deu com interlocutores que moravam e, decerto ainda moram, na região metropolitana de Belém. A pesquisa em questão resultou na construção do meu TCC (sob orientação da Profa. Dra. Denise Machado Cardoso-PPGSA/UFPA), apresentado ao curso de Ciências Sociais da UFPA em 2014.

No TCC, com o título “Homossexualidade e Igrejas evangélicas em Belém do Pará: Um paradoxo possível”, o foco foi atender para a existência desses sujeitos, apresentados no quadro acima, e para os fatores que os conduziam à construção desse paradoxo, bem como para as formas de resistência aos discursos conservadores nesses espaços, os quais eu próprio já havia notado por ter sido membro de uma dessas igrejas por 5 anos (Universal). Tal trabalho de conclusão de curso contou tanto com as entrevistas gravadas, como já mencionadas acima, quanto com o levantamento bibliográfico sobre: homossexualidade, religiões evangélicas e relações de gênero e sexualidade no mundo atual. Todavia, algumas questões ficaram em aberto, talvez em decorrência da minha pequena participação na vida desses interlocutores, ou seja, por não acompanhá-los em suas frequências nesses espaços religiosos. Tais questões deram margem à proposta de mestrado, aprovada no processo seletivo de 2015 do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA-UFPA), no qual a proposta metodológica tem sido em perspectiva etnográfica com os interlocutores em questão.

Foco atual- Dissertação

Com o propósito descritivo acerca deste fenômeno, que inclui homossexuais e igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais em Belém-PA, o foco, agora, a partir de uma etnografia, bem como pelos relatos de vida (BOURDIEU,1986) desses sujeitos, principalmente homossexuais, é apontar e descrever como se constroem eventos e participações do público homossexual nessas instituições, compreendendo os mecanismos de invisibilidade criados por homossexuais em suas inserções nessas igrejas.

⁴Presente no portal: www.ibge.gov.br

As formas e os mecanismos de resistência destes interlocutores aos discursos religiosos desses espaços são um dos focos centrais do trabalho, podendo-se, assim, entender, descrever e sintetizar o posicionamento dessas igrejas em relação aos homossexuais nos dias de hoje, contribuindo para as discussões na Antropologia acerca dos contrastes religiosos na atualidade, principalmente no âmbito evangélico, do mesmo modo como, também, descrever a influência de seus discursos (benéficos ou repressores) no cotidiano desses homossexuais. A proposta, aqui, é participar das reuniões e dos cultos junto aos interlocutores, acompanhar o seu dia a dia e os reflexos intrínsecos da frequência nas igrejas evangélicas, assim como, desenvolver uma perspectiva de etnobiografia⁵ desses atores, por meio dos seus relatos e depoimentos, diferentemente do que foi realizado no TCC, o qual consistiu apenas na aplicação de roteiro de perguntas, sem um acompanhamento na rotina de vida desses atores. Desse modo, passando por várias histórias de vida desses atores, ou por uma superfície social (BOURDIEU, 1986), criando, assim, um campo de análise, principalmente no que tange ao universo social e religioso desses interlocutores acerca de todos os fatores que giram em torno desse fenômeno, como também ouvir da própria igreja os seus discursos afirmadores de rejeição aos homossexuais, sendo tais informações obtidas por meio de entrevistas e de conversas com membros e lideranças dessas instituições em Belém.

Se, no TCC, os interlocutores somaram-se a 8 (7 masculinos e 1 feminino), para a dissertação, serão apenas 6 interlocutores, sendo 2 da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), 2 da igreja Quadrangular e 2 da Assembléia de Deus, que, antecipadamente, já se propuseram a contribuir com esse trabalho de pesquisa. De acordo com as instituições, a divisão deles será feita conforme o quadro a seguir:

Pseudonome/ interlocutores	Idade	Igreja Frequentada
Azevedo	22	UNIVERSAL
Jhon	22	ASSEMBLEIA DE DEUS
Lai	36	UNIVERSAL
Nazo	32	QUADRANGULAR

⁵Conceito presente na fala de Marcos Antônio Goncalves (a) no livro: *Etnobiografia: subjetivação e etnografia* (2012); a respeito da análise dos discursos de interlocutores de pesquisa, (...) consiste na interação entre pessoas situadas em suas respectivas vidas e culturas, tendo como pano de fundo suas percepções sobre alteridade (P. 15).

Oliveira	19	ASSEMBLEIA DE DEUS
Mendes	39	QUADRANGULAR

O número menor de interlocutores na dissertação é justificado pelo anseio de uma maior organização de dados qualitativos e pela disponibilidade de tempo para execução do trabalho final. Considerando que, sob perspectiva etnográfica, pretendo fazer um recorte com equidade de participantes das igrejas mencionadas nesse trabalho, razão pela qual, desde o início, propus-me a trabalhar com 2 interlocutores de cada instituição, número que acredito ter sido essencial para construção da dissertação, por viabilizar a análise dos discursos de cada instituição.

Este trabalho de pesquisa, como um todo, será composto de 3 capítulos, os quais formarão o trabalho final da minha dissertação de mestrado, cuja proposta será apresentada mais adiante. Nesse sentido, trago também, ao longo desse trabalho, as contribuições obtidas por meio das disciplinas cursadas no primeiro e segundo semestre de 2016, durante o processo inicial do mestrado, no Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA).

No 1º capítulo, (reflexões históricas do fenômeno social), o foco será uma abordagem teórica acerca das religiões protestantes no Brasil, bem como sua estruturação até os dias de hoje, pautado principalmente nas igrejas alvo dessa pesquisa (Universal, Quadrangular e Assembléia de Deus), considerando os fatores excludentes, como também práticas e os comportamentos sociais com repercussões jornalísticas, nos quais tais discursos se fazem valer do uso de uma determinada moral, a qual discrimina certos grupos de pessoas, inclusive homossexuais. Esse recorte das igrejas evangélicas em questão se justifica não somente pelas acusações de serem as mais intolerantes e conservadoras em relação aos homossexuais como também por serem as que comungam do pensamento da possibilidade de haver cura gay. Cura esta que, de acordo com Alexandre Olievo Goncalves, consiste numa ação de filantropia religiosa (GONCALVES, 2016b). Este capítulo apresenta, também, uma abordagem acerca do público homossexual e de seu processo de inserção nessas igrejas, mesmo em meio à rejeição a eles construída. Além disso, abrange uma análise teórica do problema apresentado, voltado para a sexualidade e religiosidade.

No 2º capítulo, pretendo, como resultado de um trabalho etnográfico, explorar as narrativas de vida e de vivência dos interlocutores, tanto dentro quanto fora das instituições, bem como a influência que as doutrinas e as teorias ali repassadas têm no seu dia a dia,

podendo, assim, entender e descrever os discursos de resistência desses homossexuais e os mecanismos de discricção heteronormativa reproduzidos pelos mesmos para se manterem sem serem percebidos nesses espaços, assim como a relação que se estabelece entre outros contextos: família, trabalho, namoro, amigos etc.

No 3º capítulo, também como resultado etnográfico, a ideia é reunir os discursos das igrejas e atentar para os rituais ali reproduzidos, assim como para as formas de contenção ao pecado; para os eventos promovidos pelas igrejas, abertos ao público ou não; para as teorias ali repassadas, na forma de doutrina, que visam à santidade e à excludência de determinadas formas de vida, comparando-as com os discursos do corpo evangélico e o que se reflete no cotidiano dos homossexuais em questão, bem como na exclusão deles desses espaços.

I. Reflexões teóricas acerca do fenômeno social (igrejas evangélicas e homossexuais)

Como muitos sabem, por conta do que a disciplina de História nos apresenta desde o Ensino Médio, as religiões protestantes surgiram ainda no século XVI, como fruto de discordâncias a todas as práticas de violências e de abusos de autoridade da igreja católica. O monopólio do conhecimento bíblico cristão, pela Igreja Católica, consolidou, durante muito tempo, a hegemonia dessa instituição nos discursos do saber, seja da vida do homem, seja nas justificadas acerca do mundo e de todos os fenômenos do universo, seguindo em direção a toda a vida moral de homens e de mulheres durante a Idade Média. Dessa forma, o controle social obtido pela igreja naquele momento permitia que muitas de suas improbidades fossem encobertas ou pouco questionadas.

A bíblia, enquanto fonte de saber, estava condicionada a ser interpretada somente sob a visão do catolicismo. É nesse contexto, e por meio das insatisfações relacionadas aos abusos de poder da igreja, que surge Martinho Lutero, figura apreciada até hoje por muitos protestantes. Suas práticas de resistências e de discordâncias ao que a igreja pregava e praticava deram margem para a origem da religião protestante, fundada a partir do evento conhecido como “Reforma Protestante”; oriundo das contradições religiosas vividas naquele contexto em quase toda Europa. A Reforma Protestante lançou mão de muitos dizeres pregados em nome de Cristo pela Igreja Católica para, inicialmente, aderir às 95 teses de Lutero e, com isso, permitir vir à tona uma nova racionalidade e moralidade as quais se constituíssem na sociedade em geral. Se o protestantismo apontou críticas ao catolicismo,

fazia-se, então, necessário conceber uma nova forma de vivenciar a crença em Deus, de preferência antagônica ao que o catolicismo vinha praticando.

Com intuito de fazer frente às doutrinas do catolicismo, o rigor religioso protestante foi firmando-se até dar os seus primeiros passos na formação de uma igreja legitimamente protestante. Assim sendo, com o passar dos séculos, o protestantismo espalhou-se pelo mundo como uma via de alternativa cristã para além da igreja católica, expandindo-se pela Europa até chegar à América.

O termo "evangélico", na América Latina, designa as religiões cristãs originadas ou descendentes da Reforma Protestante Europeia do século XVI. As instituições evangélicas consolidaram-se no Brasil oficialmente entre o final do século XIX e o início do século XX, de acordo com Gilberto Stefano⁶embora bem antes disso, ainda durante o período da colonização, os missionários protestantes já tenham pisado no território brasileiro.

Chegaram ao Brasil os primeiros missionários calvinistas (huguenotes-franceses), enviados por João Calvino, em março de 1557, e instalaram-se na antiga colônia francesa na Baía de Guanabara, atual Rio de Janeiro, liderados pelos reverendos Pierre Richier e Guillaume Chartier. Ainda no ano de 1557, após os calvinistas franceses instalarem-se em solo brasileiro, realizaram o primeiro culto protestante no Brasil, precisamente em março deste ano, pelo reverendo Pierre Richier, apesar de alguns dizerem que foi, também, o primeiro culto na América (PIEN, 2001).

Seguindo essa sequência cronológica, em 1630, ainda no período colonial, outras vertentes protestantes vieram para o Brasil, dessa vez por meio da influência holandesa na ocupação do país. A igreja reformada holandesa instalou-se em Recife-PE e a sua expansão permitiu a fundação da primeira Igreja Protestante no Brasil, que chegou a ter 50 pastores praticantes na época. Após estabelecerem-se, chegaram a fundar, na época, um total de 22 igrejas em todo o nordeste Brasileiro⁷.

Durante o período monárquico, a instituição protestante também se fez presente em solo brasileiro, vieram novas instituições protestantes – agora, de origem anglicana, por conta da aproximação britânica e germânica e da influência desses Estados no território brasileiro (PIEN, 2001)–, precisamente, chegaram ao país em 1816 e instalaram-se no Rio De Janeiro, capital do império na época. Embora tais igrejas protestantes tenham sido liberadas para

⁶Pastor da igreja batista em Marília, São Paulo, e autor do livro “A Origem - Descrevendo a História dos Barcelar”.

⁷ Fonte do texto «Índios protestantes no Brasil holandês :: História Viva :: Duetto Editorial».

fazerem seus cultos, elas se viam ofuscadas por conta da constituição imperial, reconhecendo a Igreja Católica como religião oficial.

Foi durante o Império, na cidade do Rio de Janeiro, que também surgiu a primeira igreja evangélica brasileira, reconhecida pela constituição do Império em 11 de setembro de 1879. A igreja foi fundada por Miguel Vieira Ferreira, um matemático e engenheiro, nascido no Maranhão, o qual teve presença marcante na igreja presbiteriana (LEONARD, 1953).

A partir dos exemplos citados acima, chegamos ao final do século XIX e início do século XX, com a consolidação do protestantismo no país e, a partir dessa ordem cronológica, difundiram-se, no território, muitas vertentes de denominação evangélica. Contudo, houve, nesse contexto, algumas qualificações distintas no interior dessas igrejas, são elas as denominações pentecostais e neopentecostais, tendo, cada uma dessas, características peculiares, em decorrência do modo como elas interpretam e vivenciam a leitura bíblica. No caso das igrejas pentecostais, assim denominadas, são instituições frutos da primeira e segunda geração de igrejas evangélicas, que partilham de uma estrutura mais tradicional, atendo-se a questões de padrões de roupas, costumes e sanções à televisão, entre outros. As instituições neopentecostais são as igrejas pertencentes a uma terceira geração, diferente das anteriores. Os neopentecostais caracterizam-se por não se aterem a questões de roupas e a padrões de comportamentos tão rígidos, eles visam ao crescimento financeiro associado ao espiritual, pois acreditam haver uma luta constante entre o bem e o mal, entre Deus e o demônio, cuja pobreza é “coisa” de demônios e a prosperidade é sinônimo da presença de Deus. Esse movimento (neopentecostal) começou na década de 70, cuja vertente é, hoje, mais expressiva tanto na mídia quanto em número de membros e será detalhado mais adiante (Igreja Universal).

No Brasil, a congregação cristã deu margem para a consolidação das igrejas de cunho protestante. Fundada por Louis Francescon, em Abril de 1910, a congregação Cristã se firmou no Estado do Paraná. Após a fundação deste grupo, dentro do mesmo período, sendo que, em outra região do país, surge mais uma das maiores vertentes evangélicas hoje e também um dos focos deste trabalho, a igreja Assembléia de Deus; vinda por intermédio dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg que, após um longo percurso pela América, aportaram em Belém do Pará em Novembro de 1910. No ano seguinte, fundaram, na mesma cidade, a igreja Assembléia de Deus (CORTEN, 1996).

De forma mais detalhada, falarei, a seguir, um pouco sobre cada uma dessas igrejas, alvo do presente trabalho, sendo elas: Assembléia de Deus (A), Universal (B) e Igreja do evangelho Quadrangular (C). Todas as informações aqui descritas têm por base um

levantamento bibliográfico, proposta desse capítulo, bem como informações obtidas por meio dos interlocutores, ainda no período de construção do TCC, nos anos de 2013 e 2014, assim como por meio de experiências empíricas, durante cinco anos de frequência como membro da igreja Universal. Vale salientar, no entanto, que muitas outras informações foram obtidas por meio do campo etnográfico, e da etnobiografia dos personagens envolvidos nessa pesquisa, cujo resultado ainda não foi concluído.

A. Assembléia de Deus



Tradicionalmente tida como igreja pentecostal, a Assembléia de Deus surge da atuação de dois missionários suecos, originários da igreja Batista, na América, pois, após um longo percurso, chegaram à Amazônia, precisamente em Belém, em 1910 e, no ano seguinte, mais adaptados ao território paraense, fundaram a então igreja Assembléia de Deus (CORTEN, 1996). Após a sua fundação, a igreja se expandiu para todo o território brasileiro, sendo sua concentração maior no Norte e Nordeste do país, atingindo e agregando pessoas principalmente da classe mais pobre. Com o trabalho missionário, iniciado logo cedo, em 1913, não demorou para a igreja enviar seu primeiro missionário, para fora do território brasileiro, em direção à Europa⁸.

Hoje, a Assembléia de Deus tem uma das maiores expressões de fieis no Brasil, em específico no Estado do Pará (JACOB, HEES, WANIEZ, BRUSTLEIN, 2013), porém o que chama atenção são as práticas doutrinárias da mesma. Segundo informado pelos interlocutores

⁸Informação obtida por meio do livro “O testemunho dos séculos e a história da Assembléia de Deus”, de Emilio Conde.

desta pesquisa, a Assembléia de Deus, recentemente, vem passando por algumas mudanças e flexibilizações doutrinárias, entretanto, durante anos, sustentou uma estrutura de controle social muito rígida, principalmente intervindo nas relações privadas. Em sua doutrina, a Assembléia de Deus adota algumas práticas presentes nas instituições neopentecostais, como a crença num Deus subsistente em três pessoas: pai, filho e espírito santo. Além disso, faz parte de suas doutrinas o uso constante da bíblia sagrada, do arrependimento e da aceitação de Cristo como meio de obter a salvação eterna, da crença no arrebatamento, da prática do batismo nas águas como forma de limpeza e purificação da alma, da celebração sistemática e continuada do espírito santo, do “falar em línguas”, da prática periódica de santa ceia como forma de renovar e de vivificar o sacrifício de Jesus, bem como no batismo no espírito santo e nos dons a este atribuídos (Mateus 7:22,23). Assim como a maioria dos cristãos, os assembleianos creem na segunda vinda de Cristo, como também no arrebatamento e na grande tribulação.

A segunda vinda pré-milenial de Cristo será em duas fases diferentes. Primeira – invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda – visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5 e Jd 14)⁹.

Funcionando, atualmente, durante toda a semana, mas em especial aos domingos, por conta da escola dominical, hoje, a Assembléia de Deus é composta por grupos de jovens, crianças, senhoras, nos ministérios musicais, coral e coreográfico. Além da atuação das atividades internas da igreja, eventos externos são promovidos, tais como: pregações em ruas, praças e cultos ao ar livre. Acreditando piamente na ideia de salvação após a aceitação de Cristo como seu único salvador (Lucas, 24: 27), a igreja promove tais eventos tendo, por finalidade, a evangelização, assim como a conversão de novos fiéis, que podem ocorrer nesses eventos abertos à comunidade, nos quais, através de sua manifestação voluntária, qualquer pessoa pode aderir ao processo de conversão, aceitação de Cristo e salvação. Vendo-se a igreja e a sua missão como corpo de Cristo e agente de evangelização (Hebreus 12:23).

Hoje, aos 107 anos de existência e presente em vários países, a Assembléia de Deus possui um total estimado de 12 milhões de membros só no Brasil, de acordo com censo do IBGE de 2010. Embora tenha sido fundada em Belém, seu Centro Geral de Conversão (CGADB) está situado no Rio de Janeiro, que é considerado o tronco da entidade e principal organizador da mesma, além de fazer parte das dependências da instituição, a Casa

⁹Nota obtida no blog da Igreja Assembléia de Deus: <http://assembleia.org.br/em-que-cremos/>

Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), órgão responsável pelas publicações de toda igreja.

Atualmente, em Belém, a igreja Assembléia de Deus tem, como principal referência de gestão e centro administrativo da instituição, o chamado “templo mãe”, igreja localizada na Av. Governador José Malcher, no bairro de Nazaré, que, entre outras funções, agrega um acervo histórico da própria instituição (o qual, bem como outras informações acerca da Assembléia de Deus, será descrito na dissertação, como resultado do trabalho etnográfico). Hodiernamente, a Assembléia de Deus tem, como presidente, o pastor Samuel Câmara, nascido no Estado do Acre e formado em Filosofia, Pedagogia e Direito¹⁰.

B. Universal



Fundada em 9 de Julho de 1977 por Edir Macedo e seu cunhado Romildo Ribeiro Soares, a igreja Universal se consolidou como uma das maiores instituições em número de templos e de membros no Brasil atual. Denominada neopentecostal, a igreja, tem, hoje, como sede principal, o templo de Salomão, um amplo e monumental prédio situado na cidade de São Paulo, apesar de, em seus primeiros passos, ainda no ano de 1977, suas atividades terem sido iniciadas em uma antiga capela funerária no bairro da Abolição no Rio de Janeiro (de acordo com o site da própria igreja, www.universal.org.br).

¹⁰Informação obtida no site: <http://www.adbelem.org.br/>

Embora a igreja tenha iniciado muito recentemente suas atividades no Brasil, sua expansão foi astronômica pelo mundo, incluindo catedrais e templos-sedes, e, se contextualizada para fora do Brasil, a igreja, hoje, está presente em aproximadamente 105 países (de acordo com a reportagem de Luana Santiago, exibida no programa da Rede Record em 2016: “Domingo espetacular”).

Hoje, a Universal detém 5.500 templos em todo o Brasil, distribuídos em 2.319 cidades. Os seis estados onde a Universal está mais presente são: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná, ou seja, sobretudo na região sudeste e sul (ORO, TADVALD, 2015, p.15).

A igreja atua com reuniões de domingo a domingo, sendo um tipo de culto específico para cada dia da semana, informação que tive acesso por base empírica, tanto por ser ex-membro (entre os anos 2001 e 2006), quanto por pesquisa de observação, bem com por meio de pesquisa virtual, conforme apresenta a tabela abaixo.

Dias da semana	Reunião ou culto	Especificidade
Segunda-feira	Reunião da prosperidade	Problemas financeiros
Terça-feira	Descarrego	Voltado para cura de enfermidades
Quarta-feira	Filho de Deus	Busca do batismo no espírito santo
Quinta-feira	Reunião da terapia do amor	Problemas familiares e amorosos
Sexta-feira	Libertação	Busca da libertação espiritual
Sábado	Grupo Jovem e Jejum das causas impossíveis	Jovens e problemas extremos: justiça, desemprego, doenças graves etc.
Domingo	Reunião do encontro com Deus	Busca do espírito Santo

Informação confirmada por meio do site: <http://www.universal.org/reunioes>

O corpo interno da igreja é dividido em: pastor principal (em alguns casos bispo), pastores auxiliares, obreiros, grupo de evangelização, grupo jovem e membros. É importante

frisar que essa divisão se mantém em qualquer Igreja Universal, seja onde for que ela se instale.

Hoje, a igreja conta com um grande espaço na mídia de ampla expansão. Fazem parte das dependências da igreja Universal os seguintes veículos: Folha Universal, Rede Aleluia (rádio AM e FM), TV Record, revista “plenitude” e “Obreiro de fé e mão amiga”, gravadora LineRecord, portal universal.org e TV Universal. Essa mídia foi fundamental para amplitude da comunicação da Universal desde o seu surgimento. “As emissoras de rádio e de TV, os veículos de mídia em geral, exerceriam um papel decisivo na difusão da mensagem de fé.” (Macedo, 2013, p. 21).

A igreja objetiva atender todas as demandas de problemas sociais, contudo sua doutrina é pautada principalmente na atuação da fé, como princípio norteador para solucionar todos os problemas, a exemplo de casos mencionados na bíblia, como: Abraão, Davi, Gideão, entre outros, que agiram pela fé e obtiveram um milagre. Assim, a igreja pontua, como principal movedor dos problemas cotidianos, o exercício da fé por meio de um sacrifício que resulta em um milagre ou em transformações sociais. Além de a igreja estar pautada nessas temáticas, enquanto instituição protestante, a mesma faz uso da teoria da Salvação, sendo um exercício contínuo de renovação, além de adotar a Santa Ceia como forma simbólica de fortalecer a aliança com Deus. Durante os cultos (grifos meus) se constrói o pensamento do exercício da fé como forma de se manter a felicidade em equilíbrio, bem como a salvação, sendo colocada em pauta nas reuniões a participação constante em campanhas financeiras promovidas pela igreja, também denominadas campanhas de fé, além dos dízimos e das ofertas, que são pedidos rotineiramente.

Um dos fatos intrigantes dessa instituição, decerto diferenciador em relação às outras apontadas nesse trabalho, é a campanha da Fogueira Santa, que ocorre duas vezes ao ano e inclui duas formas de sacrifícios máximos, sendo eles: *espiritual e financeiro*; em que, durante um mês, é estipulada uma data para o cumprimento de uma oferta em um valor o qual, naturalmente, o membro ou integrante da igreja não poderia dar, porém a partir do momento em que ele pega o envelope, durante o anúncio da campanha, o mesmo deve não apenas cumprir com o valor o qual se comprometeu, mas também executar um trabalho espiritual constante, que inclui jejuns e orações (inclusive orações de madrugada).

Esse sacrifício deve ser executado com um propósito, ou seja, o membro que pega o envelope não apenas tem por obrigação cumprir o “sacrifício” proposto, como também tem o direito de fazer um pedido, de cunho específico, visto como um milagre, que naturalmente seria impossível de se alcançar. Nessa lógica, conforme o cumprimento da parte do membro

no sacrifício da “fogueira Santa” durante toda campanha, Deus atenderá o seu pedido e executará o milagre. É importante salientar que os pedidos serão levados para Israel e queimados em forma de ritual, para as chamas serem levadas ao alto a fim de chegarem a Deus (informações minhas, obtidas a partir de experiências empíricas).

C. Igreja do Evangelho Quadrangular



De orientação pentecostal e fundada nos EUA, em 1923, a igreja do Evangelho Quadrangular surge da iniciativa de Aimee Semple McPherson, conhecida também como irmã Aimee, de origem Canadense, que deu início aos trabalhos evangelistas dessa denominação (Quadrangular), cujo centro de operações e todo o processo de fundação ocorreram na cidade de Los Angeles. Sua fundadora era conhecida por fazer parte das colunas sociais da época e por, quase sempre, fazer-se presente ao lado de grandes autoridades e celebridades norte-americanas. De uma estrutura organizacional eclesiástica, a IEQ é episcopal, sendo hierarquizada em suas funções internas (PIEN, 2011).

A imagem que representa a igreja possui 4 símbolos, cujo significado consiste em: 1º Jesus Cristo, o salvador; 2º batizador com Espírito Santo; 3º médico dos médicos; 4º o rei que há de vir. Os quatro elementos simbolizam a crença e o lema da instituição IEQ, tendo, por referência, os escritos bíblicos dos quais fazem constantemente uso. Conforme já percebido mais acima, essa crença nos quatro elementos que norteiam a fé e o pensamento cristão protestante está presente nas outras instituições mencionadas nesse trabalho (Universal

e Assembléia de Deus). No Brasil, a IEQ teve sua primeira fundação ocorrida em Novembro de 1951, na cidade de São João da Boa Vista-SP, por meio do missionário, pastor Harold Edwin Williams, sendo auxiliado pelo pastor Jesus Hermiro Vasquez Ramos, esse foi natural dos Estados Unidos da América e este, do Peru¹¹.

Após a estruturação da primeira IEQ, a instituição veio para a capital São Paulo e, já na década de 60, sob a liderança do Pastor George Russell, a instituição estabeleceu, como meta, a expansão por todo o Estado e, conseqüentemente, nos anos seguintes, pelo Brasil. Hoje, no Brasil, a Igreja tem presença em todos os Estados, inclusive no Pará, cujo número exato de templos e de membros não foi possível obter até esta etapa da pesquisa, embora, no último censo de 2010, o IBGE tenha diagnosticado, inclusive no Estado do Pará, onde a Igreja tem um dos maiores números de membros e de espaços físicos entre as igrejas protestantes.

Hoje, a igreja funciona com reuniões de terça a quinta, nos horários da manhã e da tarde, de terça a domingo, conforme informação passada por um dos interlocutores desta pesquisa. A igreja possui reuniões programadas, tendo funções de atendimento espiritual específico, mesmo que algumas vertentes da instituição façam programações e reuniões diversificadas as quais dependem da localização, da demanda e das condições físicas.

Uma das doutrinas praticadas pela igreja é a constante aproximação da produção cultural não evangélica, alguns ritmos locais são adaptados às canções e às composições gospel. Outro detalhe, enquanto doutrina da IEQ, é adoção das chamadas “células”; que são pequenos encontros religiosos entre membros, feitos dentro de uma residência, isto é, externos à igreja e às suas programações oficiais. A célula tem a função de aproximar os membros e de criar um ambiente mais próximo à igreja no âmbito domiciliar e entre as comunidades. No geral, são programadas por um dos membros que convida os demais para o encontro em sua residência, assim, podendo fazer parte da célula quem é convidado, como também, pessoas externas à igreja, ou seja, não membros¹².

De acordo com o censo demográfico do IBGE de 2010, cerca de 74% do público evangélico da IEQ, na região Norte, estão situados no Estado do Pará, sendo este estado o que possui a maior população da IEQ entre os 7 estados que compõem a região, refletindo esses números diretamente no Brasil. Logo, o Pará se destaca entre os Estados que mais possuem membros dessa vertente evangélica.

O fato é que, no Brasil, as igrejas protestantes foram ampliando e cresceram com o passar do tempo, mesmo diante da predominância do catolicismo. Aos poucos, essa difusão

¹¹Informação contida no site: <http://www.portalignrejaquadrangular.com.br/>

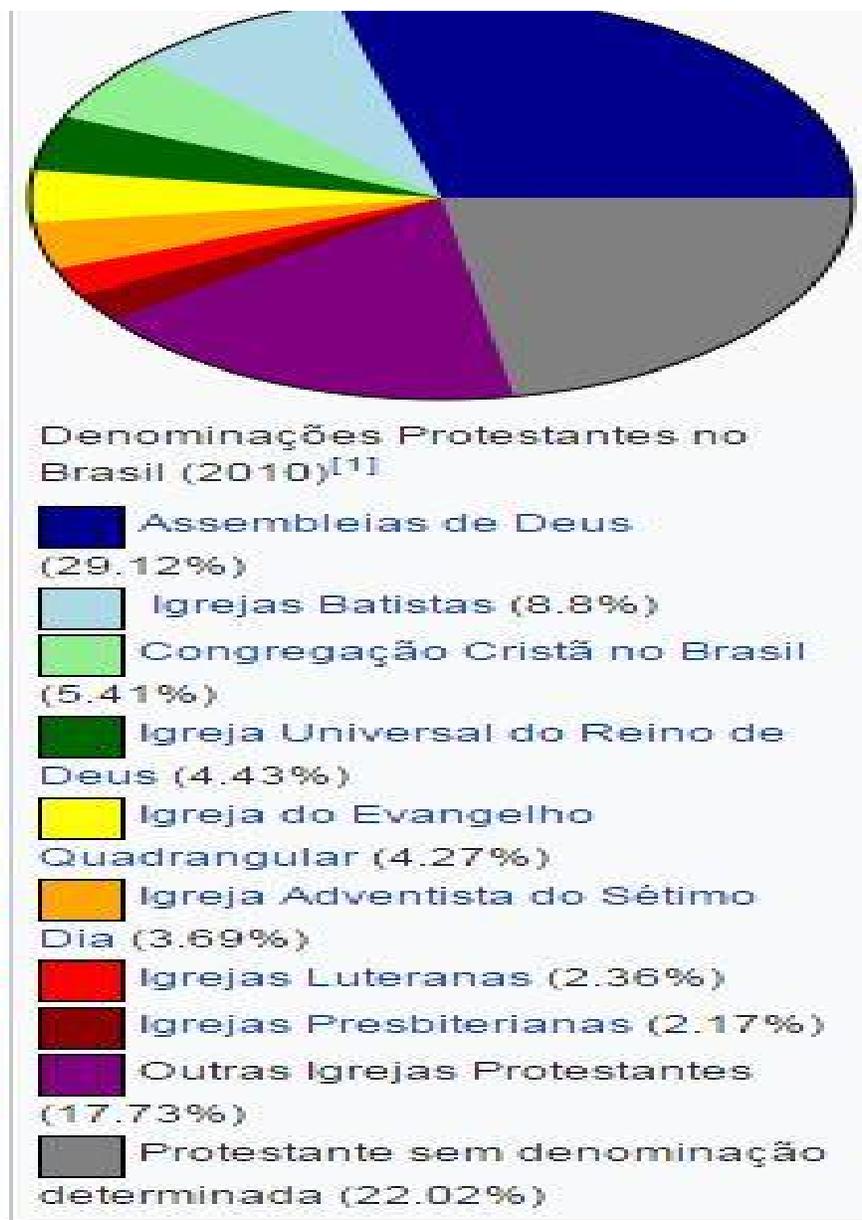
¹²Informação obtida por meio de relato de um dos interlocutores em 2013.

foi criando influência nos meios de comunicação e, principalmente, na política. Hoje, de acordo com diagnóstico feito pelo próprio IBGE, as instituições evangélicas aumentaram, em número de fieis, consideravelmente. A tabela a baixo menciona, com certo detalhe, o crescimento populacional do público evangélico no Brasil. Tal crescimento toma por base o período de 1890 a 2010, no qual é notório que há um salto percentual principalmente dos anos 1991 a 2000.

Período	População Brasil	Crescimento	Evangélicos	Porcentagem	Crescimento
1890	14.333.915	-	143.743	1%	-
1940	41.236.315	287,68%	1.074.857	2,61%	648,00%
1950	51.944.397	25,97%	1.741.430	3,35%	62,02%
1960	70.191.370	35,13%	2.824.775	4,02%	62,21%
1970	93.139.037	32,69%	4.814.728	5,17%	70,45%
1980	119.002.706	27,77%	7.885.846	6,63%	63,79%
1991	146.825.425	23,38%	13.189.284	8,98%	67,25%
2000	169.779.170	15,63%	26.184.941	15,42%	98,53%
2010	192.000.000	13,09%	36.480.000	19%	39,32%

Fonte IBGE - autoria da tabela: João Cruzuéf Blog Olhar Cristão - abril.2009

A terceira coluna vertical marca o crescimento populacional no Brasil, porém a tabela também deixa evidente que, conforme a população brasileira cresce, o público evangélico também aumenta. As igrejas evangélicas mencionadas neste trabalho ganham destaque principalmente devido ao crescimento apresentado entre as demais instituições no Brasil, tanto em número de membros quanto em número de igrejas. Essa verticalização do público evangélico tem sido consideravelmente expressiva conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os quais mostram que, no período de 2000 a 2010, cresceu 39,32 %. Enquanto, em 2000, o número de evangélicos no país era de 26,2 milhões de pessoas, equivalente a 15,4% da população; em 2010, aumentou para 36.480.00, ou seja, 19 % dos brasileiros. O gráfico a seguir, obtido por meio do IBGE, mostra com mais detalhe esse crescimento.



13

Como é possível perceber, o quadro acima aponta para o crescimento vertiginoso das igrejas evangélicas, sobretudo nas camadas mais populares, ganhando destaque no trabalho em questão as Igrejas: Universal, Quadrangular e Assembléia. Entretanto, o que trago em evidência é o que essas três instituições têm em comum: elas seguem suas expansões tendo, como discurso convergente, a afirmação do papel de defensoras da moral e dos bons costumes, bem como o discurso contrário a permanência da homossexualidade, mas, mesmo assim, como procuramos, antes de tudo, mostrar aqui, há homossexuais que resistem a esses discursos e acabam infiltrando-se nessas igrejas. O mais interessante, a meu ver, é o fato de o

¹³ Gráfico contido no portal do IBGE; ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010

próprio discurso de moral propagado pelas igrejas se sobrepor à noção e ao pensamento de moral desses homossexuais que ali frequentam, tornando-se, como diz Alexandre Werneck, uma espécie de dispositivo moral que, involuntariamente, aciona o sujeito em qualquer situação, delimitando-o a pensar o que pode ou não, o que está na condição certo ou errado, moral ou imoral, ou seja, um dispositivo de caixa de ferramentas moral (WERNECK, 2014).

Embora as instituições evangélicas, de origem pentecostal ou neopentecostal, propaguem o discurso do: *“vinde a mim todos que estão cansados e sobrecarregados”¹⁴*, mantêm-se com uma estrutura conservadora e pregam uma base familiar patriarcal, bem como o uso e o embasamento constante da bíblia, tendo, também, a crença no batismo, na teoria da salvação, da cura e da libertação com o nome de Jesus. Ademais, possuem a crença na atuação do diabo no desvio da humanidade em a relação a Deus, bem como na aplicação de enfermidade e dos distúrbios espirituais por ele causados (diabo), que levam o ser humano a fugir da “normalidade”, sendo uma dessas práticas de desvio a homossexualidade. O radicalismo religioso aí se fundamenta para criar mecanismos e argumentos que refletem no antagonismo sobre qualquer prática homossexual. Segundo essas instituições, a construção moral cristã mantém a sociedade num caminho benéfico e “saudável” para sua manutenção na Terra, bem como para sua saúde espiritual, embora essa construção moral, há tempos venha sendo questionada.

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito (FOUCAULT, 1984, p.26).

A doutrina evangélica, que vem sendo identificada como conservadora, adere e mantém a estrutura de uma família patriarcal e heteronormativa como modelo da presença de Deus na humanidade, assim como a obediência à “palavra de Deus”. Nessa perspectiva, a religião evangélica, tanto quanto as demais, age como instituição reguladora dos nossos atos em direcionamento a uma possível salvação, em razão de “obter” o entendimento dos fenômenos que, natural e biologicamente, não conseguimos explicar, intervindo em toda a relação de vida, incluindo o lidar-se com o corpo. Sendo essas instituições não apenas reguladoras de ações e de comportamentos, como também promotora de cura e de eliminação

¹⁴Mateus capítulo 11, versículo 28.

de doenças espirituais e físicas, cuja atuação na política interpela essa atuação, como nos casos apontados por Alexandre Olievo Gonçalves.

O ministério **Exodus Brasil** se autoapresenta como uma organização cristã de vertente protestante histórica reformada que busca a **recuperação de homossexuais** a partir de trabalhos de **aconselhamento pastoral** e **terapias** realizadas por psicólogos ditos cristãos. A Exodus faz parte de uma aliança global interdenominacional⁷ criada no Canadá na década de 1980 (GONCALVES, 2016, p.5b)

É no âmbito dessas relações de conservação de uma sociedade saudável a caminho da salvação e de limpeza espiritual que as instituições aqui mencionadas convergem para alguns atos discriminatórios e de não aceitação em suas dependências, ou seja, de intolerância religiosa sobre os homossexuais. Ao que percebo, essa rejeição não se limita ao âmbito interno das instituições, pois, no cenário político, essa não aceitação se reflete com destino a outras ações. Abarcando nessas discussões, é possível, também ,perceber que, nos últimos anos, as demandas religiosas adquiriram fortes influências sobre o Estado, como aponta Christina Vital.

A primeira implicação, a que diria respeito à demanda por igualdade de tratamento do Estado na direção das diferentes religiões, vem à tona, sobretudo, com o crescimento dos evangélicos no espaço público, com destaque para os neopentecostais a partir da década de 1990 (VITAL,2013, p.21)

Essa justificativa me despertou interesse no recorte das igrejas em questão, uma vez que são apontadas pela mídia, tanto local quanto nacional, como intolerantes a qualquer manifestação homossexual. Porém, no caso específico da igreja Quadrangular, o recorte sobre ela foi motivado bem mais pela extensão e propagação na cidade de Belém, tanto pelo que acusa os dados do IBGE quanto pelo que venho observando nos últimos anos. A extensão dessa última, pelo que percebo, se dá tanto em número de fieis quanto de igrejas na região metropolitana de Belém.

A notícia de repercussão nacional, como será apresentada a seguir, deixa evidente esse antagonismo protagonizado sob viés religioso.

18/06/2013 15h49 - Atualizado em 19/06/2013 10h42

Comissão de Direitos Humanos aprova autorização para 'cura gay'

Projeto de lei ainda deve passar por duas comissões na Câmara e Senado. Na sessão, apenas dois militantes se manifestaram contra a aprovação.

Fabiano Costa
Do G1, em Brasília



Sessão da Comissão de Direitos Humanos que aprovou projeto da "cura gay", na Câmara dos Deputados (Foto: Alexandra Martins/Ag. Câmara)

A Comissão de Direitos Humanos da Câmara aprovou nesta terça-feira (18) o projeto de lei que determina o fim da proibição, pelo Conselho Federal de Psicologia, de tratamentos que se propõem a reverter a homossexualidade. A sessão que aprovou a proposta foi presidida pelo deputado Marco Feliciano (PSC-SP), que conseguiu colocá-la em votação após várias semanas de adiamento por causa de protestos e manobras parlamentares contra o projeto.

15

O personagem acima (Pastor Marcos Feliciano) é membro da igreja do avivamento, ligada à Assembléia de Deus, cujas prerrogativas se dão sobre o que as outras instituições aqui mencionadas têm em comum, ou seja, a não aceitação aos homossexuais. O projeto acima mencionado ganhou grande repercussão, mas vale ressaltar a atuação ostensiva, de cunho político, acerca da rejeição aos homossexuais. Em outros momentos de atuação de outro personagem (Silas Malafaia), o mesmo deixou claras propostas de intervenções políticas na esfera pública, que suscitavam uma atuação nas ações do próprio Estado sobre questões ligadas aos corpos, gênero e sexualidade, afinando o debate com outras frentes evangélicas que compartilhavam do mesmo pensamento. Tivemos a seguinte política emergir a nível nacional:

¹⁵Notícia presente no caderno "Política". ON-LINE do site: <http://g1.globo.com/politica> Acesso 18/06/2013

Os episódios que se seguiram à distribuição do kit anti-homofobia pelo Ministério da Educação, contendo material que visava trazer orientações a alunos do ensino médio sobre como lidar com colegas LGBT e que foi chamado pelos pentecostais de “kit gay”, serviram para consolidar a divulgação desta nova identidade de crentes por parte de Silas Malafaia⁶. Após a pressão exercida pela Frente Parlamentar Evangélica, presidida na ocasião pelo deputado João Gusmão (PSDB/GO), a presidenta Dilma Rousseff, em seu primeiro ano de governo, suspende a produção e distribuição do material. A estratégia realizada pela Frente incluía ameaças de convocação do então ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, para esclarecer as denúncias de multiplicação ilícita de seu patrimônio. (CAMPOS, GUSMÃO e MAURÍCIO JUNIOR, 2015, p.169).

A permanência de homossexuais só é permitida nesses espaços por meio da abdicação de tal condição para, assim, ter possibilidade de se enquadrar naquilo que a igreja mais preserva, isto é, a família patriarcal (sendo o pai a principal figura da família). Seria descabida a possibilidade de ver aceitação de uma relação homoafetiva nas dependências dessas instituições, haja vista que a manutenção da família heterossexual é apontada na bíblia: *Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a você mesmo, e a mulher trate o marido com todo respeito* (Efésios 5:33). Como também: *Deus os abençoou e lhes disse: “sejam férteis e multipliquem-se! Encham a terra!* (Gênesis 1:28). Historicamente, essas orientações bíblicas nutrem a doutrina evangélica, desde o princípio, cuja figura da família torna-se fundamental e possui uma relação de construção de valores e de morais.

Desse modo, abarca uma forma de vida padrão e harmonia social em que essa imagem é acionada sobre qualquer agente que se dispõe a pensar uma união à base do que culturalmente se tem respeito e não se pode acusar ou criticar, por se enquadrar a uma forma de vida social mutuamente moralizada (WERNECK, 2014). O desvio a essa estrutura heterossexual entende-se não apenas como um pecado, mas como uma desobediência a Deus, bem como de uma quebra no comportamento a superestrutura moral e culturalmente implantada, sob a lógica da reprodução da vida humana.

Refiro-me à religião, tanto como crença – com a qual os indivíduos são socializados e que engendra um determinado padrão de moralidade – quanto como instituição à qual foram atribuída a disseminação e a cristalização do preconceito e da homofobia (ARAÚJO, 2016, p.2)

Porém, para além do exposto acima, quando se trata de homossexual, além de ser visto como desvio ao chamado padrão de família (mencionado acima), “orientado por Deus”, os cristão evangélicos mantêm, decerto, uma resistência a tal orientação por conta de outras colocações bíblicas que norteiam a abstinência de salvação a tal condição sexual: *Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa*

abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles. (Levítico 20:13). Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não erreis: nem os fornicadores, nem os idolatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizeres, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. (I coríntios 6: 9,10).

São essas as justificativas que nutrem a tal aversão aos homossexuais e que, decerto, têm sido evidenciadas pela mídia, o que gerou o ponto de partida dessa pesquisa, cujo evento alimenta uma doutrina que bloqueou, historicamente, a permanência de homossexuais em instituições evangélicas. A exemplo, tem-se as igrejas mencionadas nesse trabalho (Assembléia de Deus, IURD e Quadrangular) embora, no atual momento, haja exceções a essa regra, com o caso mencionado por Fátima Weiss, e um novo conceito de igreja cristã evangélica, de orientação homossexual, as chamadas “Igrejas inclusivas” (JESUS, 2013).

Além do exemplo acima, das igrejas inclusivas, outras religiões também lidam com a homossexualidade sem qualquer forma de repúdio, mostrando um paradoxo ainda num contexto religioso, embora o caso aqui mencionado se atenha a religiões de matriz africana, apontadas por Ruth Landes, cuja fala está presente no livro “Cidade das mulheres”. No caso apontado por Landes, existe a aceitação de homossexuais, inclusive ocupando alta hierarquia dessa vertente religiosa, sem gerar, com isso, qualquer conflito ou rejeição pelos seus seguidores. Mesmo que, nesses casos, os cargos tenham sido, antes, predominantemente ocupados por mulheres.

Na comunidade negra na Bahia, no Brasil setentrional, circunstâncias incomuns encorajam certos homossexuais passivos a forjar um novo e respeitado status para si mesmos (...). Contudo, é esta classe que hoje dá líderes nos cultos predominantes (candomblé) da Bahia (LANDES, 1967, p.284).

É interessante observar que a rejeição aos homossexuais é motivada não pelo ódio a esses sujeitos, mas, a meu ver, na opinião dos evangélicos, a condição dessas minorias está ligada a um caso de doença, no qual esses homens e mulheres estão “sofrendo”.

Considera-se que este *pecado sexual* é perpetrado por indivíduos que têm *diabo no corpo* ou que estão sob influência de pombas-gira e outros exus. Esses argumentos, de teor cosmológico, configuram uma percepção físico-moral da homossexualidade, na qual o pecado abre *brechas* na corporalidade. O demônio instila sensações, movimentos, contrações involuntárias, [...] no momento cabe enfatizar que a luta contra a homossexualidade enseja a participação ritual e processos de purificação na resolução de um *problema espiritual* (NATIVIDADE, 2006, p. 4).

A inserção de homossexuais não é proibida, porém a permanência nessa condição sim, pois a proposta de sua frequência deve se dar pela cura a esse “mal”, pois o mesmo é visto como resultante de uma desestrutura familiar, sendo decorrente de problemas espirituais e de identidades (NATIVIDADE, 2006).

É nessa perspectiva de análise, que abarca a rejeição aos homossexuais, que pretendo nortear o presente trabalho nos capítulos seguintes, dando ênfase principalmente aos fatores que impulsionam e alimentam tal resistência. Contudo, as três igrejas aqui mencionadas possuem grande expansão na capital Belém, permitindo que as tensões entre emoções e moralidades, entre evangélicos e homossexuais ganhem um novo protagonismo social, palco da minha observação.

Uns procuram legitimidade para suas opiniões, reivindicando a “objetividade” da ciência, outros invocam a autoridade de Deus (e é curioso notar que um único deus pode legitimar tantas diferentes formas de encarar a homossexualidade), enquanto os movimentos homossexuais invocam a legitimidade de representação de uma minoria oprimida. (FRY e MACRAE, 1985, p.14).

A homossexualidade está presente em diversos contextos da vida do ser humano, porém, em alguns casos, é invisibilizada, principalmente quando há necessidade de se reforçar a identidade e o papel do “macho” nas estruturas sociais. Essas estruturas heteronormativas, segundo Judith Butler (2003), são oriundas da ficção binária acerca do sexo, macho e fêmea, sob um determinismo biológico (pênis-macho-homem/ vagina-mulher-fêmea), construindo, assim, uma diferente identidade social entre papéis que assumem e reproduzem homens e mulheres.

O auto reconhecimento enquanto homossexual, pelo que percebo por experiência empírica, bem como pelos discursos dos interlocutores desse trabalho, quase sempre foi um grande desafio para qualquer sujeito que a este grupo pertença, pois não é uma tarefa fácil, se pensarmos nos mecanismos de repressão social mantidos historicamente em nossa sociedade. Entre os fatores que contribuem para isso, um são as instituições que, no geral, são a base da formação e da inserção do sujeito na sociedade (escola, família, igreja etc.). A prova disso, bem como dos mecanismos aqui citados, pode ser enxergada por meio da atuação dos evangélicos sobre o Estado, assim como mediante a luta pela intervenção na esfera pública, como infere Christina vital.

O pastor esclarece que não é a igreja ou os evangélicos que precisariam da política, argumento comumente articulado pelos seus críticos e por pesquisadores, para obterem concessões públicas de rádio e TV, para o fortalecimento de suas denominações, para a realização de shows e eventos evangélicos, tais como a Marcha para Jesus. Na leitura que Malafaia faz e apresenta aos interessados em escutar a sua mensagem, seria a sociedade brasileira que precisaria dos evangélicos para barrar o avanço do que seria lido como as forças do mal sobre os cidadãos (VITAL,2013, p.22)

A adolescência, enquanto fase de maior propensão para descobertas da vida sexual (não que antes dessa fase não houvesse) traz muitas experiências homossexuais vividas por meninos e meninas, porém tais experiências não apagam atos de repulsa e de discriminação aos homossexuais, mantendo, assim, um estereótipo do homossexual como estranho ao que normalmente é imposto e deduzido como natural ao ciclo da vida.

Era na tensão com os pais, nos comentários e nas relações de outros familiares, de colegas da escola, de pessoas conhecidas na aldeia ou na cidade, na convivência com um grupo de pares e nas relações eróticas e/ou afetivas com as pessoas do mesmo sexo – as quais poderiam ser um primo, um tio, um vizinho, geralmente mais velho – que se dava a percepção de uma sexualidade não heteronormada (ARAÚJO, 2016, p. 13 e 14).

Não considerando, com isso, que tal prática homossexual esteve presente em algum momento da descoberta da sexualidade de muitos homens e mulheres, observa-se o desconhecimento que o homem faz de suas próprias experiências que, de certo modo, ajudaram no seu amadurecimento sexual e que, todavia, deveriam ajudá-lo a compreender a diversidade sexual existente no mundo.

O sujeito é percebido e se percebe como uma mônada inteligível em si mesma e com realidade anterior a qualquer outra, o que significa dizer que possui um estatuto de precedência lógico-valorativa sobre qualquer relação social (HEILBORN, 2004, p. 25).

Como constatado por outros campos de conhecimento, bem como afirmado pelos interlocutores dessa pesquisa durante os anos 2013 e 2014, a homossexualidade não se trata de uma opção, mas tanto pode ser permanente em um sujeito, quanto também pode estar presente apenas em uma etapa de descoberta da sua vida sexual, a exemplo do que ocorre com muitos jovens na fase da puberdade.

Ao falar-se de homossexuais, é importante mencionar que, ao longo do tempo, muitas foram as ações de exclusão, segregação e discriminação a esse público, tanto nacional quanto regionalmente. Com isso, criou-se uma ideia específica ao se falar de espaço para eles, são esses: *espaços públicos* e *espaços de diversidade*. Os primeiros estão relacionados a todos os lugares de frequência comum a todo tipo de pessoa, em que, no geral, os homossexuais

sempre sofreram, e ainda sofrem, repressões sociais. Os segundos são espaços construídos sob lógica de atender ao público homossexual e afins.

Para o público homossexual, as suas relações íntimas, de namoro, de paquera entre outros, são realizados nos *espaços de diversidade*, lugares geralmente reservados e com pouca visibilidade nos contextos urbanos, também denominados de *guetos da sexualidade*, no contexto de Belém- PA, essa realidade não é diferente, como afirma antropólogo Ramon Reis (2012), ou seja, suas emoções e relações são, no geral, invisibilizadas no âmbito social.

A dicotomia sobre o conceito de espaço para homossexuais é um dos fatores peculiares com que esse grupo vem lidando ao longo tempo, que os tornou protagonistas de ações de resistência, bem como de atenção para muitos antropólogos. A maioria desses espaços, apontados e estudados por vários antropólogos, não são espaços religiosos, uma vez que a atuação de homossexuais em frentes religiosas tem se dado de forma muito tímida.

Como consequência dessa realidade homossexual, há a necessidade, em muitas cidades e capitais, de expandirem movimentos e espaços voltados ao público de diversidade. Quando o recorte é Belém, essa realidade não é diferente, como apontou o antropólogo Milton Ribeiro, que contabilizou, para sua pesquisa de mestrado, em 2012, cerca de seis boates e espaços de sociabilidade nesta cidade, sendo estes: Malícia, Lux, Hache, Rainbow, Vênus e R4 Point e dois bares também de frequência do mesmo público: Bar da Ângela e Veneza; além de duas saunas e um “cinema de pegação”.

As várias formas de violência aos homossexuais, ao longo do tempo, quase sempre foram justificadas, não somente pela noção cristã de pecado, mas também pelo conceito de homem heteronormativo como promovedor das principais ações do mundo, tanto dentro quanto fora de casa. Sua ação de dominação, imposta em uma relação patriarcal, foi quase sempre enxergada como normal, ao ponto em que, caso algo se desvie desse fator preponderante, será visto como um insulto à masculinidade.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2012, p. 17).

Ainda conforme aponta Landes, ao se falar do público homossexual, não é possível relacioná-lo diretamente a um grupo homogêneo. As distinções entre eles existem e essas distinções fazem parte do mote em que cada sujeito se insere ou precisa se adaptar, seja por

conveniência, seja por necessidade de sobrevivência, isto é, no modo como lidam com as imposições, hierarquias e contextos sociais.

A homossexualidade masculina ocorre com muita frequência, mas o ponto em que se torna um problema social varia com as atitudes que diferentes culturas tomam em relação a ela. Uma dessas atitudes especiais é que distingue rigorosamente entre ativo e passivo. Um ou outro pode ser objeto de vigorosa condenação social e, em consequência, viver como um proscrito, enquanto ao outro se reconhece um papel na sociedade (LANDES, 1967, p. 283).

Ainda que haja, historicamente, uma rejeição sobre os homossexuais masculinos e femininos, ambos sempre estiveram presentes em nossa sociedade, contudo quase sempre invisibilizados, principalmente quando um país ou cultura, seja ela qual for, submeta-se às doutrinas e aos dogmas do cristianismo, a exemplo do Brasil.

Nas sociedades industrializadas, como é o caso da sociedade brasileira, existem vários “papeis homossexuais” variando de religião para religião e de segmento social para segmento social. Além disso, estes “papeis homossexuais” se transformam ao longo do tempo paralelamente a outras transformações sociais (FRY e MACRAE, 1985. p. 12).

O trabalho em questão enfatiza, antes de tudo, o quanto nossa sociedade se mantém despercebida acerca da complexidade existente no universo homossexual, tal característica, no que tange à espiritualidade, não é diferente. Complexidade que sustenta, e sustentou, a permanência desses sujeitos em diversos espaços religiosos, pois o homossexual não é apenas uma definição ligada ao sexo, mas se volta a toda uma construção social presente em diversas realidades, bem como lida com as problemáticas corriqueiras do dia a dia, como qualquer outro sujeito.

Outro fator importante a se ter em conta quando vemos a relação entre religião e sexo com pessoas do mesmo gênero, é que a persona homossexual é, até certo ponto, uma construção contemporânea. O próprio conceito de homossexual só foi inventado no século XIX. Sexo entre pessoas do mesmo gênero é algo que sempre existiu, mas nem sempre a sexualidade intergênero foi vista como um fator de identidade, como é o caso da sociedade ocidental hoje (ENDJSO, 2014, p.154).

Quando faço a proposta de analisar o fenômeno da frequência de homossexuais em espaços religiosos evangélicos, deixo evidente a importância de apontar para uma questão identificada pelos sujeitos homossexuais entrevistados durante os anos de 2013 e 2014, na qual puderam esclarecer que reconhecem uma resistência a eles construída nesses espaços, porém a ida deles a igrejas evangélicas não ocorre por acaso, pois confirmam, antes de tudo, que há uma necessidade pessoal e espiritual de se fazerem presentes nesses espaços, ainda que haja um contexto de rejeição posto por essas instituições, assim como não se veem fadados a apenas frequentarem espaços de diversidade.

O bem-estar desses sujeitos (homossexuais) nesses ambientes não significa que eles sejam bem recebidos ou aceitos, mas, para essa frequência ser possível, é necessário que eles criem subterfúgios dentro das instituições, capazes de traduzir como “invisibilidade religiosa”, ou seja, como mecanismo de “blindagem social”, fazendo uso de acessórios e de vestimentas específicos da rotina dos outros membros da igreja. Todos esses rituais são reproduzidos a fim de que possam passar despercebidos enquanto homossexuais. Os mesmos frequentam e, em alguns casos, forjam um comportamento “hétero” dentro desses estabelecimentos para não serem identificados enquanto destoantes da cultura religiosa ali reproduzida. Esse desdobramento é motivado pelo plano da normalidade no qual eles percebem que se estabelece sobre a condição de heterossexual, homem e mulher, ou seja, enquanto homossexuais, veem a necessidade de todo esse subterfúgio mencionado para estarem nas igrejas sem serem percebidos, o que podemos também chamar de uma condição “dentro do armário”.

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em Peter Pan, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam (SEDGWICK, 2007, p.22).

As formas de invisibilidades construídas pelos interlocutores só confirmam o que já sabemos, porém impressiona que, mesmo diante do cenário de rejeição, há uma sensação de bem estar sentida por eles, que os motiva a permanecerem nesses espaços. Por meio de uso de acessórios e de caracterizações de aproximação evangélica, os homossexuais, foco deste trabalho, fazem uso de certa indumentária, que torna possíveis e “discretas” as frequências nesses espaços, sem sofrerem qualquer sanção ou intolerância. Ao aderirem a todo o sistema simbólico e material dessas igrejas, passam despercebidos enquanto homossexuais, como mostra o relato abaixo, do interlocutor da presente pesquisa, que vive, nos dias de hoje, essa realidade.

- Eu não preciso dizer que sou gay, uma vez que a minha vestimenta corresponde a qualquer um que está ali e eu procuro ser discreto e não agir de uma maneira em que eles possam me ver como gay, por isso, tudo fica “normal”, e eu continuo frequentando a minha igreja, pois me sinto bem e sei que Deus não faz distinção do homem, mas quem o faz é o próprio homem de si (NAZO)¹⁶.

¹⁶ Fala do interlocutor da pesquisa, obtida por conversa gravada em 2014, o mesmo frequenta a igreja Assembléia de Deus e concedeu a autorização para o uso de sua fala na pesquisa.

Os comportamentos ganham suas devidas representações conforme são postos em determinado contexto, passando a fazer parte de toda uma representação simbólica, sendo normais ou não a um grupo. Um exemplo disso é que vemos, nos grupos denominados evangélicos em Belém, vestimentas e acessórios, usados dentro e fora da igreja, que estão diretamente associados a sua relação moral e de afirmação do seu espaço na sociedade. Do uso constante da bíblia à vestimenta, tudo é pensado com muita cautela, afinal, segundo análise empírica, as roupas e os acessórios representam a própria presença de Deus na vida do sujeito que se denomina evangélico. Pesando nisso, não obstante, os homossexuais que entram essas instituições aderem ao uso da indumentária evangélica não somente para não serem percebidos, mas para serem aceitos e acolhidos, mesmo diante dos bloqueios a eles criados. A imagem a seguir retrata o diferencial dessa dupla forma de se vestir que facilita, consequentemente, adentrar as instituições evangélicas- pentecostais e neopentecostais.



A imagem apresentada acima corresponde ao um dos interlocutores da pesquisa, e sua publicação foi autorizada em conversa gravada no ano de 2014. Na primeira imagem, da esquerda para direita, o interlocutor Nazo (que preferiu ser chamado assim), usa uma roupa “descolada”, típica de finais de semana, ou de quando sai para qualquer outro espaço de diversão (cinema, praça, lanchonete etc.); na segunda imagem, a sua vestimenta e o uso da bíblia na mão esquerda são específicos para ir à igreja, no seu caso, a IEQ.

Os objetos e acessórios criam, nesse sentido, uma representação que, para os homossexuais, torna-se essencial e o que condiciona a frequência com que é praticada justifica-se pelos momentos em que não desejam ser identificados como tais. Assim, a indumentária, nesse contexto, bem como em tantos outros, não é algo superficial, mas um reforço à representação identitária de um grupo de pessoas, bem como de sua cultura, sendo uma marca diferenciadora entre esses e os demais, ou para quem está dentro ou fora de um contexto, como foi apontado no trabalho de Mylene Mizrahi, em seu artigo publicado em 2007, no qual a autora afirma ser a indumentária um mecanismo de identificação social. Mesmo o seu trabalho tendo sido sobre recorte de um baile funk, é possível sustentar que ambos os gêneros utilizam uma estética igualmente híbrida e transgressora, de modo a afirmar um mesmo posicionamento ambíguo perante o “mundo oficial” (MIZRAHI, 2007, p. 255).

É perceptível que a frequência em igreja evangélica e sua eficiência quanto à transformação da vida individual e social de um sujeito tornam-se marca dos discursos de membros que ali se fazem presentes. As mudanças ocorridas enquanto resultado de vida expressam uma necessidade, bem como motivam a permanência e a frequência de indivíduos em tal estabelecimento religioso. Esse fator também se encontra presente nos discursos dos homossexuais e torna-se uma marca diferencial em sujeito que se autoidentifica como gay ou lésbica, portanto, configura-se como um motivo a mais para que eles se detenham e permaneçam frequentes nesses espaços e não em outros.

É curioso notar como as igrejas-sejam elas Universal, Quadrangular, ou Assembléia-são vistas como espaços conservadores da religião protestante, o que, no geral, reproduz a repulsa aos homossexuais e a muitas outras coisas da vida mundana, porém, mesmo diante desse cenário de rejeição, promove, conforme podemos notar, nesses homossexuais, um “bem estar” capaz de motivá-los a uma relação de sociabilidade com esses espaços, que se reproduz no modo como esses sujeitos enxergam o mundo e também em como se comportam.

Na opinião desses interlocutores, nada os impede de frequentar tais espaços religiosos, uma vez que eles se sentem bem nessas instituições, ou mesmo, que não há necessidade de eles se distanciarem de Deus por conta da homossexualidade, uma vez que Deus não faz acepções de pessoas. “*Vinde a mim todos vós que estais casados e sobrecarregados e eu vos aliviarei*” (Matheus 11:28).

É estranho imaginar, em um primeiro momento, que o mesmo espaço de rejeição e de resistência aos homossexuais torne-se um espaço de sociabilidade para eles. Considerando que, fora das igrejas, e como já mencionados, existe espaços, ainda em Belém, reservados ao grupo homossexual, como aponta Milton Ribeiro:

Assim, na luta por visibilidade, pessoas marcadas pelo estigma das sexualidades e gêneros dissidentes tendem a manifestar-se através do grito/escândalo ou reclusão total (mantem-se no armário, na reserva), que servem como estratégias diferenciadas de proteção e defesa às manifestações de preconceito e discriminação, porém existem inúmeras maneiras de se construir e vivenciar esses gêneros e as sexualidades seja na vida off-line, nos bares e boates, banheiros públicos, praças ou em qualquer lugar que possibilite a “pegação”, seja online, através da internet (FILHO, 2012,p.32).

Em 2014, ainda como resultado de pesquisa de campo, feita somente com sujeitos assumidamente homossexuais que frequentavam igrejas evangélicas, pude encontrar um ponto em comum na fala dos interlocutores: eles respeitam a posição da igreja contrária a sua sexualidade, embora acreditem estar em condições diferenciais em relação à imagem que os evangélicos possuem sobre a homossexualidade, tornando-se um dos motivos por estarem fazendo uso desses espaços pentecostais e neopentecostais. Segundo um dos interlocutores: *Se a busca do seu bem-estar é alcançada naquele local, não tem porque eu parar de frequentá-lo*¹⁷. E ainda, em outra fala de um interlocutor, o mesmo confirma que há, sim, repressão aos homossexuais, porém ele não é percebido como tal, e, por esta razão, tira proveito e se beneficia como pode: *vou à igreja pelo simples fato de querer me encontrar com a espiritualidade, não vou lá pra querer a opinião do homem né? Ou seja, de quem está no púlpito, mas sim me encontrar na paz de Deus dentro do ambiente, né?*¹⁸.

Além da questão exposta acima, a frequência desses homossexuais em igrejas evangélicas apresenta, como resultado (grifos meus), os seguintes fatores: a busca por independência financeira e a perspectiva de moradia com seus respectivos “parceiros amorosos”, apresentando, assim, um diferencial no seu modo de viver desses atores, que não cabe dizer se melhor ou pior. E, dessa forma, também aponto o cuidado com o outro, a disciplina social-familiar e a busca constante por uma aproximação com Deus, os quais resultam em certo conforto espiritual, manifestado nos rituais cotidianos, os quais não pude descrever, até o momento, com precisão, mas esses resultados, que se refletem tanto dentro quanto fora das igrejas, motivam, conforme constatado através das entrevistas, a permanência desses homossexuais em tais espaços. Logo, a doutrina religiosa evangélica acaba sendo benéfica, de certo modo, a esses atores que ali frequentam, apesar de a própria igreja os desconhecer ou recusar a homossexualidade.

Esclareceu-se e, de certa forma, foi essa a pretensão, que são muitos os dilemas vividos por vários homossexuais, como a aceitação em determinados espaços, contudo consigo apontar que, decerto, serão aprofundadas, mais adiante, as várias formas com que a

¹⁷Interlocutor “W”, que contribuiu com a pesquisa em 2014.

¹⁸ Interlocutor Mendes, que contribuiu com a pesquisa em 2014.

religiosidade evangélica se faz presente na vida e mundo homossexual. E, na análise de suas histórias de vida e discursos, que se disseminam em contextos religiosos, mantém-se a lógica de romper com formas tradicionais da vida humana tradicional. Essa relação atípica com o diferente e o fenomenológico deu margem para prosseguir com o processo de investigação sobre a inserção de homossexuais em espaços pentecostais e neopentecostais, tentando entender as formas como a vida desses sujeitos se alteram a partir da frequência nessas igrejas, percebendo as relações que fazem parte do cotidiano desses atores, seja nas doutrinas, seja nos dogmas dessas instituições. Acredito que por meio de um trabalho etnográfico, é possível entender todo esse universo de blindagem e, ao mesmo tempo, de sociabilidade dos sujeitos homossexuais e suas inserções em igrejas evangélicas.

É sob a perspectiva desses 6 sujeitos, mencionados ainda na introdução, que o trabalho etnográfico será desenvolvido e comporá os próximos capítulos, norteando alguns pontos objetivos que serão mencionados abaixo e, decerto, essenciais para entender, bem como para descrever o fenômeno em questão, o qual denomino como uma controvérsia social, considerando o contexto histórico dessas duas realidades postas (homossexuais e igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais).

- 1) Descrever a trajetória de vida e cotidiano dos sujeitos homossexuais, tanto dentro quanto fora da igreja, e a influência dessa frequência na rotina dos interlocutores desta pesquisa.
- 2) Analisar os efeitos da frequência dos homossexuais nas igrejas pentecostais e neopentecostais, em decorrência dos encontros, orações e doutrinas a eles repassados, atentando para os diferentes discursos elaborados dentro dessas instituições.
- 3) Identificar as estratégias de resistência construídas pelos interlocutores a partir dos discursos de rejeição institucionais e oficiais das igrejas, além das formas de invisibilidade como cada um deles os produz e reproduz para não serem percebidos enquanto sujeitos homoeróticos.

CAPÍTULO II

Discursos e falas dos dissidentes homossexuais em igreja evangélica

Se ser gay é estar em pecado, ok, mas onde na bíblia diz que existe um pecadinho e um pecado?! Nascemos pecadores, independente do que cometemos. Aliás, não existe diferença ou tamanho de pecado, pois o que nos tornam diferentes em determinados espaços é o preconceito que se estabeleceu sobre nós, mas digo que, seja onde for que nós busquemos a Deus, ali ele vai se deixara achar (MENDES, 2016)¹⁹.

A proposição que apresento aqui parte sempre do fato fundamental de que [...] as atitudes últimas possíveis para com a vida são inconciliáveis, daí sua luta jamais chegar a uma conclusão final (WEBER, 1982, p.179).

Não poderia deixar de expor, no início desse capítulo um dos principais motivos que me trouxe até aqui, ou seja, a necessidade de pesquisar acerca da frequência de sujeitos assumidamente homossexuais em igrejas evangélicas, questão que se resume a uma pergunta, resultado de uma experiência de 5 anos na igreja universal: *Afinal, porque eu saí e eles continuaram?* Ora, essa pergunta nada enseja senão uma visão binária sobre os campos da religiosidade e da sexualidade, visão binária essa que é sustentada por um conjunto de regras e de valores, expostos e pregados em maioria das igrejas evangélicas as quais pude frequentar, o qual consiste em dividir a sociedade em dois polos, são eles: os convertidos e os salvos (homens e mulheres de “Deus”) e, do outro lado, os *mundanos*, pessoas que não estão salvas e estão na prática do pecado, ou seja, os não convertidos a qualquer instituição religiosa.

Esse binarismo entre salvos e ao salvos coloca os evangélicos numa posição de enseja à atuação da mesma na sociedade, uma espécie de missão com o mundo (quem é salvo quer salvar²⁰). Sendo assim, a visão binária do mundo se estende uma visão antagônica entre: sexualidade e religião, ligando a prática da sexualidade a uma das muitas formas de pecado, que conduz o ser humano ao inferno, ou seja: religião conduz a salvação, sexualidade, à perdição, à condenação, ao pecado e à morte. Essa visão acompanha o mundo que percebi aos vinte anos. A partir desse capítulo, mostro como ela passou a ser desconstruída, tendo por base as narrativas e as histórias de vida dos interlocutores desse trabalho. Aliás, qual a necessidade desse capítulo senão tentar, por meio do diálogo dos interlocutores aqui expostos, contribuir para os estudos que apontam para a possibilidade de pessoas assumidamente homossexuais frequentarem igrejas religiosas evangélicas? A exemplo, citam-se os estudos já

¹⁹Entrevista concedida durante a primeira parte da entrevista de campo, com interlocutor denominado Mendes.

²⁰Palavras expressas por um obreiro durante a pesquisa de campo, quando perguntado acerca de qual era sua participação na igreja.

existentes como: o casos de igrejas inclusivas com a aceitação de travesti, como mostra Fátima Weiss de Jesus, na realidade de Igrejas inclusivas em São Paulo. JESUS (2010), bem como Marcelo Natividade, no contexto do Rio de Janeiro, da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) (NATIVIDADE, 2010).

Por que não dizer (?!), para além de interlocutores desse trabalho, os personagens em questão, passaram a ser bem mais do que isso, tornaram-se, nos últimos anos, meus amigos, atores envolvidos em fatos pessoais, com os quais aproveitei o viés de situações emblemáticas minhas, para perceber, por meio deles, novas formas de enxergar o mundo, a religião e a homossexualidade. Afinal, esses atores, os quais aqui serão apresentados com mais minuciosidade, ao contrário do capítulo anterior, mostram que é possível ser homossexual e, mesmo assim, estarem inseridos em uma igreja evangélica, permitindo entender a inexistência de uma hegemonia a respeito do antagonismo pulverizado pela mídia sobre homossexuais e igrejas evangélicas e, ainda que haja, é possível para eles construírem novas formas de crer, aglutinado a formas de resistir.

Para os interlocutores desse trabalho, como mostrarei a seguir, não há necessariamente uma contradição acerca do seu presente e futuro nas instituições evangélicas, embora esse tenha sido um dos meus pontos de partida para construção desse trabalho ainda na graduação em Ciências Sociais. Ao contrário do que pensava e das minhas presunções, as igrejas evangélicas, atualmente, não mantêm uma vigília constante para reprimir os homossexuais entre outros gêneros, no que tange às igrejas específicas com as quais trabalho (Universal, Quadrangular e Assembléia de Deus), embora cada uma lide com a questão a sexualidade, de acordo com suas devidas especificidades, variando segundo o pastor ou dirigente de cada denominação evangélica em questão, todavia é inerente às mesmas a questão, como mostrarei adiante, da rejeição e da não aceitação aos homossexuais.

Contudo esse ranço não se faz constante nas igrejas, o que abre brechas, de acordo com o contexto social de cada interlocutor, para a entrada e para a permanência desses atores e (por que não dizer?!) as igrejas evangélicas não giram somente em torno de mecanismo de repressão a sexualidade e/ou a moralidade? Todo modo, pelo que percebi em campo, as igrejas aqui mencionadas também possuem outros fatores contextualizados à realidade de social dos personagens aqui apresentados.

Ao contextualizar-se a questão da homossexualidade em Belém, é inevitável remeter ao pioneiro trabalho de Fry, na década de 70, na capital paraense, cuja construção de sua pesquisa se deu por meio da contextualização de experiências, práticas e de vivências da homossexualidade na cidade em questão (FRY, 1982) ainda que as reflexões trazidas por este

autor façam conexões de suas próprias experiências entre as cidades de São Paulo e Belém (GONTIJO, 2016).

Contudo é possível perceber que a dinâmica de gênero e de diversidade sexual não se limita a espaços públicos, boates, bares, festas etc. no que se refere à capital paraense. Fé, pelo que relata o interlocutor a seguir, pode direcionar um sujeito a uma dinâmica social, nos mais diversos grupos religiosos e, no caso de Belém, propus-me a avaliar essa mesma dinâmica em igrejas evangélicas.

Acredito que a fé faz parte da vida do homem e é ele quem decide onde manifestá-la, pois a resposta obtida na conexão entre homem e Deus, pode se dar em qualquer espaço, por isso esta aqui (igreja) me remete à ideia de que, enquanto homossexual, posso estar em qualquer lugar, pois vejo como uma forma de resistência ao que dizem sobre os homossexuais. (Oliveira, entrevista em junho de 2017).

Para melhor suscitar os diálogos que serão expostos aqui, que são resultado da minha inserção de campo, discorrerei sobre cada um dos interlocutores, fazendo um paralelo entre a igreja, o seu cotidiano e o que alguns teóricos falam a respeito do assunto. Assim, as descrições etnográficas a seguir estarão na ordem do quadro sinóptico que apresento na sequência, com pseudônimo, idade, igreja que frequenta e sexo tempo de frequência na igreja e relacionamento amoroso.

	Pseudônimos	Idade	Igreja frequentada	Sexo	Escolaridade	Profissão	Tempo de frequência na Igreja	Relacionamento amoroso
1°	Azevedo	22 anos	Universal	Masculino	3° grau incompleto	Estagiário de psicologia	Desde os 15 anos	Namorando em 2017
2°	Jhon	22 anos	Assembléia de Deus	Masculino	3° Grau incompleto	Estudante	Desde sua infância (evangélico de berço)	Solteiro em 2017. Em 2016 estava namorando
3°	Nazo	32 anos	Quadrangular	Masculino	3° Grau incompleto	Atendente de supermercado	Há 5 anos	Namorando desde 2015.
4°	Lai	37 anos	Universal	Feminino	Mestre em antropologia	Professora	Aproximadamente desde os 10 anos (a mesma não	Em um relacionamento estável desde os

							soube precisar o tempo de frequência).	seus 15 anos de idade.
5°	Oliveira	19 anos	Assembléia de Deus	Masculino	Ensino médio completo	Autônomo	Desde a infância (evangélico de berço)	Solteiro em 2017. Até o término da pesquisa de campo.
6°	Mendes	39 anos	Quadrangular	Masculino	Especialista em Educação	Assistente penitenciário	24 anos de frequência, oscilante.	Solteiro em 2017. Até o término da pesquisa de campo.

Quadro sinóptico: AVIZ, 2017.

Começando as descrições:

Numa viagem para a ilha de Mosqueiro (litoral da região metropolitana de Belém), em um dos finais de semana de outubro de 2013, tive a oportunidade de conhecer o interlocutor de número 1 (um) do quadro sinóptico acima. Que aqui, e com o seu consentimento, denominei Azevedo. Naquele momento, Azevedo fazia parte da marinha, instituição na qual tinha acabado de ingressar, e o mais interessante é que, naquele mesmo período, tinha assumido para si sua homossexualidade. Nesse percurso, e em uma longa conversa na beira da praia, muitos diálogos convergiram e divergiram entre si, dentre eles os que envolviam família, namoro, sexo e o mais importante para o meu trabalho, religião. Eu me apresentei, ao mesmo como ateu, descrevendo meu histórico de vida o qual, naquele momento, leva-me à descrença na existência de Deus, bem o contrário do discurso apresentado por Azevedo, cuja prática religiosa era tão frequente e rotineira quanto sua vida sexual. Nesse momento de divergência, percebi o quanto os fatores intrínsecos a sua interpretação de mundo permeava sua manutenção na crença em Deus, foi quando perguntei se o mesmo pertencia a alguma igreja e, como esperado, sua resposta foi sim. Precisamente a Igreja Universal.

Naquele período, eu já estava pesquisando acerca da presença de homossexuais em igrejas evangélicas e aproveitei o momento e ocasião para incitá-lo a falar mais sobre essa permanência na igreja. Critiquei, na oportunidade, a igreja Universal e perguntei o que o mesmo fazia em um espaço onde os ranços são centrados em práticas comuns da vida cotidiana, principalmente acerca dos discursos de antagonismo social sobre quem está dentro ou fora da igreja (na categoria Êmica, são os chamados: convertidos e incrédulos ou

mundanos, se convertido, subtede-se que está dentro da igreja praticando a fé em Deus, se incrédulo ou mundano, está fora da igreja na prática do pecado e irá para o inferno) além disso, ele, sendo homossexual, era conduzido a acreditar que estava com uma pomba gira no corpo (Natividade, 2006). É nesse momento que a história de vida Azevedo começa a ser narrada aos poucos, principalmente com na tentativa de defender um posicionamento contrário ao meu, trazendo, com veemência, o discurso seguinte:

Eu sei que posso, talvez, tá errado em praticar a homossexualidade, mas eu creio que todo mundo precisa acreditar em Deus e, sem dúvida, depende muito da experiência que cada pessoa tem com Deus. Meu pai, em certo momento da minha infância, esteve muito doente e nós não sabíamos mais o que fazer pra conseguir a cura dele. Minha mãe começou a frequentar a igreja universal e, por meio de uma corrente²¹ e muita oração, conseguimos a cura do meu pai. Isso fez com que tanto minha mãe tanto quanto eu passássemos a permanecer na presença de Deus. Ou seja, eu vi Deus nos abençoar naquele lugar.(Azevedo, entrevista em julho, 2017).

Pelo que é possível entender no discurso de Azevedo, sua crença em Deus, bem como sua permanência na Universal, veio acompanhada de um histórico social que despertou o interesse e a permanência em tal instituição, envolvendo o processo de cura do seu pai (vivo até hoje). Ao que parece, a igreja desperta, no sujeito, uma reflexão sobre a atuação de Deus, bem como sua eficiência na prática e no exercício da fé, cuja ação resulta nos fenômenos e funcionalidade de todos os rituais ali postos, os quais também foram apontados por Marcelo Tadvald.

Além do motivo financeiro, é importante destacar que a liturgia iurdiana manifesta e realiza sua ideologia acerca de diversos aspectos, como a sua concepção de cura, de fé, do bem, do mal, de conversão etc, ou seja, de todo o imaginário que deve ser transmitido para os fiéis e compartilhado entre eles (TADVALD, 2014, p.3).

A conversa sobre a crença e o resultado do uso da fé em Deus, por meio da frequência na igreja Universal, estava longe de terminar. Razão pela qual permaneci mantendo contado, por muito tempo, com esse personagem, que veio a contribuir para a construção do meu TCC em 2014. Por um lado, o meu percurso acadêmico, em transição da graduação para o mestrado, fez com que, diversas vezes, mantivéssemos contatos e compartilhássemos experiências, nas quais quase sempre, os fatos vivenciados por Azevedo ele remetia à ligação com Deus, ao elo que, constantemente, precisava ser nutrido. E, por essa sua constante

²¹Categoria êmica para prática constante de um ciclo de orações e o culto, sob um determinado propósito ou objetivo, que varia de acordo com a necessidade do fiel e pode ser em busca da cura, libertação, resolução de problemas financeiros, causa na justiça etc.

conexão com Deus, diversas vezes, divergimos de ideias e, às vezes, confesso, de forma proposital. Frequentemente, instigava Azevedo a externalizar sua relação religiosa com Deus, percebendo como esse discurso o construía seu modo de ver o mundo. Em certo diálogo, um pouco mais recente, já com o propósito de contribuir com a dissertação, ascendeu o seguinte debate:

Pesquisador: Sim... às vezes não entendo, as pessoas oram a Deus, dizem que ele tem poder pra tudo e por que, então, isso não se esgotam o sofrimento as violências, assaltos, sequestros, doenças etc. Fico me perguntando onde e como podemos ver Deus nesses fatos?

AZEVEDO: Alan, Deus dá o livre arbítrio para as pessoas fazerem o que quiserem com suas vidas, inclusive a maldade, porém é certo, de acordo como já vi na bíblia, tudo que a gente planta, a gente colhe. E a palavra de Deus disse: No mundo tereis aflição, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.

Pesquisador: Ok, Azevedo, mas tu já paraste pra pensar, que nós, homossexuais, podemos sofrer tudo que nós sofremos, e segundo as interpretações bíblicas eu e você iremos pro Inferno?

AZEVEDO: Alan, Deus sabe a sentença de cada um, não são os pastores que decidem. Há uma relação direta entre os indivíduos e Deus, que não passa por explicações bíblicas, tanto prova que, mesmo eu estando em pecado, Deus não deixa de me responder e me abençoar. Outra coisa, existem muitas formas de ser fiel (entre elas o dízimo). Talvez eu cometa, pecado por ser homossexual, porém em outras questões, mostro minha fidelidade com Deus, e tudo isso será julgado no juízo final.

Esse diálogo foi resultado de uma programação que fizemos em uma lanchonete da cidade, na qual, entre os assuntos discorridos estava a violência urbana de Belém, cuja situação que culminou no diálogo se deu por conta de um assalto que houve na casa de Azevedo em 2016, quando bandidos invadiram sua residência e agrediram sua família. Nesse percurso da mesma conversa, perguntei se sua mãe desconfiava que ele era gay e quando, mais ou menos, ele se percebeu enquanto gay e se não procurou se “libertar”²².

- Bom, na verdade, desde os meus doze anos, comecei a ter desejos por homens, porém a situação só ficou mais forte e difícil de se resistir aos 15 anos, porém foi na Marinha que realmente comecei a ter minhas experiências sexuais com homens, ou seja, aos 18 anos. Porém, desde os 14

²²Solução dada pela igreja aos atores homossexuais.

anos eu já frequentava a igreja Universal. O que de certo me privou, durante um tempo, de me permitir algumas oportunidades sexuais. Mas eu entendo que tenho a liberdade como qualquer outro ser humano, de fazer o que bem entendo, como também de manter o sigilo sobre minha vida sexual. Desconfiar... até acho que minha mãe desconfia, mas como ela é membro assídua da Universal, é possível que ela acredite que, por meio de orações, ela conseguirá me libertar desse “mal”.

Nesse entorno da conversa, podemos entender que as experiências sexuais, mesmo no universo homossexual, variam de acordo com o contexto em que o indivíduo vive, ou vivencia suas relações parentais, religiosas e sociais. Penso que, nesse fato apresentado pelo Azevedo, a questão religiosa evangélica pesou um pouco para dificultar a abertura de suas primeiras experiências homossexuais, no que discorre também sobre o mesmo entendimento Fry: Ficou mais que claro que há várias maneiras de compreender a sexualidade masculina no Brasil, e que estas variam de região para região, de classe para classe social e, sobretudo, de um momento histórico para outro (FRY, 1982b, p. 88).

Persistindo nesse diálogo com Azevedo, cheguei ao trabalho de campo voltado para dissertação de mestrado. Para sintetizar melhor as relações obtidas com discursos dos interlocutores, bem como, para fins didáticos, como diz o professor Fabiano Gontijo, meu orientador, organizei a fala dos participantes da pesquisa em 4 sessões, são estas: *experiência de fé em Deus, homossexualidade e família, homossexualidade e igreja e vida social* (antes e depois da frequência ou participação na instituição evangélica, quando houver). Assim, seguem as descrições etnográficas.

Experiência de fé em Deus

Após longas conversas e participação em pesquisa de campo, como observador participante, agendei uma entrevista gravada com Azevedo, norteador o processo de frequência junto a ele na igreja Universal. Tirando dúvidas acerca de alguns rituais observados ali, bem como enfatizando o que cada ritual reproduzido na significava para o mesmo, pois, por vezes, induzem o interlocutor em questão a problematizar suas condutas por distintas ações em sociedade, incorporando ou rejeitando argumentos e noções provenientes de distintas visões de mundo (NATIVIDADE, 2010).

Sentados em uma mesa de lanchonete, em um shopping em Belém, fiz a seguinte pergunta para Azevedo: Azevedo o que é que Deus representa pra ti? Como é sua relação de fé em Deus?

Azevedo: A minha relação com deus, uma relação diferente de todas as relações que tenho com todas as pessoas importantes da minha vida. Há coisas que digo pra ele que só pra ele digo, não digo pro meus pais, não digo pro meus amigos. Porque existem certas coisas que precisam ser dita somente pra Deus, sabe? Como se fosse uma particularidade sua. Eu tenho Deus como se fosse um cantinho só meu, alguém que eu sei que vai me ouvir, que vai me acolher, que não vai me julgar e que vai me entender. Eu acho que, acima de tudo, é isso. Porque, assim, as pessoas podem falar que entendem, que compreendem, que imaginam, mas eu não acredito, acredito assim que Deus tem uma compreensão maior que as pessoas. Então eu tenho Deus, assim, como uma esperança, penso ele como algo presente na minha vida, porque eu acredito que, sem essa concepção da existência de Deus na minha vida, não acho que eu não seria eu.

-Pesquisador: O que é Deus, afinal, pra ti, Azevedo?

Azevedo: Eu acho que se eu pudesse resumir Deus, eu acho que poderia dizer que ele é um abraço, um ouvido, quando eu sempre preciso. Um ouvido que sempre recorro quando preciso falar. Um abraço que é sempre que recorro nos momentos difíceis. Aliás não só nos momentos difíceis, mas quando eu tô nos momentos bons, felizes, eu também lembro dele. Tanto é que eu sou dizimista²³, né? He... ser dizimista, querendo ou não, é um sacrifício. Então, eu tenho Deus como um porto seguro para todos os momentos, mesmo talvez que eu esteja errado em qualquer condição, eu sei que ele vai entender.

Pesquisador: Certo! E, Azevedo, deixa eu te perguntar uma coisa: Você é homossexual né?

Azevedo: Sim!

Pesquisador: Tu acha que, pelo fato de ser homossexual, te distancia de Deus, ou Deus se distancia de você?

Azevedo: Não, eu acho que não, tanto é que isso não é um empecilho pra distanciamento, não acredito que seja um empecilho de maneira alguma.

Essa última fala encerra o entendimento sobre a experiência de fé em Deus, sob fala do interlocutor. Considerando o que já foi exposto no início, sua inserção na igreja, bem como a percepção da manifestação de fé em Deus, se deu quando muito jovem, quando pai de

²³De acordo com o livro de Malaquias cap.3, o dízimo corresponde à décima parte de tudo que passa pelas mãos do homem. E o mesmo deve ser devolvido na “casa de Deus”, que se subtende ser a igreja.

Azevedo, ficou doente e o mesmo, munido da companhia da sua mãe adentraram a igreja Universal e obtiveram o esperado.

Homossexualidade e Família

Já não é novidade sociológica, a complexa e dinâmica relação estabelecida entre família e religião. Esta intrincada relação torna evidente uma questão estrutural na família: O conflito entre, de um lado, a afirmação da individualidade e, do outro, o respeito às obrigações e aos padrões próprios dos vínculos familiares (COUTO, 2005, p. 207).

No percurso do trabalho de campo, segui indagando sobre a relação que Azevedo estabelece com a família, principalmente enfatizando a questão da homossexualidade, na qual é importante frisar que a família do presente interlocutor não tem conhecimento pleno de sua homossexualidade, uma vez que o mesmo jamais confirmou qualquer coisa a respeito. Considerando que sua família, da qual a maioria dos membros é evangélica, não concorda com tal condição, o que reflete diretamente no contexto social do presente interlocutor, e destaco a participação da família, bem como a importância que a mesma ganha na vida, profissional, individual e sexual, convergindo inclusive na maneira como o sujeito lida com seu próprio corpo, no qual as expressões de valores produzidos ao longo da vida, arraigados e conectados com a religião, interferem nas relações situadas no espaço e no tempo, de vida pessoal e individual de todo e qualquer ser humano (COUTO, 2004).

Bom... eu acredito que eles não aceitem, é... Que eles levem a religião ao pé da letra, ao pé da letra até demais. E... Eles não sabe de nada (saber de nada, faz referência à homossexualidade) é... as pessoas sempre falam que eles sabem, mas tenho dúvida, não houve confirmação, mas, assim, é uma coisa minha, eu não tenho vontade de falar. Se um dia eu falar, eu quero estar em uma condição mais independente que agora. Eu acho que a palavra seria é – preparo- eu acho que eu não estou preparado pra falar, até mesmo para receber apoio deles em relação a isso, porque é uma coisa que é particularidade minha, isso não me define como ser humano. (AZEVEDO, entrevista concedida em junho 2017).

Ao que se entende, e por conta de outras conversas, Azevedo pertence a uma família evangélica, porém, o ranço com o qual eles lidam e veem a homossexualidade faz com que ele se contenha a falar da mesma, gerando, em Azevedo, uma visão de particularidade ou individualização da sua homossexualidade dentro da ideia de família. Individualidade essa que gera um sentimento de especificidade de cada agente social (DUARTE, 2008). Nesse

entendimento, perguntei a Azevedo quanto à situação da relação do mesmo com a família, se é conflitante ou não, pelo fato dele ter que esconder sua homossexualidade.

Eu acho só que eles não aceitam, mas acho que talvez lá na frente eles respeitariam minha condição. Mas hoje é conflitante, no sentido de que eu não tenho liberdade pra ser quem eu realmente sou dentro de casa. Mas existe aqueles comentários do tipo: que isso é doença, não é normal, no sentido de ser patológico. Entendeu? Isso não me deixa magoado, porque eu tô muito certo de mim. É que eles pensam diferente de mim, às vezes nem são religiosos, mas costumam usar a bíblia como uma defesa de opinião. (Azevedo, entrevista concedida em pesquisa de campo em Junho de 2017).

Na sequência desse diálogo, mencionei os casos de homofobia expostos por algumas diretrizes religiosas e que foram disseminados na mídia, os quais, em sua maioria, defendiam os valores morais da família, lançando a ideia da conservação da “integridade” moral familiar²⁴.

Azevedo menciona ser importante ter cuidado com cada informação lançada pela mídia e, que decerto, sua família concorda com algumas notícias expostas pelos meios de informação, porém não concordam com tudo. Pelo que descreve, sua mãe, ao contrário de seu pai, é bem mais conservadora em relação à questão religiosa, chegou, em certo momento, a dizer: prefiro ter um filho, ladrão ou assassino do que gay. Hoje, Azevedo reside com: mãe, pai e uma irmã.

Homossexualidade e a Igreja

No prosseguimento do trabalho de campo, exponho o discurso de Azevedo, como fruto das seguintes perguntas: como se dava a relação com a igreja, no que diz respeito a doutrina, comportamento e resistência à homossexualidade? E como o mesmo lida com isso? Considerando a intervenção social manifestada por tais instituições religiosas evangélicas, como o caso da própria Universal, frequentada pelo interlocutor em questão. Essa interferência é explicitada seja na esfera pública, seja na vida privada dos indivíduos membros e não membros, segundo aponta MONTERO (2009). Azevedo, muito preocupado com o ambiente no qual cedia entrevista para o trabalho, pelo que pude perceber, com certo receio de alguém conhecido ouvir o que conversávamos, reduz o tom de voz e responde:

²⁴Ver a reportagem presente no portal G1 da Globo sobre o a postagem de um pastor nas redes sociais, comparando a família homoafetiva com uma pirataria. Acesso 2/07/2017: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/internautas-se-revoltam-com-post-de-igreja-evangelica-de-sao-carlos.ghtml>

Assim, independentemente da opinião dos pastores, independentemente da opinião de pessoas ali, que congregam na igreja, eu vou ali apenas e exclusivamente para buscar a presença de Deus. Eu acho assim, tem certos comentários, certas opiniões de dentro da igreja que eu não concordo em relação à homossexualidade, não é que eu esteja dizendo que a bíblia esteja errada, não é nesse sentido, mas é que há uma má interpretação da bíblia. Mas, assim, é a minha crítica à igreja, ao modo como lidam com a homossexualidade, eu trato como algo a normal. (AZEVEDO, entrevista concedida em pesquisa de campo em junho de 2017).

Ao que se percebe sobre a relação que se constrói entre o Azevedo e a instituição evangélica, não há tanta desarmonia quanto pensado, porém há uma pequena discordância acerca de alguns comentários que, ali, o mesmo percebe. Mas, na visão de Azevedo, não há uma contradição tão severa que rechace sua sociabilidade e a instituição, como infere Marcelo Natividade ao apontar que:

[...] nesse campo compreende coloridos regionais, fornecidos por conceitos emoções oriundas das passagens e das medições realizadas pelos sujeitos entre suas igrejas de origem e um novo estilo de religiosidade, cuja hermenêutica prega conciliação entre uma orientação sexual dissonante de norma de heterossexualidade o exercício da vida religiosa (NATIVIDADE, 2010, p. 2).

Vida social (Antes e depois da frequência ou participação na instituição evangélica)

Um dos fatos que percebi em inserção de campo, como observador participante, nas igrejas evangélicas, em especial na Universal, é: a presença de Deus, por intermédio do discurso e orientação que ali se fazem presentes, tem um poder reformulador da condição social do indivíduo, fato que requer mostrar uma eficácia horizontal de suas ações efetivas sobre uso da fé. A dicotomia marcante entre o mundo e a “presença de Deus” (igreja), direciona essa sessão sob perspectiva, é claro, do Interlocutor Azevedo, tentando enfatizar o discurso apresentado pelo mesmo sob perspectiva inerente às suas frequências na igreja Universal. Assim, desejei entender se haveria um antes e depois da frequência em igreja evangélica e como se dava a dinâmica de vida social desses atores a partir de suas inserções nessas instituições.

Dessa forma, mapeando a questão apontada no parágrafo anterior, prossegui com o diálogo sobre o período em que o mesmo estava na igreja, as nuances suscitaram tentar entender como se deu sua inserção. Azevedo conta que: há alguns anos, por volta dos seus 14 anos, o seu pai esteve muito doente e seu problema de saúde parecia progressivo. Ao adentrar,

por meio de convite de uns parentes, a igreja Universal, Azevedo e sua mãe começaram a estabelecer uma corrente de oração, cujo propósito era a cura do seu pai. O resultado foi alcançado, a saúde de seu pai foi reestabilizada e isso os motivou a permanecer.

Ao que parece, ainda no momento dessa entrevista, mesmo como homossexual, Azevedo marca seu discurso, sobre passos de um comportamento diferenciador no mundo, por meio dos resultados advindos de sua prática religiosa, sendo intrínsecas às orientações da igreja Universal, defendidas veementemente em seu discurso. Azevedo se posiciona como alguém que percebe a presença de Deus em sua vida, antes e depois da sua inserção na Universal, diferentemente do que enxerga na vida de outras pessoas, entre as quais os homossexuais. Ainda nessa conversa no shopping, sob lógica do trabalho etnográfico, por diversas vezes, desejei inferir minhas reflexões acerca de seu discurso, sobre a eficácia religiosa que o mesmo trouxe à tona, contudo, o protagonismo aqui é dele, Azevedo, cujo entusiasmo sobre a manifestação da fé em Deus, quase sempre o inclina a falar, ainda nessa conversa, das mudanças e dos eventos que confirmam a presença de Deus em sua vida. Decerto, minha opinião, aqui, foi totalmente secundária e minimizada, ainda que eu tenha passado bem mais tempo que o mesmo na igreja Universal, considerando também o fato de eu ser mais velho que ele.

Azevedo discorre seu discurso trazendo uma frase, a qual não poderia deixar de apresentá-la com detalhes:

- A fé é algo que nos move a ver o impossível acontecer, e é impossível, não colocá-la em prática na igreja Universal. Não há uma lavagem cerebral, como todos dizem, tampouco uma obsessão religiosa sem tamanho. Há situações problemáticas, que suscitam uma manifestação de fé, e isso nos coloca em uma condição de agir ou agir, e é aí que entra o papel da igreja em nos conduzir a manifestar a fé no verdadeiro Deus. E uma coisa é certa, Deus responde a todos aqueles que nele acreditam e que lançam sua fé e toda sua vida nas mãos dele... (AZEVEDO, 2017).

Azevedo enfatiza que o maior símbolo de sua fé e eficácia na relação com Deus é a devolução do dízimo, ao qual declara ser fiel, e, de tudo que passa em suas mãos (no sentido financeiro) o mesmo “separa”²⁵ 10% a Deus. Inevitavelmente, consegue, por meio dessa prática, ter sucesso e uma série de resultados positivos na vida financeira e pessoal, denominados por ele de bênção (*maravilhas de Deus em minha vida*). O interlocutor fez

²⁵Termo específico atribuído pelo mesmo, todas as vezes que reserva 10% de tudo que recebe e entrega na instituição.

referência, ao final dessa entrevista, para enfatizar seu discurso, a uma Música da Mara Maravilha (Deus de maravilha).

- como diz aquela música: É o Deus de maravilha operando, quem impedirá? É o Deus de maravilha, que o morto faz ressuscitar, é o Deus de maravilha... Que faz a estéreo dar à luz. Maravilhas faz o nome de Jesus²⁶...

Com a canção apresentada acima, encerro, no momento, as descrições do interlocutor Azevedo para, novamente, retomar seus discursos em um momento posterior desse trabalho, precisamente no próximo capítulo. Porém aqui vale destacar que sua inserção na Igreja Universal foi motivada por problemas de saúde vivenciados em seu contexto familiar, posto que tal situação fragilizou seu estado emocional e, com isso, Azevedo buscou refúgio no espaço religioso que sua mãe começou a frequentar. Ao que parece, o resultado da fé, bem como os mecanismos para obter eficácia da mesma, transmitido pela igreja que ele frequenta, trouxe resultados que ensejaram sua permanência, ou seja, sua trajetória de vida e sua fé são o mote que o leva a ter algum resultado, fator esse que motiva o entrevistado a manter-se frequentando o espaço religioso em questão. No caso de Azevedo, ainda que, inicialmente, tenha sido o caso ligado à doença de seu pai, que o direcionou a manifestação de fé na Universal, não será esse o fato que acompanhará o caso do interlocutor a seguir.

Interlocutor 2(Jhon)

O personagem aqui exposto com o pseudônimo de Jhon teve contato comigo em uma ocasião em que havia marcado um reencontro com um amigo da época em que frequentava com assiduidade a Praça da República em Belém aos domingos. Esse reencontro ocorreu precisamente em Agosto de 2016. Nessa programação que fizemos, sob perspectiva de colocar os papos em dia com o personagem que aqui vou denominar de Paulo (também pseudônimo), conheci Jhon, que veio em companhia de Paulo, embora, previamente, Paulo dissesse que levaria um amigo homossexual. Esse encontro ocorreu na mesma praça onde, outrora, tantas vezes encontrei Paulo. Em sua chegada, no reencontro programado, Paulo se aproxima e me apresenta Jhon. Ao longo de muita conversa, inclusive com o próprio Jhon, que me havia sido apresentado nesse momento, falei do meu projeto de pesquisa que havia acabado de iniciar no mestrado. Mencionei que fazia mestrado na UFPA em Antropologia, relatando, com isso, minha experiência na igreja Universal durante a adolescência, tendo tal

²⁶Música: “Deus de Maravilhas”, da autora e cantora Mara Maravilha, lançada em 2003.

experiência como válvula de escape para desenvolver o trabalho que me conduziu ao mestrado. Todo o meu relato permitiu a Jhon se expor com mais liberdade, relatando, inclusive, ser homossexual, filho de um pastor da Assembléia de Deus e, também, evangélico. Antes que eu perguntasse se ele toparia contribuir com a minha pesquisa, o mesmo se propôs a participar, enfatizando que sua contribuição seria na condição de pseudônimo. Nesse momento, e por aí em diante, criamos um laço que não posso denominar apenas de participação na pesquisa, mas também de amizade.

Posteriormente à conversa acima, iniciei, ainda em 2016, um ciclo de contatos e conversas com Jhon. Estive, por várias vezes, sentando para conversar com ele, ainda que em minha própria casa, seja por conta da sua contribuição para pesquisa, seja também pelos problemas vivenciados por mim naquele momento, no qual, a palavra amiga do Jhon, tornou-se importante para lidar com a situação delicada a qual eu vivia. Nesse percurso, Jhon mencionou sua participação na Assembléia de Deus, na qual sua frequência já vinha de berço (como o mesmo alega), ou seja, desde o seu nascimento. Sua avó foi fundadora de uma casa de oração na Assembléia de Deus no bairro onde moram. Ela foi a responsável por estender a frequência de toda a família de Jhon na Assembléia de Deus: seu pai, mãe e o próprio interlocutor. Jhon, naquele primeiro momento do nosso contato, ao final de 2016, era líder do grupo dos jovens da AD, motivo pelo qual seu depoimento foi tão preciso e com bastantes detalhes sobre a instituição. Dessa forma, para melhor organizar seu discurso, seguirei a sequência proposta.

Experiência de Fé em Deus

Jhon é estudante de um curso da área de Humanas em uma universidade particular em Belém. Seus questionamentos em relação à crença em Deus, por meio do que sempre ouviu nas instituições religiosas, foram inevitáveis, por conta da contribuição obtida a partir de sua formação. Como o mesmo supõe, suas experiências com Deus foram permeadas de incertezas, mas com a convicção de que não se via sem esta ligação. De certo, calha, segundo ele, numa questão individual. Como homossexual, Jhon tem uma série de reservas com a igreja o qual é membro, embora se manter nela, segundo o mesmo, ultrapasse as relações apenas religiosas. Numa das vezes que foi à minha casa, fiz a pergunta que incorpora a sessão em questão.

- Minha relação com Deus se dá com oração, jejum, leitura da bíblia etc. Porém isso não impede que eu tenha minhas próprias interpretações religiosas. Acredito que a individualidade de cada sujeito também se aplica

ao modo como este manifesta sua fé. (Jhon, entrevista concedida em junho 2017).

À medida que eu me aproximava de Jhon, no sentindo de estar mais próximo ao seu dia a dia, tinha conhecimento de novas problemáticas que giravam em torno de sua vivênciareligiosa, ou mesmo de sua experiência com Deus, assim como, da sua forma de ver o mundo por meio do que o mesmo aprendia na igreja. Em meio ao seu relato, um entra em destaque:

Todos os dias eu me renovo com Deus, não tenho dúvida que cometo pecado, como qualquer outra pessoa, mas a relação que eu tenho com Deus é algo muito individual, como estar na igreja, participar das orações e fazer caridade. O que se passa no coração de um homem só Deus pode saber, assim como um todo de sua vida só ele pode julgar (Jhon, em entrevista gravada em 2017).

A priori, o discurso de Jhon exposto acima foi fruto de uma das conversas que tivemos sobre o porquê dele ajudar em algumas atividades promovidas pela igreja e destinadas às crianças, pois o mesmo, durante o período em que eu me aproximei, havia acabado de ser removido da liderança, bem como da participação do grupo de jovens e, assim, vivia uma relação de conflito acerca das brigas e das desavenças que o mesmo observava na Assembléia de Deus. Em um determinado ritual²⁷ que percebi na Igreja, durante a pesquisa de campo, a chamada “santa ceia”, Jhon reproduziu todos os elementos simbólicos que ali são orientados e, após todo o ritual, perguntei qual o significado do mesmo para ele, e eis que me respondeu:

A santa ceia representa a renovação de uma aliança com Deus, o pão representa a carne que é dada por nós e o vinho representa o sangue do cordeiro, o qual, todas as vezes que participamos, fazemos isso em memória ao sacrifício dado, por nós por Jesus. Pra mim, representa a renovação de uma aliança, uma limpeza a toda e qualquer forma de pecado, o que não significa que eu não irei pecar mais, entretanto, a prática da santa ceia me renova e me fortalece na vida espiritual. Assim como os vários outros membros heterossexuais, cada um tem seu pecado e o mesmo procura se consertar com Deus, por meio da Santa ceia. E eu faço o mesmo. (Jhon, em entrevista gravada em 2017).

Ao que se percebe, e pelo próprio discurso do Jhon, ao longo das muitas conversas que tivemos, seja na minha casa ou na casa dele, em período durante minha inserção de campo, o mesmo pressupôs a construção de um estilo de vida diferente do que ele entende como homossexual. Entretanto, seu diferencial implica numa vivência que, segundo o mesmo, não

²⁷O termo ritual aqui empregado remete à classificação de Victor W. Turner na obra: “*O processo ritual*”. No capítulo 1 denominado: “*Plano de classificação em um ritual da vida e da morte*” p. 13-60.

desagrada a Deus, tampouco levanta suspeita quanto a sua homossexualidade nos espaços por ele frequentados, pois, segundo o mesmo, Deus se agrada daqueles que praticam o bem, e possuem uma “boa conduta” em sociedade, independentemente de sua condição sexual. Justamente por conta dessa visão, segundo ele conta, é que sua vida reflete ganhos e superações ao longo da trajetória social. É nesse ponto da conversa com Jhon que consigo fazer um diálogo com que Trindade (2002) traz à tona sobre o pressuposto uso de fragmentos de suas vidas particulares (dos interlocutores) para compreender um pouco seus pontos de vistas sobre a existência, ou não, de uma identidade homossexual (TRINDADE, 2002).

Homossexualidade e família

Em perspectiva de descrever a relação que Jhon estabelecia com a família, mantivemos contato com certa frequência, principalmente, por conta de morarmos próximos, tanto ao final de 2016 quanto em 2017. Esse contato, em parte eu indo até a casa dele, tanto para falarmos de assuntos acadêmicos quanto para debatermos sobre alguns seriados disponíveis na Internet, possibilitou-me observar de perto a sua convivência.

Durante minha inserção de campo com Jhon, na qualidade de amigo, num período que compreendeu de Dezembro de 2016 até Junho de 2017, pude perceber o grande controle social por parte dos pais sobre ele. Desde o nascimento, sua mãe trilhou um caminho e gostaria que Jhon o seguisse, voltado para os estudos e sob perspectiva de trilhar uma relação próxima com Deus. Segundo uma passagem bíblica, conforme apresentado por sua mãe durante uma conversa que tive com ela, afirma-se: *Ensina o pequenino no caminho que deve andar, e quando grande, não se desviará dele*(Provérbio Cap.22 vv.6). Com base nesses argumentos, tanto sua vó quanto seu pai e sua mãe estiveram num estreito “monitoramento” (segundo a fala do próprio Jhon) de toda sua vida, da escolha do curso universitário até a intervenção sobre a vida amorosa dele.

Contudo, dentro da universidade, após o seu ingresso, o mesmo se permitiu uma experiência homossexual (Fry,1985), experiência a qual Jhon decidiu não mais parar. Entretanto, toda essa experiência homossexual jamais foi relatada dentro de casa, ou mesmo no âmbito das relações evangélicas. Logo, sua família não levantou suspeita até então, pelo simples fato, conforme o mesmo me relatou, dele já ter tido duas namoradas, e de ter levado as mesmas em casa, ensejando, assim, a ideia de total impossibilidade (para os seus familiares) de qualquer manifestação homossexual.

Em diálogo com Jhon, em entrevista gravada, fiz algumas indagações acerca de sua homossexualidade e família e, seguindo o modelo de Azevedo, obtive os seguintes discursos.

Pesquisador: Jhon, como é que tu lidas com essa questão da homossexualidade e a família? Eles sabem, não sabem? Te exigem alguma coisa? Como eles veem a homossexualidade?

Jhon: Bom, eles não sabem, porque eu conheço como é minha família, são um pouco reservados, eles não discriminam, eles respeitam, mas eles não... (balançando a cabeça dando entender uma negação) admitiriam a homossexualidade em casa. Uma vez, minha mãe disse que não saberia lidar se um de nós, eu e meus irmãos fossemos homossexual, então, acho que é um assunto meio delicado pra se falar, ainda, dentro de casa. Sem falar que a minha vida depende 90% deles (nesse momento, segundo uma outra conversa que tivemos, essa dependência consiste em moradia, alimentação e financeira). Então, não é algo que eles precisam saber agora, sobre esse assunto. Meus pais nunca foram muito profundo nisso, apesar de falar: Olha vocês têm que respeitar! (...) Eu não sei se minha família aceitaria, se iria me odiar...

A descrição acima, fruto de uma entrevista na minha casa, em um dia programado, norteou, principalmente a visão do próprio Jhon e de sua família em relação à homossexualidade. Ainda nessa descrição, Jhon afirma que sua mãe, bem mais que seu pai e sua avó, controla muito a vida de seus filhos, procurando saber onde estão, o que estão fazendo e com quem estão conversando. Minha aproximação, segundo ele, com a família, só ocorreu de forma mais tranquila por conta dele ter contado sobre eu já ter sido evangélico e fazer mestrado na UFPA, o que garantiu, por parte dos membros da casa de Jhon, um certo respeito e aceitação nas dependências da casa. Caso contrário, segundo conta, eu, assim como outros amigos que tivera, seria visto com desconfiança. Em certa fala o mesmo narrou:

Certa vez, a mamãe colocou um GPS, dentro do meu celular, para saber onde eu estava. E, tipo assim... é... Minha mãe prende muito os filhos dela. Ela tem muito medo que algo aconteça com a gente. Ela ficou muito triste quando o meu irmão mais velho casou e foi embora. Mas, assim, minha mãe gosta muito dos filhos dela, por isso que ela nos prende muito, embora isso acabe sendo sufocante.(Jhon, entrevista concedida em julho de 2017).

Entende-se, na fala final acerca do assunto abordado (homossexualidade e família) que, mesmo diante do controle exercido pela sua família, Jhon se mantém com experiências

homossexuais, ou mesmo alimentando a possibilidade de um namoro homossexual, ainda que este relacionamento seja escondido dos pais. Em determinado momento do nosso diálogo, o mesmo afirma não pensar em assumir, por hora, sua homossexualidade.

Então...me expor agora a dizer que sou isso (homossexual), eu não traria benefícios à minha família, pelo contrário, eu penso muito, não é aquela decisão assim...Ah... você diz e pronto! Tá feito! Não! Se você disser, vai ter consequências, de repente seu pai não olhe com bons olhos, sua mãe não vai olhar com bons olhos, os membros da igreja não vão olhar com bons olhos, por isso penso muito em dizer, talvez no futuro, mas agora nem pensar, eu dependo financeiramente deles (pais). (Jhon, entrevista concedida em julho 2017).

Ou seja, a homossexualidade não se resumiu, no caso do Jhon, a uma experiência casual, mas a uma identidade que o mesmo assume para si e a mantém, conseguindo conciliar a homossexualidade e sua frequência em igreja evangélica, à qual toda sua família pertence. Destacando que sua homossexualidade não é percebida por sua família, mesmo diante do controle social interno a sua casa.

Homossexualidade e a igrejas evangélicas

Nesse percurso de pesquisa de campo, Jhon foi o segundo interlocutor cuja frequência na Igreja eu acompanhei. Mesmo diante das críticas que o mesmo fez, e ainda continua fazendo, à igreja a qual frequenta, não consegue se desprender das relações que ali criou. Jhon lembra com precisão das brincadeiras que vivenciou durante a infância na EBF²⁸, momento tão esperado pelo mesmo, no intervalo anual das aulas (julho), bem como dos passeios na praça com os amigos da igreja, dos congressos que o mesmo participou, vigílias etc. Afinal, é através da memória que as pessoas definem sua personalidade (TRINDADE, 2002). Muitas são as lembranças acumuladas ao longo dos seus 22 anos, razão pela qual o mesmo não se vê desvinculando-se da instituição. Embora o mesmo alegue:

Quanto ao movimento LGBT, a igreja diz que devemos respeitar, mas não concordar com a prática. Temos que amá-los como pessoas, mas repudiar o seu pecado. Então, assim, somos ensinados, que podemos ser amigos de homossexuais, poder até conviver com eles, mas não podemos concordar com pecado, nem incentivar a prática desse pecado. Mas que não venhamos desrespeitá-los. (Jhon, entrevista concedida em julho de 2017).

²⁸ Escola Bíblica de Férias.

Ao que se percebe, a homossexualidade é entendida, bem como propagada pela instituição que o mesmo frequenta, como uma prática de pecado, a qual, sendo abominável, não poderá jamais ser praticada pelos seus membros. Contudo, deve-se, mesmo não aceitando, ter todo um respeito à pessoa que o pratica, entrando em voga a frase interpretada por dizeres bíblicos, a qual alega o seguinte: “*Deus ama o pecador, mas abomina o pecado*”.

No contexto desse diálogo com Jhon, segui com uma linha de conversa sobre o posicionamento da Igreja aos homossexuais, tentando contextualizar com a sexualidade do mesmo, ou seja, perguntei se essa rejeição aos homossexuais, em algum momento, causou desconforto a ele, ou deixou-o sufocado, despertando nele a vontade de sair da instituição, ou mesmo se esse pensamento acerca dos homossexuais alguma vez tornou-se barreira pra ele:

Não, nunca me senti sufocado, porque eu só descobri minha sexualidade, não que eu não tivesse antes conhecimento (o mesmo nesse momento sorriu), mas, assim, me identificar como parte do grupo, só foi quando eu entrei na universidade. Mas, assim, esse posicionamento nunca foi barreira pra mim, porque a minha fé em Deus é maior que qualquer coisa que vai me tirar de lá, então eu não preciso de método e regras pra ter meu contato com Deus.(Jhon, entrevista concedida em julho de 2017).

No entorno dessa mesma conversa, eis que abordo o seguinte: Jhon, calha uma pergunta, se a tua fé e a tua relação com Deus é algo muito individual, então, o que te leva a estar numa igreja evangélica?

É justamente isso...eu gosto disso, porque primeiro que a bíblia diz que devemos nos congregar numa casa de oração, que no caso seria uma igreja, é isto que me leva a estar numa igreja. E sem falar que tenho uma ligação de coração com a igreja, entende? Com o templo, com a estrutura, e como foi a minha avó uma das fundadoras, nossa família tem estado naquele templo durante muito tempo, então, nós temos uma relação com o imóvel, com o local e com as pessoas.(Jhon, entrevista concedida em julho de 2017).

Ao que parece, por meio do discurso do Jhon, sua permanência na igreja é mais motivada pela tradição que a sua família, como um todo, possui do local. Em um dos seus relatos, o mesmo, confessou ver, naquele templo, uma identidade de sua família, ele cresceu vendo aquele templo se estruturar, embora, no atual momento, somente seu pai seja pastor, e sua mãe, assim como seus irmãos, sejam membros comuns, ou os chamados de congregados (categoria essa que será explicada no próximo capítulo). Todo esse contexto de aproximação e relação familiar com a igreja é um dos principais motivos que, mesmo admitindo ser homossexual pra si, o leva a permanecer na Assembléia de Deus. .

Contexto da Vida social

Nessa sessão, tento mostrar como a vida social, fora da igreja evangélica, converge para algum resultado à luz da vida religiosa. Ao contrário do interlocutor anterior, não tratarei de antes e depois de sua frequência, uma vez que Jhon vem, desde criança, frequentando a Assembléia de Deus.

Jhon se considera um bem aventurado, segundo diz, pois ingressou muito cedo na UFPA e isso lhe permitiu, hoje, estar cursando uma segunda graduação. Contudo, chama a atenção o fato de Jhon, em certa conversa, bem antes de qualquer entrevista programada, ter comentado que sua família, ao se formar (mãe, pai e irmãos), principalmente durante boa parte da sua infância e adolescência, vivia um contexto social muito bom, eram bem sucedidos financeiramente, permitiam-se gozar de uma vida boa e de qualidade (segundo o mesmo narra).

Porém, ao final de sua adolescência, seu pai sofreu uma espécie de “golpe” na polícia militar e foi deposto do cargo que possuía de alta patente, por isso foi exonerado da posição de tenente, culminando na perda da estabilidade financeira que tinham. Em um dos seus relatos, em uma de nossas conversas, no início de 2017, Jhonalega ter vivido os dois extremos da vida, da riqueza à pobreza, sendo, hoje, sua mãe, professora, formada em Letras, o principal suporte econômico da casa. Com o desemprego de seu pai, a mesma precisou começar a trabalhar. Porém, muitos de seus bens foram vendidos e os mesmos mudaram para uma casa extremamente simples, em um bairro popular, em Belém, contrastando com a realidade vivida anteriormente. Porém, segundo ele, a fé em Deus os induz a acreditar que toda essa fase de dificuldade financeira, um dia, vai passar, assim como é essa fé que os faz seguir em frente. Hoje, Jhon não está namorando, mora com seus pais e está concluindo um curso em ciências humanas, em uma universidade privada em Belém, por meio de uma bolsa conquistada via PROUNI.

Em resumo, a experiência ao lado de Jhon me levou a acreditar que sua permanência na Igreja Assembléia de Deus se deu bem mais por conta da tradição religiosa inerente a sua família, assim como a relação da mesma com a fundação dessa instituição no bairro onde ele mora. Considerando que, para além disso, o mesmo se reconhece como disseminador de um diferencial ao que sempre ouviu falar sobre a homossexualidade e, além disso, os casos de livramentos da violência, assim como em particulares situações bem sucedidas de sua família (ligadas à vida financeira), o fazem enxergar a presença de Deus e o resultado da sua fé em tal

prática religiosa, pois, em nenhum momento, viu a sua condição enquanto homossexual, como um bloqueio, para testemunhar a presença de Deus em sua história e contexto social.

Interlocutor 3 (Nazo)

Nazo, de acordo com a sequência do quadro sinóptico, tem sido um personagem ímpar durante todo esse processo de pesquisa acerca da proposta de pesquisa apresentada até aqui. Conheci Nazo precisamente em 1997, durante o ensino fundamental, no qual cursamos juntos a 3º série (atual 4º ano). Nesse ínterim, completamos, em 2017, vinte anos que nos conhecemos. Endosso o termo ímpar ao falar de Nazo, pois, além de ser o interlocutor com o qual tive mais contato, devido a conhecê-lo há mais tempo, ele foi o primeiro personagem com o qual eu fiz a inserção de campo etnográfico, que se iniciou em Novembro de 2016. Na época, eu havia sido surpreendido negativamente com a notícia de que minha mãe estava com câncer de mama. Nazo sempre foi, ao longo desse percurso, um grande ouvinte das minhas lamúrias e angústias, motivo pelo qual acabamos tendo uma aproximação mais estreita nos últimos tempos. Nesse percurso, havia um convite, nas entrelinhas das nossas conversas, do tipo: *vamos pra igreja Alan?* (no caso dele, a Igreja do Evangelho Quadrangular) *Ou, podés vir participar das células em casa?* Convite esse que, no extremo do momento vivido em novembro, decidi aceitar, antecipando, assim, o trabalho de pesquisa etnográfica.

Minha inserção com Nazo se deu por meio da participação nas chamadas “células”, que ocorriam em sua casa, no mesmo bairro onde Nazo e eu moramos. As células, como já explicado anteriormente, no capítulo I, são encontros religiosos que ocorrem dentro das residências. Com isso, a alternativa apresentada por Nazo naquele momento para mim, com base na situação que eu enfrentava, foi de participar das células, convite esse que aceitei.

Logo na segunda quinta-feira de novembro, fui participar da célula na casa do Nazo, programada para iniciar às 20h. As células ocorriam conduzidas pela irmã de Nazo, que é pastora da IEQ. Durante o encontro, os membros estavam sentados na sala, somando-se o total de 6 pessoas, todos tendo em posse uma bíblia em mãos, iniciamos a primeira célula. Fazendo uso de uma música de louvor, todos com os olhos fechados, começou-se o processo de oração. É interessante observar a importância que cada elemento possui nesse encontro: a bíblia, a música de fundo e a unção nas mãos²⁹, elementos importantes de se observar para

²⁹Ato que consiste na prática, realizada pela pastora, de umedecer o dedo indicador da mão direita com azeite de oliva e, com a pequena quantidade de azeite em seu dedo, toca nas mãos de cada um dos membros presente na célula, tal ato, ao que disse a pastora, representa a aproximação com o Espírito Santo.

pesquisa nas ciências humanas, pois, simbolicamente, representam um passo no percurso de um ritual religioso, em conexão ao que diz Foucault. Todos esses elementos materiais possuem um sentido espiritual e criam um clima de aproximação com Deus. Os elementos apontados aqui ganham um valor religioso dentro do que é repassado pela liderança do evento. Esse fenômeno religioso se traduz e ganha todo um sentido para os membros daquele grupo (...) porque tem uma linguagem, pode construir para si todo um universo simbólico, em cujo interior se relaciona com o seu passado, com coisas, com outrem, a partir do qual pode imediatamente construir alguma coisa com um saber (Foucault, 1999, 484).

Nazo, nesse primeiro momento esteve sentado ao meu lado. Após o início, com uma breve oração, foi feita a leitura de uma passagem bíblia, que falava acerca da morte pelo pecado. Ao encerramento, além da uma oração final, era servido um lanche para os membros, pelos donos da casa, e, antes de todos comermos, era feita uma última oração de agradecimento, a qual algumas vezes era eu que fazia, pois poderia ser feita por qualquer um dos presentes.

As células eram feitas rotineiramente às quintas-feiras e algumas informações precisas sobre esta serão descritas no próximo capítulo. Por ora vou me ater a falar mais sobre Nazo. O entrevistado nasceu e cresceu no mesmo bairro onde moro e, em um dos seus relatos, contou que foi abusado sexualmente na infância, tanto por um tio quanto por um vizinho. Por vez, em algum momento de sua vida, houve um extremo de não acreditar na existência de Deus. Porém, foram extremos de uma vida conturbada, marcada por problemas de saúde que o conduziram a sua inserção na Igreja evangélica, como se seguiram, seus discursos por meio dos trabalhos de campo, com entrevistas gravadas.

Experiência de Fé em Deus

O que impulsionou a aproximação de Nazo da denominação religiosa à qual ele pertence (Igreja Quadrangular) foram as situações ocorridas na sua vida pessoal. Depois de ter sofrido, uma espécie de embriaguez, misturada a um princípio de overdose, ocasionada por conta de ter tido sua bebida adulterada dentro de uma festa, Nazo foi internado em um hospital. Após um período de recuperação, Nazo decidiu ouvir o conselho da irmã e começou a frequentar a Igreja do Evangelho Quadrangular.

No começo, tudo era muito novo, percebi que havia um vazio em mim e que realmente eu precisava de algo que me fortalecesse. Foi quando cheguei à casa de Deus. E, assim, eu tenho muita fé em Deus, em tudo o que eu faço e

eu sei que religião não salva o que salva é Deus.(NAZO, entrevista concedida em dezembro de 2016).

O que de certo Nazo aponta na relação com Deus é a transformação de sua vida, não necessariamente aquela transformação proposta por meio da cura gay (GONCALVES,2016), mas um conjunto de alterações vividas a partir de sua inserção na igreja que, segundo ele, consiste em todo um estilo de viver. Em certo depoimento, ele me relatou que, após assumir sua homossexualidade para a família (aproximadamente aos 18 anos), bem como sofrer algumas decepções amorosas, o mesmo decidiu se “rasgar”³⁰. E isso foi expresso em suas vestes, bem como nos seus acessórios, haja vista que estes últimos deixam evidente a homossexualidade nele, situação essa aliada a um comportamento extravagante, escrachado e afeminado que, segundo ele, atraiu zombarias, brincadeiras com palavreados chulos e jocosos rotineiramente, além de um total desrespeito na rua onde mora desde a infância. Todo esse comportamento, segundo conta, não só interferia na atenção que o mesmo adquiria por onde passava, mas também nas poucas alternativas de relacionamento amoroso. Em um dos seus depoimentos, alega que, por diversas vezes, foi apenas objeto de satisfação sexual corriqueira de alguns homens “heterossexuais” os quais, em momentos de embriaguez, procuravam-no para atos libidinosos, quase nunca explícitos, em locais reservados, sem qualquer conhecimento de outras pessoas.

Alan, às vezes eu gostava de toda essa prática sexual que vivia, por sinal, nunca me faltou sexo. Na rua de casa, principalmente, quando chegava porre, em torno de 5 horas da manhã, quando a galera que bebia já estava porre na frente de suas casas, ou na esquina próximo de casa, onde sempre teve um bar,“peguei” muitos “moleques”, mas, ao mesmo tempo, sentia falta de algo, e só recorria a esse sexo fácil porque acreditava que não haviam outras alternativas. Porém, como resultado disso é que sempre fui alvo de chacotas e zombarias na rua de casa, os quais quase sempre levei pro lado da “brincadeira”. Quando entrei para igreja, entendi que, independentemente de ser homossexual, tinha que guardar meu corpo, zelar pela minha imagem. Mudei meu figurino, comecei a me comportar, parei de beber e ir pras farras. Percebi que o povo da rua começou a me olhar diferente. Falo com todo mundo, porém, hoje, eles me respeitam. Hoje sei que Deus transformou minha vida. (Nazo, entrevista concedida em dezembro de 2016).

Pelo que pude perceber, sua manifestação na casa de Deus (igreja) reconfigurou todo seu modo de vida, tanto familiar quanto exógeno a sua casa, sendo reconstruída toda uma etapa de seu convívio social, incluindo a questão amorosa, pois, hoje, segundo ele, está muito

³⁰Categoria êmica, utilizada por homossexuais quando extravasam e deixam evidente a homossexualidade. Esse discurso foi defendido pelo próprio interlocutor Nazo.

bem, tem um relacionamento de namoro fixo, seu namorado inclusive mora na sua mesma casa, com a família. A experiência religiosa é pensada como parte de um processo de construção de si, em conexão com outros domínios da vida social, como: percurso sexual amoroso, história familiar e etapa da vida (NATIVIDADE, 2005, p.248).

Nazo, em outra conversa, já agora em 2017. Alegou que a sua relação de vida com Deus é contínua. O mesmo é dizimista e ofertante na casa de Deus (categoria êmica associada à Igreja). Além da devolução do dízimo, é ofertante e sua frequência, pelo que conta, dá-se principalmente às quartas-feiras e aos domingos, inclusive pude acompanhá-lo tanto nas quartas quanto nos domingos.

Homossexualidade e família

Em uma conversa, gravada já em Julho de 2017, na casa do próprio Nazo, com agendamento prévio, decidi abordar a relação sobre a homossexualidade e sua família. Sentados no pátio do andar de cima da sua casa, por volta das 19h, iniciamos o diálogo que preencheu o conhecimento dessa sessão. Minha estratégia foi falar, inicialmente, um pouco da minha experiência enquanto homossexual com a minha família para, após eu falar da minha experiência ele poder ter uma base para relatar um pouco da sua. Tendo Nazo concordado com isso, começamos o diálogo. Falei um pouco do difícil processo de aceitação, por parte da minha família, da minha homossexualidade, por conta deles a enxergarem, ao longo do tempo, como uma “vergonha” para a família. A partir da minha experiência, Nazo começou a narrar a dele, começando dizer que: tanto quanto eu, ele passou por vários dilemas durante sua adolescência, em relação à homossexualidade, dentro de casa. Seu pai, inicialmente, repudiava a ideia de ter um filho gay (palavras do próprio Nazo), segundo ele, quando seu pai bebia, quase sempre o xingava.

Eu tive um problema assim com o meu pai: quando ele bebia, dizia: ai, meu Deus, onde foi que eu errei? Por ter um filho gay... Mas, depois de um tempo, ele foi entendendo que não tinha nenhuma “maldade”. Eu só gostava de outro homem. E aí, hoje, todos me “aceitam”.(NAZO, entrevista concedida em julho de 2017).

Por ter participado, das células que ocorriam dentro da casa de Nazo, bem como pelo tempo que nos conhecemos, tive a oportunidade de conviver um pouco com a sua família, hoje composta por nove pessoas, considerando família todos que moram na mesma casa que ele. Entre eles, 6 são frequentadores da igreja do Evangelho Quadrangular e, dentre as pessoas

que não frequentam, inclui-se seu pai, seu namorado e uma sobrinha. Contudo, quero destacar é que, tirando seu pai, toda a família de Nazo lidou com a homossexualidade do mesmo sem restrição. Duas de suas irmãs mais um de seus cunhados são pastores. Mesmo com a presença da sua família na igreja, não houve, nem há, restrições com a presença do namorado de Nazo dentro da casa, contudo é notório que Nazo, desde quando o conheci, sempre se mostrou muito apegado a sua mãe. Como ele mesmo diz:

Minha mãe é tudo, é o ser humano mais importante da minha vida. Amo toda a minha família, pois todos me aceitam numa boa, aceitam meu namorado e tudo, todos me apoiam... Porém minha mãe é tudo pra mim, depois de Deus, é Minha mãe. (NAZO, entrevista concedida em julho de 2017).

O que se percebe de Nazo na relação com a família está, no geral, estritamente ligado à frequência na igreja, nesse caso Quadrangular. A sua família foi o principal ponto de contato entre ele e a igreja, bem como a válvula propulsora para sua permanência e mudança de comportamento, associados aos valores que os mesmos adquiriam por meio da religião. Uso esse discurso em concordância com Valéria Busin, sobre família e religião, pois, conforme a autora, a família é, para diversas tradições religiosas, um *locus* privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos (BUSIN, 2011, p.115).

Mesmo com essa afirmação de Nazo, um dia, sem grandes pretensões, ou mesmo uso de gravador de voz, ou caderno de campo, tive uma pequena conversa com a mãe de Nazo, durante aguardar o mesmo acabar de tomar banho. Sentado na frente de sua casa, no turno da noite, quando a mesma costuma ficar observando a rua, a mãe de Nazo relatou que sempre teve medo de seu filho pegar alguma doença (fazendo referência a DST's) durante o período em que o mesmo se embriagava e ia para as festas.

A mesma afirmou que nunca gostou de prender os filhos dentro de casa, como também jamais gostou de controlá-los. Sempre deu liberdade, porém não escondeu sua preocupação quanto à vida de festas que o mesmo possuía antes de começar a frequentar a igreja. É notório que ela apoiava e sempre apoiou o namoro do filho com o outro rapaz, porém, na mesma conversa, chamou-me a atenção o contraste em seu discurso, ao inferir que não queria que o filho fosse gay. Em suas palavras: *Claro que a gente não cria um filho pra ser gay, queria que ele se envolvesse com mulher e me desse um neto, mas, contanto que ele seja feliz e cuide de sua saúde, hoje é isso que me importa (informação obtida por meio de diário de campo, com mãe de Nazo).*

Homossexualidade e igreja evangélica

A igreja do Evangelho Quadrangular parece ter assumido um papel importante no processo de aproximação de Nazo em seu âmbito familiar, porém, mesmo com sua inserção, Nazo, jamais se viu desprendido da homossexualidade. Em nossa conversa, em julho desse ano, o mesmo destacou que todos os membros da igreja sabem de sua homossexualidade, pois sabem que ele é irmão e cunhado de pastores dirigentes da igreja onde frequentam. Porém o contexto dessa frequência, inicialmente, foi bastante complicado para Nazo, segundo o mesmo relata. A aproximação de Deus, embora importante, não deixou de ser conflitante, pois alguns discursos que o mesmo ouvira na igreja não o agradavam, sem contar as dificuldades enfrentadas em seu processo de afastamento das bebidas e das festas.

Do vestuário ao modo como se comportava, tudo foi mudando aos poucos, segundo ele, embora tudo tenha ocorrido em um processo paulatino. Conta que, às vezes, ele mesmo se rejeitava, pois, em alguns momentos, não se via inserido naquele lugar (igreja). Mas, com o passar do tempo e com o aumento da frequência, percebeu os benefícios que obtivera, a partir das orientações que recebia. Em uma de nossas conversas, Nazo me relatou que sentia vergonha porque ele achava que todos estavam lhe olhando e criticando pela sua homossexualidade, porém o mesmo alega que:

Eu achava que as pessoas me olhavam de outra forma, com um olhar de rejeição. Mas, depois que comecei a frequentar com mais intensidade (igreja), eu percebi que podia ser coisa da minha cabeça, que quem é filho da fé está ali por Deus, e não pra julgar ninguém nem as pessoas. E daí eu me sinto muito bem, eu vou, faço minhas orações e todo mundo já me conhece, fazem 4 anos que estou frequentando. (Nazo, entrevista concedida em julho de 2017).

Logo no início da minha inserção de campo ao lado de Nazo, quase sempre às quartas-feiras, percebi que ele se sentia muito à vontade, só não participava ativamente das outras atividades que a igreja desenvolvia, como: grupo de dança, coral, banda e teatro. Embora tenha me relatado diversas vezes o quanto se sente bem na igreja Quadrangular, o mesmo sempre optou por não se envolver muito em todas as atividades da instituição, exceto algumas, como as vigílias e os encontros de jovens, que são atividades excepcionais desenvolvidas pela instituição.

Embora entendamos que a igreja católica tenha a primazia sobre os discursos de valores e normas sociais (MONTERO, 2012), sempre percebi, e ainda percebo, as igrejas protestantes assumindo total compromisso, tanto na esfera pública quanto na privada, a

respeito dos assuntos ligados a normas e valores, religiosos ou não, disseminados inclusive pelos meios de comunicação (MONTERO, 2012). Segundo narra, durante uma conversa paralela, quando voltamos do culto às quartas-feiras; durante sua frequência na igreja, vivenciei um episódio no qual se sentiu desconfortável, pois percebeu que a homossexualidade não era vista com tão bons olhos quanto acreditava. Nazo disse:

Teve uma vez que veio um pastor de fora e ele começou o culto falando sobre família, a importância do sexo somente dentro do casamento. Falou que um dos pecados mais mortais que a humanidade vive hoje está relacionado ao sexo, a exemplo dos homossexuais, pois, segundo esse pastor disse, há uma espécie de cobra dentro dos homossexuais que os estimula a fazer sexo com outros homens. Como se ser homossexual fosse só fazer sexo anal. (Nazo, diário de campo em janeiro de 2017).

Embora Nazo tenha percebido, em caso isolado, a discriminação dentro da igreja, o mesmo acredita que isso não é, e nem será, empecilho para o mesmo continuar frequentando-a, pois, em quase todas as conversas, o mesmo ressaltou o quanto é beneficiado por ser dizimista fiel, ou seja, devolver o dízimo à “casa de Deus”. Além disso, como acredita que, por diversas vezes, Deus deu a ele o livramento de assaltos, acidentes e violências urbanas em geral, percebendo, com isso, quão importante é estar na igreja exercendo a fé, seja, como o mesmo diz, através de jejum, de oração, de leitura da bíblia etc.

Contexto da Vida social

Um ponto importante que volto a frisar, agora tomando por base minha inserção de campo, é que, em todas as três igrejas aqui mencionadas (Igreja Universal, Quadrangular e Assembléia de Deus), procuram quase sempre trabalhar com o discurso da transformação de vida, ou seja, uma espécie de resultado ou de transformações sobre aqueles que procuram a instituição. No caso específico da IEQ, a cura para todos os males se direciona para vários âmbitos da vida, sendo marcada, no discurso permanente, na vida de quase todos que ali frequentam, como uma espécie de hospital espiritual. As pessoas chegam em um estado e, com um tempo, apresentam outro. O discurso do antes e do depois, ou também, como costume proferir, da eficácia religiosa, também esteve presente, durante a entrevista, na fala do Nazo.

Antes eu queria só saber de festa, amigos bebidas e tudo isso... depois, eu comecei a ir pra igreja e ouvir o pastor falando da vida dele, que ele era assim... muito humilde, e começou a fazer faculdade e, hoje em dia, ele é

diretor de uma escola. E aí eu me inspirei muito nele, eu vi aquele negócio acontecer (transformação) e eu sei que, mesmo pelo fato de ser homossexual, não invejando ele, mas que eu também poderia. Ele é um exemplo de vida, ou seja, corra atrás do seu objetivo! Foi aí que tomei minha decisão de mudar, comecei a fazer uma faculdade, estudar, parei de beber. Entendeu? (Entrevista concedida em pesquisa de campo em Julho de 2017).

Em conversas paralelas com Nazo, o discurso, tanto dentro da família como fora desta, é quase sempre enfatizado por um histórico de superação, de heroísmo, de uma mudança radical em todo o contexto de vida, tanto pela família de Nazo quanto por ele mesmo.

Nazo, hoje faz uma faculdade particular e, em seu histórico, alega, hoje, viver um processo de luta, o contrário do estilo de vida que tinha antes de fazer parte da instituição religiosa, mostrando a necessidade de se manter, pois de acordo com sua fala, antes, todo o dinheiro que pegava era para farra, festa e bebida, percebeu estar prestes a viver no alcoolismo. Porém, hoje, evita alguns ambientes, além disso, acredita que o estilo de vida dele hoje, além de ser mais saudável, causa menos preocupação para a família, pois, tempos atrás, conforme narra, passou dias sem vir em casa, embriagava-se e chegava quase sempre de madrugada.

Hoje em dia, minha família não tem mais dor de cabeça com isso (embriaguez), porque hoje, vou pra faculdade, trabalho, vou pra igreja e dificilmente vou alguma festa. E chego cedo em casa. Não há mais preocupação de estar bêbado por aí, pelos “cantos (esquina)”. (Nazo, entrevista concedida em julho de 2017).

Interlocutora 4 (Lai)

No percurso da vida acadêmica, é inevitável cruzarmos com uma diversidade de situações e de pessoas e é muito provável, entre essas pessoas, haver quem possa contribuir com o seu trabalho de pesquisa. Lai é uma colega que conheci ainda durante o percurso de inserção na pós-graduação. Em uma das nossas conversas paralelas, nos corredores da Universidade Federal do Pará, tive a oportunidade de relatar minha proposta de pesquisa, partindo é claro, da minha própria experiência como ex-evangélico e, coincidentemente, Lai relatou, na ocasião, frequentar justamente a igreja da qual eu fiz parte, a Universal. Não perdendo a oportunidade, convidei-a para contribuir com a minha proposta de trabalho, uma vez que o fenômeno por mim analisado se encaixava na realidade vivida por Lai.

Dos interlocutores apresentados nesse trabalho, Lai é a que possui mais tempo de frequência em sua denominação religiosa (Universal), desde a infância para ser mais preciso,

bem como quem possui mais idade e formação acadêmica também. Hoje, Lai, além de professora da educação básica, da disciplina de Sociologia, possui mestrado num curso na área de ciências humanas. Porém me deterei, nos próximos parágrafos, assim como nos casos dos interlocutores anteriores, em seguir uma ordem que descreva, como a inserção em igreja evangélica constrói e desconstrói suas percepções de mundo, relação sociais e manifestações de crença e valores.

Experiência de Fé em Deus

Por meio de rede social virtual, em junho de 2017, mantive contato com Lai a fim de poder obter suas primeiras contribuições para minha pesquisa de campo. Na oportunidade, Lai, muito solícita, enviou-me o seu endereço em Belém. Considerando a proximidade entre onde Lai reside e onde eu moro, resolvi ir, no mesmo dia, ao seu encontro.

Os primeiros contatos com Lai ocorreram não apenas por um diálogo em relação aos diferentes percursos acadêmicos, mas, principalmente, pelo histórico antagônico que ambos tivemos na igreja Universal, a começar quando, comparando a minha realidade à dela, eu fiz parte da “frente jovem”³¹, ao contrário de Lai, pois, mesmo estando na igreja há mais tempo, a mesma jamais se envolveu diretamente nas atividades internas da igreja, embora frequente na Universal desde os 11 anos, como afirmou em certo discurso.

Sempre me vi frequentando a igreja como espaço para me aproximar de Deus, onde manifesto minha fé, porém nunca me vi fazendo parte dos grupos que atuam lá dentro, seja de evangelização, jovens, obreiros etc. Talvez isso tenha ajudando tanto na minha permanência na igreja como na pouca intervenção direta nas minhas decisões, uma vez que há um monitoramento religioso sobre a vida social, principalmente dos jovens que adentram demais a instituição, via como mais uma responsabilidade. Tu bem sabes disso, né, Alan? (LAI, diário de campo em junho de 2017).

De todo modo, tanto por experiência empírica quanto por pesquisa de campo, em se tratando da Universal, concluí que, quando alguém se envolve e adentra ativamente as atividades da organização da igreja, no geral, fica mais exposto aos olhos da direção da instituição, esses olhos convergem para um monitoramento social (O que faz? Com quem anda? Namora ou não namora? Como se veste? Trabalha ou não trabalha? Etc.). Esse

³¹Categoria êmica, para os jovens que se envolvem ativamente das atividades internas da igreja, no geral todos estes possuem perspectiva de tornarem-se obreiros e obreiras e, no geral, pastores (informação obtida também por diário de campo).

pensamento que aqui infiro aglutina-se à percepção que a Lai também possui. Os membros que, no geral, conhecem-se ou percebem a permanência de outro membro dentro da igreja, quase sempre fazem a seguinte pergunta: qual o seu testemunho? Sugerindo que a inserção dentro da Universal possui um antes e depois, um resultado de vida ou uma mudança radical. Lai, nessa conversa, alega jamais ter tido esse tipo de abordagem durante seu percurso na Universal. Mas percebeu, ao longo de sua vivência, um discurso permanente, entre os fieis que ali frequentavam, acerca de uma condição antagônica entre a experiência no mundo (quem não está na igreja e pratica atos hedonistas- em alguns momentos, denominado pelos fieis da universal como “pessoa do mundo”) e a vivência enquanto filho de Deus (associação à vida assídua nas práticas cristãs ali pulverizadas) na mesma direção apontada por Natividade 2010.

No tocante a essa ideia, em julho de 2017, precisamente no dia 26/07, Lai, ao longo de nossa conversa, relata que o distanciamento das atividades movidas pelas lideranças da igreja a isentou, de certa forma, da aproximação dos outros fieis, bem como ocasionou a pouca indagação e intervenção dos membros da igreja em sua vida particular. Essa situação a moveu, em sua vida religiosa, durante todo tempo, levando-a a seguir suas próprias intuições e a permitir-se praticar as experiências que julgava necessárias, ainda que suas práticas religiosas se entrecruzem com sua vida social. Lai, hoje, é dizimista e ofertante, além disso, frequenta, sempre aos domingos e quartas-feiras, o culto na igreja, frequência a qual julga suficiente para manter-se conectada com Deus.

Todos os dias, me levanto e entrego minha vida pra Deus [...] Então, essa coisa de ir pra igreja, ir aos domingos principalmente né, é fundamental, eu vou, todos os domingos, e é como se fosse um alimento mesmo, se eu não vou, me falta durante a semana. Foi sempre assim. (Lai, entrevista concedida em julho, 2017).

A inserção de Lai na Universal ocorreu desde criança, entretanto, na entrevista, em julho, chamou-me a atenção um dos fatos que, decerto, marcou a experiência de fé em Deus para Lai: o momento em que seu pai estava em tratamento de diabetes. A mesma narrou que, em um determinado momento, seu pai precisou ser internado às pressas e, nessa ocasião, o médico orientou a família da necessidade de submeter o pai de Lai a uma cirurgia, a qual amputaria dele uma perna. Lai ouviu a notícia e, juntamente com sua mãe, foi para a igreja Universal. Juntas, Lai e sua mãe fizeram várias orações pedindo intervenção de Deus pelo seu pai. Segundo conta, no mesmo dia, após o culto, ambas voltaram ao hospital, no horário da visita e, para sua surpresa, não haviam amputado a perna de seu pai, apenas haviam tirado

uma pequena parte dos pés. Lai considerou isso um milagre, entre um dos fatos que mais lhe marcou positivamente sua experiência com Deus.

Homossexualidade e Família

Em direção ao que Busin (2011) aponta sobre o ethos religioso, seja no Brasil, seja em qualquer outro país, é possível perceber a ressonância injetada pelo mesmo não apenas nos campos dos valores e das condutas pessoais, mas também, e principalmente, no elo familiar e na interferência que se irradia sobre cada sujeito. Duarte (2006) converge sobre tal pensamento no tocante à própria concepção de valores pessoais, formados a partir da família, principalmente cristãos, que se disseminam no ideário sobre nascimento, casamento e morte. Nesse sentido, percebo, por meio da interlocutora em questão (Lai), o quanto a família teve um papel importante tanto na formação de valores e ethos³² pessoais quanto na liberdade que lhe conduziu às diversas experiências vividas por ela, inclusive com o uso do próprio corpo. Pelo que conta Lai, em seu discurso, seus pais sempre lhe ensinaram o caminho que deveria andar, porém jamais a privaram de experiências por influência da religião, ainda que fossem adeptos da Universal. *Minha família sempre colocou que a responsabilidade de tudo que eu fazia era somente minha, eu que iria arcar com todas as consequências* (Lai, entrevista concedida em julho de 2017).

No prosseguimento do mesmo diálogo, Lai faz uma comparação com alguém criado em uma família católica, pois, segundo narra, sua família, desde cedo, percebeu a questão da homossexualidade, porém ignorou com o passar do tempo, principalmente por conta de, para os pais de Lai, o mais importante serem os estudos. Nesse ponto, Lai afirma que sempre foi muito estudiosa e sempre procurou ser boa filha, inclusive acompanhando seus pais nas idas aos cultos, ou seja, segundo conta Lai, o fato de ser boa filha, estudiosa e sempre respeitar muito as pessoas fez sua homossexualidade ser ignorada ao longo do tempo. [...] *A maior cobrança que eu recebi na minha vida pela minha família foi só estudar, então, se eu estudasse podia fazer o que eu queria. E eu estudava bastante, tirando isso, podia fazer tudo o que queria.* (Lai, entrevista concedida em Julho de 2017)

Ao que percebo, a entrevistada mora no andar de cima da mesma casa onde mora sua mãe e tios. Contudo, no andar de cima, Lai, mora com sua esposa e uma gata (animal de

³²Essa colocação (ETHOS) faz referência a Geertz, presente na parte III- (*“Ethos, visão do mundo e análise de símbolos sagrados”*) do livro: *“A interpretação das culturas”*, onde define que: O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. p. 92.

estimação). Seu relacionamento amoroso com mulheres começou aos 15 anos e sua primeira namorada foi a mesma companheira com quem vive até hoje. Percebi, até mesmo pelo próprio discurso de Lai, não haver grande interferência de outros parentes na vida amorosa dela, embora a mesma possua outros parentes evangélicos. Atualmente, a principal familiar com a qual Laiconvive é a sua mãe, além da esposa, é claro, pois seu pai já é falecido. Todavia, a entrevistada sempre destaca o quanto seu pai era atencioso e bom com ela. Em certo momento de nossas conversas, independente da entrevista prestada em julho, conta ter sido seu pai o maior propulsor de sua liberdade, pois o mesmo sempre dizia que ela podia alcançar ou fazer tudo que quisesse. Estimulando a mesma de buscar seus sonhos e objetivos.

Lai, em muitas de suas contribuições, deixou evidente que seu carinho e atenção sempre foram bem maiores com sua mãe, por sinal, esta sempre respeitou a relação da filha com sua namorada, hoje esposa, bem como mantém uma boa relação com a esposa de Lai. Embora a esposa seja católica, sua relação com a religião da entrevistada sempre foi predominantemente de respeito, em certa conversa com Lai, ressaltou que; desde a infância, sempre foi ensinada nos parâmetros (na linguagem das mesmas) da Igreja Católica por influência de sua mãe e tios mais próximos. Com isso, na relação das duas, não houve, até então, qualquer desavença por conta das religiões diferentes.

Ao longo das muitas visitas que fiz à casa de Lai, percebi, uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré (considerada padroeira dos Paraenses), o que mostra haver, por parte de Lai (membro da Universal), uma pequena adesão à crença de sua esposa. Em outro momento, enquanto Lai tomava banho e eu conversava com sua esposa, perguntei: Você já esteve alguma vez na Igreja Universal ao lado de Lai? A mesma respondeu: *Já, mas não gostei nem um pouco, eles pedem dinheiro o tempo todo, há uma preocupação com manifestações diabólicas etc. Não me senti bem, principalmente quando ouvi o pastor falar mal da igreja católica e associou a imagem de Nossa senhora à idolatria. Ai não, né, Alan! Foi demais! Sai na mesma hora e depois conversei com a Lai e ela me entendeu* (Diário de campo, em Julho de 2017).

Destacou, também, que, há anos, Lai e sua mãe vão juntas para os cultos aos domingos de manhã, na Universal, o que pode ser entendido como um elo que as aproxima e as mantém em harmonia no tocante à vida religiosa.

Homossexualidade e igreja evangélica

No percurso da nossa conversa, em julho de 2017, aponte para o principal fato que me induziu a querer pesquisar o contraste, conforme percebi, sobre a frequência de homossexuais em igrejas evangélicas, entre as quais estava a Universal. O propósito aqui era dar uma noção das informações que eu gostaria de receber de Lai, ou seja, sua experiência na igreja Universal. Para tanto, expressei meus argumentos acerca das minhas próprias experiências como ex-membro da igreja Universal, assim como de situações conflitantes que inibiriam a permanência de homossexuais em instituições evangélicas, ao longo do tempo, dentre as quais estava a Universal. Permeando um pouco o que foi exposto na mídia, em todo o Brasil em 2012 e 2013, percebido pelos autores Campos, Gusmão e Maurício Junior (2015) e por mim, dialogando e tentando fazer Lai perceber a importância de falar de sua experiência enquanto frequentadora da Universal, argumentei sobre o posicionamento contrário aos homossexuais, que também foram apontados por Maria Furtado e por Ângela Caldeiras³³ (2010) bem como por Natividade (2006).

Dessa forma, Lai alega que: decerto, como já apontado anteriormente, nunca se envolveu profundamente com nada que a relacionasse à administração e à coordenação da igreja, além de considerar que o fato da igreja Universal ter muita gente favoreceu, e ainda favorece, sua permanência sem ser percebida como homossexual, inibindo, assim, a interferência direta em sua vida privada por membros da Universal. Ademais, defendeu que o número de membros não só favoreceu para não se sentisse “monitorada” ou “percebida”, como estimulou a mesma a continuar desde o princípio de sua vida.

[...] Às vezes, quando eu era mais nova que me chamavam pra participar de alguma atividade, como grupo jovem, eu não ia, nunca fui, nunca aceitei nada que me chamaram. Exatamente pra não ficar com essa responsabilidade, mas também pra não chamar atenção. [...] Eu fico ali dentro e meio que na minha, pra ninguém me perceber. (Lai, entrevista concedida em julho de 2017).

Pelo relato de Lai, pude perceber que seu não envolvimento nas atividades internas da instituição corroborou para sentir-se à vontade em relação a sua sexualidade. Além disso, o número de membros, associado à pouca percepção dela enquanto homossexual, tem sido um dos principais motivos pelo qual a mesma permanece. É claro que, no entorno de nossa conversa, no caso da conversa específica que ocorreu em julho, não poderia deixar de circular a questão dos casos de homofobia manifestados pelas instituições evangélicas. Nesse

³³Artigo denominado: *Cristianismo e diversidade sexual: conflitos e mudanças*. Publicado nos ANAIS do congresso- Fazendo o Gênero 9- ano de 2010.

momento, Lai manifesta sua opinião alegando que, em alguns momentos, percebeu discursos discriminatórios aos homossexuais, do tipo:

O momento mais difícil foi no momento das eleições (2014), foi um momento muito difícil porque, ainda que eu percebesse um certo apoio à candidatura da Dilma, na maioria dos pastores, tinham aqueles que diziam: ah, mas esse é um partido que quer que libere...sobre aquela discussão de gênero nas escolas!(...) no momento em que tem que se tirar... e tal... foi muito difícil, e todos os domingos isso era debatido, claro! Eu não posso negar que isso causou um mal estar. Até porque, pela minha característica de militante, eu não me calo, qualquer lugar que fale eu vou pro embate, né? Lá eu tive que ficar calada. (Lai, entrevista concedida em julho de 2017).

Voltamos a aproximar-nos por meio do discurso de Lai, ao que aponta MONTERO (2012) sobre a intervenção da religião, bem como das igrejas protestantes, na esfera da vida pública e privada. Ao que percebo, a intervenção, no caso da igreja Universal, não se dá apenas no eixo da vida em relação a sexualidade e família, mas sobretudo, também, nas decisões políticas. No entorno do exposto até aqui, indaguei se, em algum momento, essa tentativa de interferir politicamente, que culminou até com discriminação de gênero, motivou Lai a sair da igreja, ou mesmo se esses episódios, em algum momento, tornaram-se empecilho para que a mesma pensasse em “dar um tempo” da Universal. Porém Lai me respondeu que: *pensou sim em dar um tempo, mas só durante o período da campanha política, todavia não o fez, pois sentia a necessidade de estar na igreja e, como já havia dito antes, vê a sua frequência como um alimento o qual a nutre todas as semanas: se eu não vou pra igreja, esse alimento me falta* (Lai)

Lai, pelo que narrou durante nossa conversa, em poucas situações, foi questionada a respeito da sua frequência na igreja Universal, seja por membros da própria igreja os quais suspeitavam, por alguma aproximação com a família, da possível homossexualidade, seja por militantes feministas e acadêmicos. Contudo, isso jamais causou qualquer impacto para que a mesma viesse a querer sair da instituição. Pois alega ver todas as situações a partir dos próprios olhos, não necessariamente precisa entender o mundo e os fenômenos que a cercam a partir da compreensão dos outros. Isso facilitou que a mesma ignorasse alguns casos discriminatórios tanto dentro quanto fora da instituição. Lai ressalta que a liberdade, a qual teve sempre desde nova quanto à consequência de seus atos, norteou o não questionamento de sua homossexualidade, o não conflito individual, principalmente sobre o fato de ser certo ou errado. Liberdade essa passada por sua família, na qual a doutrina evangélica não interferiu diretamente. Ela entende, em convergência com os demais interlocutores acima, que a

homossexualidade é um pecado como qualquer outro, que cometemos rotineiramente, porém o que vale, é a conduta enquanto humano, o respeito ao próximo, aos pais e a honestidade enquanto valores cristãos a serem seguidos.

Ademais, há se destacar, todo modo, que, apesar da influência da frequência na igreja em sua vida, bem como a de sua família, Lai, não é adepta a tudo que é repassado pela igreja, é contrária, por exemplo: ao batismo nas águas, à evangelização nas ruas e à fogueira santa de Israel (campanha mencionada no primeiro capítulo). Contudo, quanto aos dízimos e ofertas, Lai compartilha da experiência, bem como enxerga resultados dessa prática em seu cotidiano, além da paz espiritual adquirida a partir de sua frequência.

Vida social

Discorrendo um pouco sobre a vida social de Lai, é importante frisar que, pelo fato dela ter entrado muito cedo na igreja Universal, a mesma não teve uma alteração tão radical de vida, de antes e depois de sua frequência, ou, como costumam falar na própria Universal, de testemunho de vida, uma espécie de transformação que testemunha o poder de Deus na vida de seus membros. Durante minha frequência na Universal, era comum perceber, no discurso da maioria dos membros, o termo “testemunho de vida”, entendido por ser o fato de que todos ali possuem uma história de superação para contar, ou mesmo possuem um milagre alcançado a partir de sua inserção e manifestação de fé dentro da igreja. Não é comum um membro não possuir qualquer testemunho de vida, porém todo o entorno dessa representação simbólica do testemunho será narrada no próximo capítulo. Entretanto, vale, aqui, atentar para o modo de vida construindo por Lai.

Lai narra que possui, por conta da aproximação com Deus, certo livramento privilegiado, relatou casos de livramentos de assaltos, acidentes, curas de doenças, entre outros. Esses “livramentos” são fatos ruins que poderiam vir à tona, mas não vieram por conta da conexão da fiel com Deus. Lai alega que sua vida, como um todo, foi marcada por algumas histórias de superação, pois: já passou fome, sua condição de moradia era muito ruim e a rua onde mora desde a infância, quando chovia, alegava ao ponto de entrar água da rua em sua casa. Contudo, aos poucos, a mesma foi conseguindo, segundo conta, com muita fé em Deus, melhorando sua condição social, bem como de sua mãe e parentes.

A gente passou muita dificuldade, mas eu acho que as coisas, nessa vida que a gente passa, são daqui mesmo, são desse mundo, são de aprendizado, e de

experiência. Eu não sou melhor que ninguém, porque muita gente passa por isso. [...] Não acho que Deus me faltou [...] ele não fez isso comigo, eu não tenho um Deus, um Jesus, que faça maldade, eu acho que a maldade está aqui, nesse mundo (...) mas acho que ele pode me guardar de muitas maldades. (Lai, entrevista concedida em julho de 2017).

Para finalizar a conversa, e tentando circular um pouco a própria condição de vida atual de Lai, perguntei sobre o que ela, pensa para o futuro. Em seu discurso, Lai aponta que seu principal objetivo, hoje, é estudar, seja pra concurso público, seja para o doutorado. Considerando, também, que a mesma acompanha sua mãe em um tratamento de saúde, o qual acredita reverter e curar totalmente a mesma em breve, aponta, caso sua mãe não tivesse com o estado de saúde comprometido, que tentaria o doutorado em outro estado e levaria, consigo, sua esposa.

Interlocutor 5 (Oliveira)

Tive, como uma das minhas experiências, no entorno da minha formação em Ciências Sociais, a oportunidade de ser instrutor do programa “Mais educação”. Esse é um programa do governo federal, o qual me oportunizou adentrar uma escola pública no bairro onde moro, em Belém, para ministrar palestra para adolescentes do ensino fundamental sobre “saúde e sexualidade”. No entorno dessa atividade, conheci um adolescente, precisamente em Janeiro de 2014, quando as atividades já estavam em reta final na escola. O adolescente a quem me refiro é Oliveira, o qual não demorou, após a minha saída da escola, a mandar convite pelo Facebook e, inicialmente, sem qualquer pretensão, aceitei-o.

Com o passar do tempo, bem como pelo tom da conversa comigo, percebi um comportamento que me sinalizava para a possível homossexualidade em Oliveira. Em 2015, considerando que alguns interlocutores da minha pesquisa, que contribuíram para o meu TCC, já não iam mais dar a sua participação, procurei aproximar-me mais ainda de Oliveira, tentando confirmar se o mesmo se tratava ou não de ser homossexual, pois, pelas fotos do Facebook, constatei que Oliveira era evangélico, precisamente da Assembléia de Deus. Assim sendo, passando-se alguns meses mantendo contato pela rede virtual na qual nos conhecemos, percebi alguns elogios que me estimularam a aproximação, bem como aumentaram minhas certezas quanto a sua homossexualidade, principalmente pelo o uso, durante nossas conversas, dos termos: “Oi, meu lindo!”, “Bom dia, meu professor gato!”, entre outros. Assim, sabendo que Oliveira poderia ser um potencial interlocutor da minha pesquisa, nutri contato pelas

redes sociais durante meses, ao passo de criar um canal que me conduziria a tê-lo como colaborador do meu trabalho.

Com a pretensão de não ser direto e indiscreto sobre a constatação de que Oliveira seria homossexual, além de frequentador da Assembléia de Deus, criei uma estratégia para aproximar-me ainda mais de Oliveira, alegando que eu estava pesquisando acerca da sexualidade e gênero dentro das igrejas evangélicas, e precisava de jovens da Assembléia de Deus para contribuir, foi quando solicitei a ajuda de Oliveira e o mesmo topou contribuir com a minha pesquisa, ainda em 2015. Infelizmente, em decorrência de uma série de acontecimentos, tanto comigo quanto com Oliveira, só pude estabelecer contato direto com ele em junho de 2017. Em um encontro programado pelas redes sociais, na praça do bairro onde moramos, fazendo uso da justificativa apresentada acima.

Realizamos, assim, o primeiro de uma sequência de encontros que teríamos pela frente, porém, nesse primeiro momento, tão decisivo para mim, apresentei possíveis formas de Oliveira contribuir com o meu trabalho. Ao final dos argumentos que apresentei, convidei-o para tomar um sorvete na praça e, com o avanço da conversa, disse que admirava muito a conduta dos jovens evangélicos, mas, infelizmente, eu nunca me encaixaria naquela realidade. Oliveira logo perguntou: – E por quê? – Foi quando respondi: – Sou homossexual e sei o preconceito que as igrejas evangélicas possuem sobre pessoas como eu!... – Foi então que Oliveira, sentindo-se à vontade, falou um pouco de mais de si e assumiu também ser homossexual.

Após o diálogo, ainda em junho, montamos uma programação a qual consistia em estarmos juntos na igreja a qual ele frequenta. Algumas semanas depois, confessei a Oliveira o fato de minha pesquisa tratar-se apenas de falar de homossexuais que frequentavam igrejas evangélicas sem serem percebidos, e perguntei se o mesmo poderia contribuir, sabendo que seu nome verdadeiro jamais seria revelado no meu trabalho. Mas uma vez, Oliveira apresentou-me resposta positiva e os seus discursos serão apresentados nas sessões seguintes.

Experiência de Fé em Deus

Durante todo o mês de Junho 2017, estive frequentando a igreja Assembléia de Deus ao lado de Oliveira e, no entorno desse processo de inserção, muitas informações foram repassadas acerca da vida de Oliveira na igreja. Mas, precisamente, no começo de julho, agendamos uma entrevista gravada, a qual foi realizada em um shopping de Belém, na qual

queria explorar um pouco mais sobre seu processo de inserção na igreja, bem como os fatores os quais convergiam para permanência nesta instituição.

Nessa conversa, tive conhecimento de que Oliveira fazia parte do grupo de adolescentes da Assembléia, o qual o permitia desenvolver várias atividades como: dança, teatro, coral etc. Oliveira participa, desde criança, da Assembléia de Deus, o mesmo alega que, quando muito criança, em torno dos 8 anos, foi convidado por um amigo a participar das atividades de férias (EBF), voltadas para o público infantil. Mesmo após o ciclo de atividades, o mesmo se manteve frequente na igreja. Argumentei, na ocasião, se, em algum momento, ele se sentiu coagido a permanecer na igreja, e eis que ele respondeu:

Sempre foi pregado a questão do livre arbítrio. Você quer fazer algo? A escolha é tua, mas tem que ver que, lá no final, vai ter as consequências. Eu escolhi seguir esse caminho... (Deus). (Oliveira, entrevista concedida em julho de 2016).

Ao passo que a conversa avançava, percebia, por meio do discurso de Oliveira, que, diretamente, o mesmo não sofreu um antecedente tão traumático se comparado aos outros interlocutores, antes de entrar na igreja. Como sua inserção foi durante a sua infância, sua experiência com Deus foi por meio de ensinamentos dos valores e doutrinas cristãs, mostrando a interferência que a instituição possui na esfera pública e privada, como já apontado por Montero (2012) no que tange ao entendimento sobre regras e valores morais. Nesse percurso, conforme o próprio Oliveira conta, sua sexualidade sempre foi inibida, ou reprimida, como assim prefiro apontar. Porém, aos 17 anos, alguns desejos sexuais, bem como “curiosidades sexuais”, começaram a despertar, a um passo incontrolável, e, numa situação oportuna, o mesmo se permitiu uma experiência sexual. Descreve-a assim:

Eu trabalhava como menor aprendiz em um supermercado, entre as pessoas que trabalhavam comigo, tinha um rapaz de 30 anos, que se assumia livremente como homossexual. Criei um vínculo forte de amizade com ele. Até que, um certo dia, ele me propôs para ir com uns amigos à casa, dele, aí eu fui e, após um certo momento, experimentei ingerir bebida alcoólica, mas de leve, foi quando, no embalo das emoções, nos beijamos, nos abraçamos aí aconteceu...(Oliveira, entrevista concedida em julho de 2017)

O fato ocorrido com Oliveira permitiu que ele levasse adiante a experiência ali vivenciada, ao ponto de assumir, posteriormente a essa situação, um relacionamento amoroso com o rapaz. Mas, à medida que o tempo avançava e o relacionamento ficava mais estreito, Oliveira começava a se sentir incomodado por vários motivos, entre os quais: por mentir para sua mãe e por se sentir, como o mesmo disse, sujo diante das relações internas da igreja, pois

se sentia mal sabendo que, segundo lhe foi ensinado, o mesmo estava em “pecado” e, ao mesmo tempo, mantendo-se como líder de diversas atividades de dentro da igreja.

Em uma situação oportuna, Oliveira conta que decidiu não seguir o relacionamento adiante, uma vez que o rapaz com quem se envolvia era casado e mantinha uma dupla relação, porém, manifestava atos de ciúmes de Oliveira, bem como o forçava a assumir sua homossexualidade. Percebendo que a situação era sufocante, conta Oliveira que,

Não me sentia mais bem com a aquela situação, havia uma auto cobrança da minha consciência, decidi, antes de tudo, sair de todas as atividades que tomava conta na igreja, assim como, colocar em prática aquilo que sempre me foi ensinado desde pequeno. “Honra teu pai e tua mãe para o que os seus dias na terra sejam prolongados³⁴” pensando nisso, decidi me afastar tanto das atividades da igreja quanto me separar do rapaz e contar a verdade pra minha mãe sobre o que estava acontecendo. (Oliveira, entrevista concedida em julho de 2017).

Após o processo, narrado acima pelo próprio interlocutor, o mesmo se confessou na igreja sobre o porquê de estar deixando as atividades. O seu pastor (responsável por reger as atividades desta unidade) deu liberdade para que ele se mantivesse na igreja, porém com total nulidade de participações em qualquer grupo da instituição. Para voltar às atividades regulares, Oliveira deveria passar por um processo denominado “medida disciplinar”, o qual será explicado no capítulo posterior. Após a medida disciplinar à qual Oliveira foi submetido, o mesmo passou a frequentar as reuniões no último banco da igreja, sem poder ter muito contato com os outros jovens da instituição.

Foi nesse momento que me senti vazio, minha vida parece que não tinha muito sentido, sem perceber, toda minha história havia sido inscrita naquele lugar, embora entendia que o sentimento por homens era inevitável, mas, naquele momento, pensei o quanto a presença de Deus me fazia falta. Todas as atividades que eu fazia na igreja, que eram para Deus, preenchiam uma lacuna na minha vida. Comecei a valorizar tudo aquilo que, antes, possuía, principalmente minha posição dentro da igreja. Sem contar que, quando minha mãe soube da minha experiência homossexual, ficou muito preocupada, principalmente porque sempre fomos ensinados que a homossexualidade nos guia para a constante prática do pecado e, conseqüentemente, ao inferno. (Oliveira, entrevista concedida em julho de 2017).

Durante o percurso em que Oliveira se manteve no relacionamento de namoro homossexual, o mesmo alega que chegou a beber e a fumar, práticas altamente condenadas pelas igrejas evangélicas. Todos esses episódios foram mencionados para sua mãe

³⁴Citação presente na Bíblia, no livro de Êxodo, cap. 20, v. 12

que, por sua vez, deu força para Oliveira se voltar à presença de Deus, conforme dizem. Contudo, toda essa experiência a qual o conduziu ao distanciamento de sua rotina religiosa foi abolida pelo mesmo, considerando que sua angústia de estar fora das atividades da igreja aumentava de proporção ao ponto de conduzi-lo a uma depressão. O mesmo alega que se sentiu um peixe fora d'água e, após todo o processo disciplinar, que durou 6 meses, e, depois ter revelado sua experiência homossexual, Oliveira voltou as suas atividades internas à igreja e narra que:

Eu creio em um Deus todo poderoso que, que me livrou de muita coisa, mesmo quando eu era criança. Ele me fez passar por provas para evoluir [...] E, depois que eu tive um encontro real com Jesus, não quero ele fora de mim, eu quero ele dentro de mim (Oliveira, entrevista concedida em julho de 2017).

No entorno dessa conversa, Oliveira disse perceber Deus em todas as coisas que giram em torno de sua vida, inclusive narrou, na oportunidade, uma cena de livramento, pois: logo, quando ele retomou as atividades religiosas, em certa ocasião, quando estava no ônibus, o coletivo foi assaltado. Segundo conta, os assaltantes levaram todos os pertences das vítimas, ou seja, dos passageiros que ali estavam, exceto os seus. Oliveira, hoje, é dizimista e promove ações de integração de jovens e crianças na Assembléia de Deus.

Homossexualidade e família

Oliveira mora juntamente com seu irmão mais novo e sua mãe, seus pais são separados e a presença de sua mãe sempre foi mais forte em sua vida. Como ele mesmo explica, foi ela quem lidou diretamente com todos os dilemas e problemas sociais enfrentados por ambos, principalmente os relacionados à vida financeira. O momento em que ele teve a experiência homossexual narrada anteriormente foi compartilhado somente para sua mãe. Para ela, foi um choque sem precedentes, porém, segundo conta, ela agiu com toda a cautela e equilíbrio, pedindo imensamente que ele se voltasse para os caminhos de Deus, ou seja, saísse do pecado homossexual. A ideia pensada por sua mãe acerca da homossexualidade é de pecado constante, pecado esse, segundo aponta Ryan (1999), associado à prática sexual, sendo a ideia de pecado sexual pulverizada em todo o cristianismo.

A situação ocorrida externamente à igreja fez com que Oliveira, em certo momento, repensasse a sua própria situação sexual.

Bom... o desejo por sexo é inevitável, porém, conforme fui ensinado há muito tempo e de acordo como aponta na bíblia, o sexo fora do casamento é pecado e o salário do pecado é a morte. Porém precisei pensar numa maneira de não me manter em pecado, pois percebi que a homossexualidade é um fato com qual lido todos os dias depois que tive a minha primeira experiência (Oliveira, entrevista concedida em julho de 2017).

Pensando no exposto acima e, principalmente, na situação vexatória a qual sua mãe alega que passou ao saber que outros membros da igreja tiveram conhecimento do que houve, Oliveira se comprometeu consigo mesmo a não se manter em prática de pecado e, com isso, ainda que tivesse qualquer experiência sexual com homem, jamais falaria de novo a sua mãe, tampouco para a comunidade evangélica à qual pertence. Para que se entenda, para Oliveira, a maneira encontrada para conciliar sexualidade e religiosidade foi repensar a própria lógica de salvação e de pecado, como descreve a seguir:

Pecado, entendo que é uma prática constante do que é ilícito perante a Deus, com isso, sei que sou homossexual, mas não me mantenho em constante prática sexual. Ou seja, tenho apenas experiências sexuais com homens, em seguida me arrependo, peço perdão e sigo a vida em frente. Com isso, pelo fato de não manter uma relação homoafetiva, me vejo, sim, como homossexual, sem constante prática de pecado. O que não necessariamente me obriga a contar pra minha mãe ou pro meu pastor, mas, sim, deixar essa situação para ser resolvida entre eu e Deus. Acredito, Alan, que todo ser humano tem sua luta e, todos os dias, o pecado bate a porta, cabe, então, a você deixá-lo dominar ou não (Oliveira, entrevista concedida em julho de 2017).

A medida disciplinar aplicada sobre Oliveira o sinalizou para a situação destoante de permanecer na “presença de Deus” e em prática de pecado constante da homossexualidade. Com isso, no entendimento do mesmo, homossexualidade torna-se um pecado que conduz à morte espiritual, bem como merece ser punida quando é praticada constantemente. O mesmo vê a homossexualidade em si como uma batalha constante pela qual se deve evitar ser seduzido, a exemplo de um relacionamento que lhe permita praticar sexo constantemente com outro homem, porém, no entendimento de Oliveira, o mesmo se identifica como homossexual e pratica atos sexuais com outros rapazes de forma momentânea, passageira e em casos isolados, o que o condiciona à busca do perdão por conta própria, sem ter que passar por qualquer punição, ou mesmo ter que assumir sua homossexualidade dentro da Igreja e perante os membros da família, como fez outrora.

Com isso, encerro essa sessão, deixando claro que, em nenhum momento, para família de Oliveira, a homossexualidade deve ser levada adiante, bem como, ainda que ele se permita alguma experiência homossexual, o mesmo, não revela para sua mãe, uma vez que a mesma é extremamente repulsiva quanto a isso, repulsa essa que se percebe na maioria das famílias de origem protestante, como também apontam Maria Furtado e Ângela Caldeiras (2010). Considerando o entendimento sobre família pelos protestantes, dificulta-se a expansão inclusive de espaço e de direitos sociais de casais homossexuais, como infere Leandro de Oliveira (2010)³⁵. É importante atentar que a concepção de Oliveira sobre pecado não converge muito com a ideia de pecado mencionada pelos outros interlocutores, o que o condiciona a um estilo de vida um pouco diferente aos demais.

Homossexualidade e igreja evangélica

A condição da epistemologia do armário apresentada por EveKosofsky (2007) é claramente percebida na realidade de Oliveira. Por questões convencionais, bem como sanções morais, no ciclo social ao qual pertence, o mesmo autoimputou a prática constante da homossexualidade, pelo que ele mesmo narra, dependendo para quem seja, não nega sua homossexualidade, porém lida com essa questão como uma batalha rotineira, na qual ora permite-se praticar, impulsionado pelo desejo que o mesmo denomina “carnal”, ora repudia tal prática e resiste a qualquer expectativa de relacionamento amoroso acerca do mesmo. Tal decisão vem a ser tomada, a partir da base e do contato, principalmente, do canal ou da ligação com a vida espiritual e da presença constante no ciclo social religioso. Oliveira deixa nesta conversa bem claro que jamais pensa em assumir sua homossexualidade dentro da igreja, e toda e qualquer prática a respeito da mesma fica escondida, com atitudes recolhidas, para expô-las quando em conexão direta com Deus.

Eu penso assim...que Deus, ele não se distancia da gente, a gente que se distancia de Deus. Quanto à sexualidade é uma coisa que eu sou e não sou ao mesmo tempo, existe esse conflito dentro de mim, porque se eu ceder sempre ao “desejo da carne”, eu tenho medo de cair e não voltar mais, de não conseguir me levantar mais.(Oliveira, entrevista concedida em julho de 2017).

³⁵O autor discorre tal pensamento no artigo: *Homossexualidade, família e micropolítica da aceitação*:Presente nos ANAIS do congresso fazendo o gênero 9.

O estilo de vida, apresentando por Oliveira, converge para uma difícil, mas possível relação entre a homossexualidade e a prática dentro da doutrina evangélica. Embora seu espaço, aos poucos, tenha sido retomando dentro da comunidade evangélica o qual faz parte, ele alega e tem consciência de que o desejo sexual por homens é inevitável. Hoje, apesar de tudo, Oliveira narra a não percepção de quaisquer discriminações contra ele dentro da igreja, o que se expõe por meio da sua fala: “*Para os membros da igreja tudo que eu vive, foi um passado enterrado*”.

Todavia, a percepção de Oliveira sobre a homossexualidade é a de problema de disfunção espiritual, que compromete diretamente a relação entre homem e Deus. Em diversos momentos, por meio dos cultos assistidos por ele, percebeu o discurso voltado para a construção de uma família tradicional heterossexual.

Vida social

Em outro momento, após o culto de domingo à noite, na igreja, enquanto realizava a pesquisa de campo etnográfico, ao lado de oliveira, deu-se o início de um diálogo no qual renderia o conteúdo dessa sessão. Em meio à correria das crianças que se faziam presente no salão principal da igreja, agendei-me com Oliveira para começarmos a conversar sobre a sua vida social, enquanto alguém que concilia relação de sexualidade destoante a heterossexual, e da doutrina da Igreja Assembléia de Deus. Nessa conversa Oliveira expõe sua constante percepção de uma visão binária de mundo, entre Deus e o diabo, entre a Salvação e a Não Salvação, certo e errado etc.

A pessoa tem uma escolha, ou serve a Deus ou serve o Diabo, se tu serve ao diabo, tu não serve a Deus, essa é a pressão dentro de mim. Porque tu vai servir a dois deuses? A bíblia fala: tu não serve a dois deuses, tu serve só a um deus. Tens a escolha. E também a questão do muro, muitos dizem sobre o muro... O muro tá o diabo e tá um anjo, tá Deus lá, e tu tá em cima do muro. Tipo... tu não tem que ficar em cima do muro, tu tens que ter uma certeza na tua vida, tem que escolher entre o bem ou mal. Eu to na igreja, eu tô servindo a um Deus todo poderoso, eu sou feliz na igreja, tenho meus amigos que me fortalecem, tenho pais na fé e mães na fé e isso me mantém. (Oliveira, entrevista concedida em 2017- durante pesquisa de campo na Assembléia e Deus).

Embora tenha cometido o deslize, conforme sua alegação, Oliveira, hoje, restabeleceu a relação com a família, com a comunidade evangélica e os amigos. A fase de relacionamento, de namoro, com outro rapaz, afastou-lhe das coisas que mais davam sentido a

sua vida. Contudo, não abre mão de pequenas experiências sexuais sem compromisso contínuo. Seu principal projeto, hoje, é conseguir passar no vestibular, o qual tentara ingresso no ano de 2017, com a expectativa tanto na UFPA, quanto UEPA (Estadual). Atualmente, o entrevistado trabalha em uma empresa de RH (Recursos Humanos) e se mantém ativamente nas atividades da igreja, principalmente no coral de jovens, do qual faz parte.

Interlocutor 6 (MENDES)

Num sábado de outubro, em 2014, após o término do meu TCC, fui convidado para um aniversário por uma prima, que fora na casa de um amigo dela. O aniversário se situava na região metropolitana de Belém, na oportunidade, o aniversariante se apresentou para mim, e em meio a uma brincadeira e outra, estreitou o contato comigo, logo não demorou em perguntar como estava meu nome no perfil da rede social Facebook. Após o aniversário, não houve demora em Mendes, o interlocutor 6, para enviar um convite e, assim, começamos a manter contato via rede social. Bem, entre uma conversa e outra, ficou explícito que seu interesse por mim não era apenas de uma amizade, mas de um flerte, de uma tentativa de construir uma relação amorosa. Investimento dele por mim que sempre considerei cômico, não algo sério, sem alimentar qualquer esperança, embora minha estratégia de tentar, naquele momento, ser sutil, não tenha funcionado muito.

Em um domingo, à noite, em junho de 2015, fui a um bar na região metropolitana de Belém, chamado Bar “Refúgio dos Anjos” (mais conhecido como bar da Ângela), bar que também fora objeto e pesquisa de Ramon Reis (2012), bem como espaço de trabalho etnográfico em sua tese, defendida em 2017³⁶. Mendes encontrou-me no bar, aproximamos, após conversarmos claramente a respeito da homossexualidade, fortaleceram-se os contatos, porém, delimitara, por meio de minha fala, que não haveria qualquer expectativa de alimentar uma relação com ele.

Dois anos se passaram. Era janeiro de 2017 e, no aniversário da minha prima, a mesma que me apresentou Mendes, reencontrei-o. Conversamos tranquilamente, sentados à mesa e bebendo cerveja. Chegara o momento de irmos embora do aniversário. Pegamos o mesmo ônibus em direção ao centro de Belém e, durante o percurso, continuamos a dialogar sobre diversos assuntos, entre os quais estava a religião, na ocasião, Mendes declarou pertencer a uma igreja evangélica, à igreja Quadrangular. Considerando o potencial que ele apontara em

³⁶Tese com o título: Cidades e subjetividades homossexuais: Cruzando marcadores da diferença em bares nas “periferias” de São Paulo e Belém. Defendida em 8 março de 2017 no FFLCH-USP.

poder participar do meu trabalho de pesquisa, expliquei-lhe sobre o tema que pesquisara durante o mestrado e propus o convite para acrescentar sua contribuição na pesquisa. Felizmente, ele aceitou os termos da pesquisa e, assim, contribui com sua narrativa, a qual compõe as sessões seguintes.

Experiência de fé em Deus

O pluralismo religioso (BASTOS, 2015) que também se reflete nas relações familiares, ganha um espaço privilegiado no que se refere à permanência de sujeitos homossexuais em espaços pentecostais e neopentecostais, bem como das experiências religiosas vivenciadas por muitos deles. Tanto nos casos narrados acima, como por meio de Mendes, percebe-se uma ligação muito próxima da família e da igreja evangélica e, por meio desta, uma tímida tendência de flexibilização no que tange à homossexualidade e diversidade religiosa aqui apontada.

Mendes possui uma família que está há muito tempo firmada na igreja Quadrangular, e foi nesse contexto que ele enxergou a manifestação de Deus em sua vida de maneira mais intensa. Sua relação de fé em Deus passa muito pela própria vivência que o mesmo possui com a família. Ao que diz Mendes, sua relação com Deus se assemelha à própria relação com os pais.

Minha relação com Deus é uma relação muito séria, assim... Eu sempre digo que eu não tenho medo de Deus, eu tenho respeito. Porque às vezes as pessoas temem a Deus e eu não, eu respeito a ele, então como é uma questão de respeito, você faz aquilo com amor pra ele, e você também admite seu erro por amor a ele, é como se fosse uma relação de pai com o filho, onde não existe autoritarismo, existe um amor, um carinho, compreensão. Eu sei que muitas coisas ele não vai aceitar, mas ele nunca vai se afastar de mim. [E quanto ao fato de ser homossexual? Pergunta interruptiva minha durante a fala de Mendes]. Eu sei que é contra a palavra dele segundo a bíblia, mas ele veio por amor a cada um de nós, então se ele pratica o amor, se realmente nós somos filhos dele, ele nunca vai nos deixar. (MENDES, entrevista concedida em agosto de 2017).

A narração apresentada acima foi fruto de uma entrevista gravada, programada para ser realizada após um culto do domingo à noite, na igreja Quadrangular, próxima de onde Mendes mora. Por conta da aproximação da sua família, inclusive do próprio Mendes, a pastora fundadora da igreja que Mendes frequenta foi uma das poucas pessoas para quem ele

assumiu sua homossexualidade dentro da Igreja. Segundo seu relato, o mesmo possuía cargos importantes dentro da igreja, tanto na área de administração financeira, quanto na liderança dos jovens. Mas algo o inquietava ao longo desse percurso, o mesmo alega que se sentia desconfortável diante de sua família e, também, perante a comunidade religiosa em que é participante e, sobretudo, diante da pastora regente, haja vista que ela é sua amiga desde a adolescência. A consciência pesada, segundo conta, foi o fator que lhe direcionou a conversar com Deus e ter uma direção sobre o que fazer. Dessa forma, o mesmo decidiu contar primeiramente para sua família sobre sua homossexualidade, haja vista que a família, mãe e irmãos não aceitaram, mas respeitaram. No entanto, o maior desafio, de acordo com Mendes, seria declarar-se à pastora de igreja e seu marido, ambos coordenadores da igreja.

É porque assim, é uma cobrança que faço a mim mesmo. É como se... eu estivesse enganando as pessoas que confiam em mim, no caso a pastora, por ela saber, e se de repente a igreja, a comunidade soubesse, iam em cima dela. E ia dizer: por que permitisse? Ele tá em pecado (homossexual) e ele tá exercendo um cargo. (MENDES, entrevista concedida em agosto de 2017).

Quando realizei a entrevista com Mendes, eu estava em um momento difícil com minha mãe, que começaria uma nova etapa do tratamento contra o câncer. No decorrer da entrevista, externalizei pra ele minhas frustrações, medos e preocupações, ainda que a entrevista fosse bem mais para ouvi-lo, contudo, após minha fala, Mendes se sentiu mais a vontade para chegar ao ponto que eu precisava.

Hoje, me mantenho na presença de Deus, vou aos domingos, ou sempre que posso, pois necessito dele em cada momento, sei Alan que o que estas passando não é um momento bom, mas pra Deus nada é impossível. Às vezes a gente acha que Deus nos deixou porque passamos por dificuldades, mas Deus não nos deixa, ele nos ajuda a enfrentarmos nossas dificuldades, para lá na frente termos nossa vitória. Vejo Deus na minha vida em vários aspectos, seja no livramento, ou na minha vida financeira, que por sinal nada me falta. Ou mesmo na minha família. Cada dia, acho que Deus prepara uma benção, para todos aqueles que nele acreditam. Deus tem um plano na vida de todo mundo. (MENDES, entrevista concedida em agosto de 2017).

Percebe-se que Mendes possui uma constante manifestação de fé e, em cada passo que o mesmo dá, não se vê sem os ensinamentos obtidos dentro da igreja. Acreditando sempre que sobre todas as coisas há um propósito de Deus, inclusive sobre a situação de sua homossexualidade. Alega que seu vazio espiritual, hoje, é preenchido.

Homossexualidade e Família

A homossexualidade não reflete uma ideologia ou uma prática, mas fragmenta-se em múltiplas modalidades particulares, segundo os momentos e espaços distintos de uma mesma realidade histórica. (GUIMARÃES, 2004, p.39).

Mendes conta que, apesar de sua constante frequência na igreja, hoje, possui uma relação, como ele mesmo frisa, “muito resolvida” em relação a sua família. Todos em sua casa sabem de sua homossexualidade, porém não mostram qualquer aversão, mesmo que ele associe sua homossexualidade à frequência na igreja evangélica. Contudo, no começo foi um pouco difícil, embora suas irmãs já suspeitassem.

Quando eu disse pra minha mãe ela disse: que não era certo, porém uma das duas coisas que ela me disse foi: vá em busca da sua felicidade e que mantenha o respeito. Isso eu nunca esqueço. Minhas irmãs já suspeitavam que eu era homossexual, menos minha mãe, mas é aquela questão, eu conquistei o meu espaço, sempre procurei ser um bom filho, trabalhador, entre outras coisas. Acredito que isso facilitou a minha aceitação dentro de casa. Mas assim, hoje todos sabem de mim, porém têm parentes com os quais evito certo contato ou mesmo entrar no mérito do assunto. Pra mim o que importa mesmo é minha mãe, minhas irmãs e meus sobrinhos e isso pra mim que é família. (MENDES, entrevista concedida em agosto de 2017).

Ou seja, hoje sua família encara com naturalidade a questão da homossexualidade vivenciada por Mendes. E, como se infere a partir de sua postura diante da família, isto foi um dos principais fatores que ofuscou qualquer forma de discriminação. Sua vida pessoal, fora de casa, sempre foi muito discreta, e isso evitou, ao longo do tempo, porque quis evitar situações vexatórias, algo que os constrangesse na rua onde mora com sua família, situações essas sob perspectiva de um sistema classificatório social (ARAÚJO, 2016).

Homossexualidade e igreja evangélica

Ainda na sequência do mesmo diálogo que nutriu as sessões anteriores sobre Mendes, indaguei se o mesmo já havia sofrido algum tipo de discriminação dentro da igreja, o mesmo alega que sim, mas brincadeiras não muito pesadas, principalmente durante os cultos em que se falasse sobre sexualidade, o que despertou a manifestação de algumas “brincadeiras” acerca da sexualidade.

Mendes foi presidente de jovens e adolescentes durante um longo período, mas não especificado, além disso, destacou que frequenta a igreja Quadrangular desde os 15 anos. Contudo, havia um peso em sua consciência, pois sabia que a homossexualidade que nele

existia, seria irreversível, logo, manteve por diversas vezes relacionamentos amorosos fora da igreja e sem qualquer conhecimento da coordenação da instituição. Entretanto, como a pastora que coordena a igreja que ele frequenta é, acima de tudo, sua amiga desde a adolescência, Mendes se sentiu na obrigação de não enganá-la. Por isso tomou a decisão de contar para ela. Com isso, conforme narrou, criou uma estratégia para confessar sua homossexualidade. Sua confissão seria durante uma viagem, por isso programou viajar para Fortaleza-CE, e, no decorrer dos preparativos da viagem escreveu uma carta falando sobre suas angústias e desejos e, principalmente, da sua prática sexual que, segundo sua fala, estava na contramão da ética e dos valores da doutrina evangélica. Após escrever sua carta e programar a viagem, pediu à coordenadora da igreja que frequentava para levá-lo ao aeroporto de carro.

Quando eu falei de mim pra ela (...) falei pra ela e pro esposa dela... O episódio ocorreu da seguinte forma: Eu decidir viajar pra Fortaleza, e antes de viajar escrevi uma carta dizendo quem eu era, ou seja, falando da minha homossexualidade. No dia da viagem, a pastora, minha amiga, me levou até ao aeroporto. Na hora do embarque abracei ela e lhe entreguei a carta que havia inscrito e disse: ler essa carta, nela tá dizendo tudo de mim, quem eu sou. Quando eu voltar a gente conversa. (MENDES, entrevista concedida em agosto de 2017).

Ao retornar de sua viagem, Mendes teve contato com a pastora e questionou se ela não tinha nada para falar com ele. Por causa das responsabilidades dele na igreja, ele pensou se aquilo fizera alguém notar sua ausência. A pastora respondeu-lhe que não, não havia problema, pois o Deus em que ela acredita, é um Deus que faz a obra. Acreditava que Mendes estava nas mãos de Deus e não deixaria de ser amiga dele. A notícia deixou Mendes mais tranquilo ao ponto dele retornar a igreja, mas, dessa vez, sem ocupar qualquer cargo dentro da instituição. Aquilo que para ele parecia inconciliável, segundo relatou, viu que era possível, ou seja, ao mesmo tempo se manter como homossexual, sem repulsa a si mesmo e se manter frequentando a igreja evangélica. Contudo, por causa da entrada de novos membros na instituição, frequentemente alguns atos discriminatórios surgem, ou mesmo se manifestam, em alguns casos, até pelos membros mais antigos da igreja, que desconfiam de sua homossexualidade. Porém, Mendes não se importa. Para ele, o importante é que a principal voz da igreja, a pastora, sabe de sua homossexualidade, o que já é o suficiente para que não haja peso em sua consciência.

Quando as pessoas tentam me discriminar, antes eu tentava me esconder hoje eu me defendo...Ou seja, eu mostro quem sou, embora esteja dentro da igreja, e consiga conciliar a pratica do pecado com os valores cristãos, eu procuro antes de tudo manter o respeito. (MENDES, entrevista concedida em agosto de 2017).

A frequência de Mendes, hoje, dá-se sem participação direta, sem cargos dentro da instituição religiosa, embora o mesmo alegue que devido à quantidade de tempo, de sua permanência na igreja Quadrangular, sentiu muito ter perdido o cargo, porém, por decisões dele mesmo, não deseja voltar a assumir qualquer cargo dentro da igreja, embora tenha ficado triste por distanciar-se da administração do espaço. No atual momento, o mesmo declarou que pensou que seria difícil permanecer frequentando o mesmo lugar, sem fazer parte da administração, porém, ele segue sua frequência sem grande estranhamento consigo e com os demais membros, ainda que estes não tenham conhecimento até hoje do porquê dele ter saído da administração. Mendes vê sua frequência como um refúgio necessário para o seu fortalecimento espiritual, o que reflete diretamente no seu contexto social, segundo suas declarações. Uma das práticas que o possibilita a isso é o ato de participar da Santa Ceia, que, conforme descreve: é um ritual de “limpeza espiritual”. Mendes é dizimista (ou seja, dá à igreja 10% de toda quantia em dinheiro que recebe, de acordo com o livro de Malaquias Cap. 3,v.10) e ofertante. Ele conhece, até pelo que pude perceber durante a inserção de campo, todos os membros da igreja que frequenta. Mantém diálogo com todos, embora, sua relação mais estreita seja com a pastora responsável pela igreja.

Vida social

Mendes narra que o momento atual de sua vida é marcado principalmente pelo constante contato com Deus, e as superações de situações adversas. Em sua fala é perceptível a visão do antes e do depois, como um fenômeno metabólico de sua presença na casa de Deus.

Me sinto cheio, meu vazio espiritual, hoje eu posso dizer, ele é preenchido! (...) Quando eu frequentei a igreja evangélica eu senti o que era o meu vazio. O que era meu vazio? Muitas vezes eu sorria, eu brincava contigo, mas quando chegava no meu quarto, eu sentia vazio, porque eu tinha que esconder minha sexualidade, tinha que esconder quem eu era, tinha que parecer uma pessoa bacana e não dizia o que eu

sentia. E ali eu sentia que eu não precisava fazer isso. Hoje já me livrei de tantas coisas ruins. Tenho certeza que foi Deus. (MENDES, entrevista concedida em agosto de 2017).

Mesmo tendo certa liberdade de ir para boates e bares gays, Mendes não se vê desprendido de sua relação com a igreja, o mesmo prefere, por ocasião, não ocupar nem um cargo, uma vez que se sente muito decido quanto a sua homossexualidade e, em sua visão, isso comprometeria seu êxito em cargos na igreja, por questões espirituais. Contudo, em suas palavras Mendes alega: *Não precisamos estar dentro da igreja, mas precisamos estar conectados com ele (Deus) e assim... Você não precisa tá na igreja, mas você precisa ir na casa dele (Deus) porque às vezes ele quer falar contigo lá, porque às vezes dentro da tua casa, tu não entende o que Deus está falando.*

Mendes, hoje, apesar de não estar num relacionamento amoroso como gostaria, acredita piamente que Deus irá colocar uma pessoa especial. Em uma conversa de bar, no penúltimo domingo de julho de 2017, Mendes relatou, enquanto funcionário público do Estado do Pará, que pensa em pedir sua transferência para outro município, pois pretende ter novas experiências no interior, conhecer novas pessoas etc. E, apesar de que vá para o interior, de duas coisa jamais perderá o contato: i) é a família; ii) e a outra é a presença de Deus, pois acredita que, aonde quer que vá, sempre terá uma casa de congregação onde ele poderá se manter fortalecido.

Os seis personagens aqui expostos configuraram e trouxeram para as discussões atuais sobre sexualidade e religião, a possibilidade de se enxergar a vivência de homossexuais em espaços religiosos evangélicos. Observando que cada um desses personagens traz consigo um histórico social que propiciou a vinda, bem como a permanência deles em cada uma das igrejas evangélicas, nas quais eles se sentem parte integrante, driblando os discursos moralizadores que em alguns momentos se fazem notar em cada contexto religioso por eles frequentado.

Capítulo III

Descrição etnográfica em igrejas evangélicas: O mundo pentecostal e neopentecostal

Nossa missão é salvar almas, pois a palavra de Deus diz: ides e pregai o evangelho a toda a criatura. Não sou contra os homossexuais, apenas tenho que cumprir com a minha missão de leva-lhes o conhecimento da “verdade” (Pr. João, entrevista concedida em pesquisa de campo em Maio de 2017).

Não nos interessa investigar a atuação ou as estratégias de articulação dos evangélicos per se, seja para capturar o ponto de vista nativo, seja para denunciá-lo. Interessa-nos os embates, as práticas discursivas dos diversos sujeitos e seus encontros na esfera pública; em outras palavras, a interação discursiva (CAMPOS, GUSMÃO e MAURÍCIO JUNIOR, 2015, p.167).

Se há barreiras para permanência de homossexuais em igrejas evangélicas, certamente elas não são maiores que os motivos que os impulsionaram a chegar até uma dessas igrejas, assim como o contexto social que cada um vivenciou antes de se fazer presente nesses espaços religiosos, eclodiram em um panorama que, de fato, foi o mote que os levou a permanecer. O que foi apresentado no capítulo anterior deixa evidente o contexto social que cada sujeito possui e que os levaram à permanência nesses espaços, seja por questões financeiras, saúde, emocional ou familiar. Contudo, no capítulo seguinte, é possível perceber que o diálogo com a realidade vivida por esses homossexuais em igrejas evangélicas não é pleno. Embora o segundo capítulo, por meio dos interlocutores, deixe nítida a viabilidade dessa frequência, é importante suscitar a dificuldade que cada um desses personagens enfrentou e ainda enfrenta nesses espaços, que depende diretamente dos discursos que cada igreja possui e que, em geral, embora sejam denominadas evangélicas, suas dinâmicas religiosas e os seus discursos não são homogêneos.

Todo o discurso tem, em si, bem mais que uma ideologia ou forma de pensamento, é inerente a este uma compreensão de mundo, obtido por meio da educação e ethos repassados pela família e instituições que o proferem. Logo, a reprodução de tal discurso necessita que haja sujeitos que o acreditem, que o defendam, que o enquadrem em suas expectativas de vida, bem como o mantenham. Quando pensado assim, faço um paralelo básico, ao seriado denominado “Deuses Americanos”³⁷ cuja ideia central implica em mostrar que: sem a fé e as formas de crença dos humanos, não há Deuses. Ou seja, a existência do(s) Deus(es) está inteiramente ligada àqueles que acreditam, pois dos humanos partem todos os sistemas de

³⁷Seriado baseado no romance de Neil Gaiman, tendo como título original: “American Gods”. Livro publicado em 2001, pela editora William Morrow.

crença, fé e doutrinas, que mantêm e reproduzem os chamados Deuses. Essa manutenção atravessou séculos, e pelo que percebo, é a fé em massa que desperta ideias conservadoras e as mantêm, bem como nutrem pensamentos e comportamentos muito acentuados em “verdades”, que moldam ou direcionam a vida de diversas pessoas, para que essas coloquem em prática a sua fé sobre um direcionamento, ou sobre uma perspectiva, ou seja, dando um sentido a existência humana na Terra. Parte daí a perspectiva de um futuro cósmico da salvação, principalmente para aqueles que praticam o que consideram certo, puros e sagrados. Deliberando os passos que consideram corretos e adequados, segundo a orientação por alguma religião, o que mostra, portanto, um papel mecânico das expressões religiosas, tanto no mundo oriental quanto ocidental (ENDJSO, 2014). A exemplo do caso apresentado no filme “Orações para Bobby”³⁸, cuja mãe do personagem principal busca, numa metodologia religiosa para obter a cura para o seu filho, cura essa direcionada a uma doença espiritual, ou seja, o homossexualismo. Doutrina alicerçada (pelo que mostra o filme) constantemente em pensamentos religiosos, tendo por base viés de interpretação bíblica.

Nos casos cinematográficos aqui apresentados, é possível entender que a doutrina ou pensamento religioso, movem e dão sentido à vida de pessoas comuns, direcionando-as para refratarem suas crenças em outros âmbitos da sua vida, não apenas religiosa, ao que diz Vital (2013). Nos dois casos também é perceptível que toda religiosidade só se mantém se alguém acredita, ou seja, se existem sujeitos para reproduzirem-na e fazer com que os acontecimentos envolvendo a religião se propagem e apresentem uma sequência de acontecimentos que alimentem a fé e a eficácia.

Ao que parece pelo que percebi em campo e ao longo da minha experiência empírica, mesmo antes de entrar na universidade, há uma missão religiosa no mundo, intrínseca aos que se denominam evangélicos e protestantes. Missão essa de levar o conhecimento da “verdade” a toda a criatura, pois, de acordo com os vários relatos que ouvi em campo, a missão de pulverizar a verdade, implica em levar em todas as pessoas a um caminho. Caminho esse em direção à “salvação”. Proposição essa já anunciada ainda no primeiro capítulo desse trabalho, que também concorda com ou mesmo dialoga sobre os estudos de Marcelo Natividade (2006), principalmente quando se pontua para a possibilidade da frequência de homossexuais em igrejas evangélicas, sob a perspectiva de cura. Porém, é a partir dessa afirmação sobre a perspectiva de salvação e do conhecimento da verdade que são acionados os sistemas de valores, tradição e conservação da estrutura familiar, heterossexual e reprodutora. Ora, pode

³⁸ Filme dirigido por Russell Mulcahy, lançado em 2009, nos EUA.

parecer redundante falar sobre isso, mas em alguns casos, o que se entende sobre “estrutura familiar” anexada a moral religiosa desta, que se nutre e, decerto, vem se nutrindo a resistência e a intolerância aos homossexuais, justificativa que também se reflete no âmbito político, como apontou Carrara (2016) e Vital (2013).

A interferência na vida privada de seus membros ou de externos a estes, é que tem dado margem, pelo que percebo, a diversas polêmicas envolvendo as instituições evangélicas em outros seguimentos da sociedade (MONTERO, 2012).

É com a justificativa de levar o evangelho, bem como o caminho da salvação a toda criatura, que muito se tem observado a respeito da intolerância aos homossexuais, pois são essas mesmas justificativas que alimentam a entrada de um grupo evangélico no cenário político no Brasil, percepção essa já apresentada por Montero (2012). O desejo de transformar a vida das pessoas (principalmente daquelas que estão sofrendo) remete à ideia de que é preciso intervir em suas vidas privadas, tendo como principal referência as prescrições bíblicas, a conservação dos valores, da moral e dos bons costumes.

Nesse capítulo, procuro, por meio de um resultado de pesquisa etnográfica, apontar as formas de manutenção de toda a doutrina religiosa evangélica, perpassando pela resistência aos homossexuais, bem como pela interferência dessas instituições na vida privada de seus membros, que se volta a um esforço contínuo de manter a estrutura familiar tradicional, anexando, ainda, as relações de valores e ethos, que perpassam tanto pela mídia como pelo cotidiano dos seus fieis e não fieis. Ressalta-se como os mecanismos de controle da sexualidade se dão, tendo como fonte principal o discurso e a teoria da salvação. Além disso, procurei nortear para os diferentes contextos sociais e discursos assumidos pelas igrejas, nas quais realizei minha pesquisa de campo, os pontos de convergências entre elas.

As igrejas evangélicas alvo deste trabalho, como já mencionado antes, são a Universal, a Quadrangular e a Assembléia de Deus. Assim, para melhor suscitar as ideias trazidas de campo, organizarei as descrições por meio da seguinte ordem, primeiro a Assembléia de Deus (AD), em seguida a Universal (IURD) e, concluindo, com a Igreja do Quadrangular (IEQ). Ao abordar a linha de entendimento sobre: *a estrutura física e organizacional igreja de cada igreja, discursos sobre família, valores e salvação e sobre a questão da homossexualidade.*

Assembléia de Deus

Sob a perspectiva de um conservadorismo enérgico, a Igreja Assembléia de Deus em Belém tem trazido consigo forte influência no âmbito político e na intervenção da vida privada de seus membros. Há, pelo que percebi, um discurso marcado sobre a questão da sexualidade, juventude e casamento. A sexualidade é algo que deve ser explorado entre os casais, à medida que se casam e consagram sua vida a Jesus. À medida que o adolescente vai crescendo e amadurece fisicamente, há grupos dentro da própria instituição voltados a promover atividades que o socialize com os demais membros de sua faixa etária. As reuniões as quais frequentei, juntamente com os interlocutores desse trabalho (Oliveira e Jhon) foram aos domingos à noite, que, em geral, são reuniões direcionadas a um público em geral. Participei também de um evento voltado única e exclusivamente para os jovens, denominado EBF-TEEM (Escola Bíblica de Férias-Jovens).

A inserção de campo aconteceu em duas igrejas da Assembléia de Deus, localizadas no mesmo bairro, na região metropolitana de Belém, e contou com a minha frequência nas duas igrejas, por meio de entrevista com dois pastores dessas igrejas. Para melhor suscitar minha descrição de campo, apresentarei abaixo uma tabela mencionando as duas igrejas Assembléia de Deus que pesquisei, quem foram os interlocutores homossexuais que contribuíram e o pseudo-nomes dos entrevistados membros das igrejas. Considerando que o processo em pesquisa de campo se deu primeiro: com a frequência em reuniões ao lado do interlocutor da pesquisa, sempre munido de caderno de campo e, na sequência, com conversas gravadas com cada interlocutor da pesquisa e, por último, entrevista com um dos responsáveis pela igreja.

Igreja Assembléia de Deus	Interloc. Homossexual	Responsável pela igreja, entrevistado
AD I	Jhon	Pastor João
AD II	Oliveira	Pastor Pedro

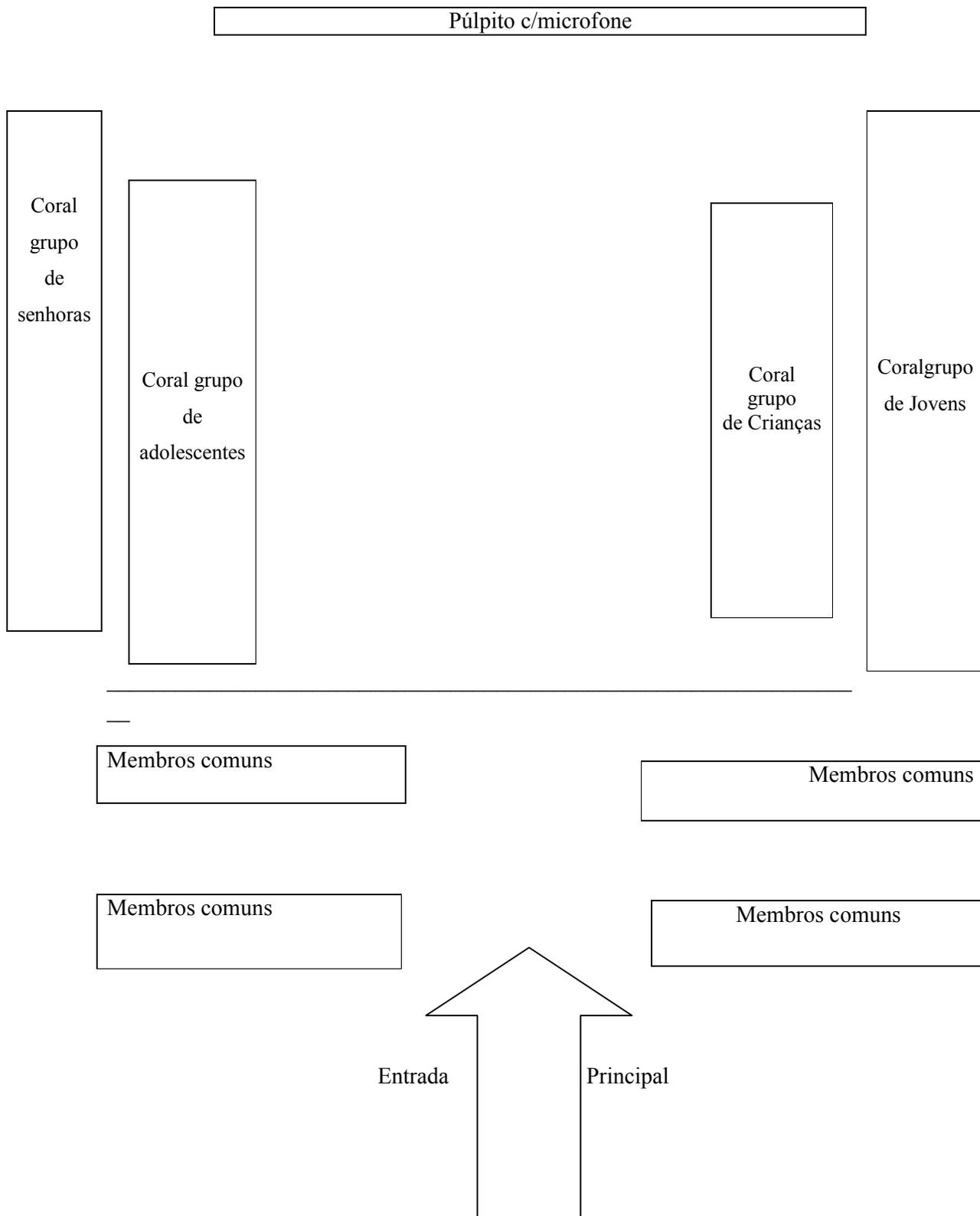
AD-I

O meu primeiro trabalho de inserção de campo na AD foi ao lado de Jhon, cujo pai, no momento da pesquisa de campo, era um dos pastores auxiliares da igreja, em geral, a esse cargo compete a participação nas reuniões centrais da Igreja e a posse de alguma responsabilidade dentro da instituição, seja no departamento financeiro, ou no grupo de evangelização, ou no departamento de eventos etc. O seu pai, que concedeu a entrevista, fazia parte do grupo de evangelização.

No primeiro dia da inserção de campo, no domingo, 28 de maio de 2017, na reunião das 18 horas, fui ao encontro de Jhon em sua residência, cuja igreja Assembléia de Deus que ele frequenta é próxima de sua residência. Ao chegar à casa dele, percebi que seu pai (pastor João), já havia ido para a igreja a uns 15 minutos antes do início do culto, motivo que se justifica pelo fato de que os pastores auxiliares, assim como os jovens e congregados, chegam um pouco antes para prepararem toda estrutura e o “clima espiritual” do culto, segundo Jhon informou. Para que se entenda a estrutura interna da Assembléia de Deus, farei um pequeno esquema explicatório, conforme observado em campo.

Cadeiras para os pastores auxiliares

Altar



Logo na entrada da AD-I, fui recepcionado por uma moça na porta principal da igreja, a qual pegou meu nome e anotou em uma lista. Perguntei de imediato a Jhon o que significava

aquilo. Jhon respondeu-me que toda pessoa que entra pela primeira vez na igreja Assembléia de Deus dar o nome na entrada para participar de um ritual de “boas vindas”, que consiste em ser apresentado publicamente para todos os membros e, com isso, recebe a “saudações de boas vindas”, isso ocorre ainda que a pessoa esteja na condição de visitante, como foi o meu caso.

Após o percurso até a igreja, e ter adentrado a instituição, tomei nota de tudo o que via, e principalmente dos primeiros momentos em campo. O culto começou com um cântico, sob voz feminina de uma participante do grupo de senhoras. É importante ressaltar que logo na entrada é entregue, rotineiramente aos domingos, um boletim informativo acerca das programações da igreja ao longo da semana, programações sobre o que vai ocorrer, a partir do de interesse para todos os membros da Assembléia de Deus, em toda Belém.

Então peguei um boletim informativo que me foi dado logo na entrada da Assembléia de Deus, contendo todas as informações lançadas pelo tempo central da AD de Belém acerca dos eventos e mobilizações da Igreja, nos últimos momentos do culto, o pastor principal faz a leitura sobre as atividades que irão ocorrer. (Diário de campo, em 28 de maio de 2017).

A base das reuniões de domingo são os louvores e adorações a Deus, não obstante, temas relacionados ao cotidiano dos fieis são abordados, incluindo a vigilância sobre o pecado, a manutenção da fé em Deus, cuidado com a família etc. O culto aqui descrito ocorreu no dia 28 de Maio e um dos pontos apresentados pelo pastor foi a reflexão sobre “acreditar e entregar” (acreditar em Deus e entregar a vida nas mãos dele e aguardar sua espera).

Ao longo dos cultos, é comum que se ouça, em meio a pregação, entre um e outro momento, o grito: Gloria a Deus! Aleluia! Louvado seja o senhor! Aleluia! (Diário de campo, primeiro culto, em Maio de 2017).

O culto sistematicamente segue uma ordem de funcionamento, conforme observei durante a inserção de campo. Cada grupo interno da instituição (crianças, adolescentes, jovens, anciãos e pastores) faz a sua participação cantando quase sempre em coral. Vejamos por meio do esquema, a seguir, a ordem cronológica do culto;

- Louvor inicial, tocado por instrumento geral da igreja (banda);
- Uma palavra de reflexão espiritual (por um dos pastores auxiliares ou convidado);

- Oração inicial (ministrada pelo pastor principal);
- Cântico entoado pelo primeiro grupo (grupo de jovens);
- Uma palavra de reflexão espiritual (tendo por base uma leitura da bíblia);
- Cântico entoado pelo segundo grupo (adolescente);
- Mensagem bíblica dada por outro pastor auxiliar (dia 28/08, foi abordado livro de Marcos cap. 5 v. 35 a 43);
- Oração de gratidão pelas bênçãos alcançadas;
- Cântico do grupo do terceiro grupo (grupo de criança);
- Palavra com base em um referencial bíblico que falou a cerca da obediência;
- Pedido de oferta;
- Cântico do quarto e último grupo (anciãos);
- Anúncio das programações internas da igreja (local);
- Apresentação dos visitantes (ritual descrito a diante);
- Canto de um coral geral;
- Culto de encerramento.

No geral não é apenas um pastor que fica no altar, segundo observei hoje, o pastor principal é acompanhado de outros cinco pastores auxiliares, onde esses ficam sentados enquanto apenas um se dirige ao púlpito para dar a palavra e sequência ao evento religioso, considerando que ao longo do culto cada um dos pastores auxiliares dá uma palavra ou uma mensagem tendo alguma referência bíblica. (Diário de campo, primeiro culto, em Maio de 2017).

Dentro do processo apresentado, a minha primeira inserção de campo na Assembleia de Deus foi a respeito da participação do ritual de boas vindas. E o desencadeamento dessa ação foi:

Então o pastor disse: Vamos chamar nossos irmãos de primeira vez, que estão visitando a casa do “senhor”. Vamos chamar então para que fique de pé: Alan Silva de Aviz. [Fiquei em pé e todos os outros membros ficaram sentados] Após ficar em pé, o pastor perguntou: O que falamos para os nossos visitantes de primeira vez igreja? A igreja em coro respondeu: Sejam bem vindos em nome de Jesus e volte sempre e “sejam” uma bênção e voltem para contar e se quiserem podem ficar. (Diário de campo, em 28 de maio de 2017).

Após o ocorrido, foi dada uma última palavra acerca do acreditar em Deus, movendo a igreja, para todo um sentimento de fé e otimismo para enfrentar as dificuldades do cotidiano, essa comoção da igreja externalizou-se em forma de oração, posteriormente. O que reforça o discurso do meu interlocutor Jhon. Naquele dia, percebi esse é um dos fatores que o motiva a permanecer dentro da Igreja que, por sua vez, nela ele se sente renovado, ou otimizado, tanto em praticar a fé em Deus quanto por meio de todo o ritual ali representado.

Todo o percurso acima apresentado se reproduziu nos domingos seguintes durante minha pesquisa de campo, porém, constatou-se algo que tem sido recorrente em todos os cultos participados, a necessidade dos pastores que ali ministram o culto discorrerem sobre os seguintes temas: família, moralidade e arrependimento. Com forte ênfase em “finais do tempo” (conforme descrito na bíblia, precisamente no livro de Apocalipse), considerando que tais temas são abordados visando a constante vigilância por parte de seus fieis pela perspectiva da salvação. É nesse entorno que percebo o quanto a igreja intervém na vida privada de seus membros, aludindo ao que diz Montero (2012).

Em um segundo momento, no qual fiz todo o percurso anterior ao culto para inserção de campo, bem como participei do mesmo. Percebi de uma ação a qual eu já tinha conhecimento antes de adentrar a igreja e que corrobora alguns discursos conservadores sobre a doutrina religiosa evangélica. O uso constate da saudação “paz do senhor irmão!” mas, afinal, no que isso consiste? Bem, era o segundo domingo em que eu participava do culto à noite na Assembléia de Deus e, decerto, não entendia muito bem o porquê de tal prática. Porém, fora naquele culto que obtive a resposta. Conforme proferiu o pastor que se apresentava durante o culto, essa saudação ganhava sentido no momento em que se reconhece que “a paz do senhor” está dentro de quem profere a saudação, e sua conexão com Deus implica no reconhecimento de outros que também mantêm a mesma conexão, como um sinal de reconhecimento de que a paz do senhor está no outro, assim como está em si mesmo, uma espécie de reconhecimento de irmandade religiosa, uma espécie de sinalização de que estamos conectados com Deus. No transcorrer do culto, o pastor especificou que isso não é o suficiente, além disso, as programações oferecidas pela igreja são as medidas principais, pelas quais a igreja procurar levar seus fieis a manterem-se conectados a Deus.

É necessário estarmos sempre conectados a Deus. Às vezes tem quem nos questione o porquê de tantas tarefas, tantos compromissos e uma grande lista de eventos dentro da igreja? É claro, a “casa de Deus” precisa se manter conectado a vocês, temos a missão de não nos desviarmos da presença de Deus, aliás, já diz o

ditado, “mente vazia oficina do diabo”. Fala do pastor M, ministrante da palavra no dia 04/06. (Diário de campo, em de maio de 2017).

A frase do pastor, mencionada acima, foi endossada tendo por base a leitura bíblica feita por todos os membros. Presente no livro de Isaías, capítulo 55. Por sinal, uma observação importante a se destacar é o uso constante da bíblia, quase todos os membros, inclusive o meu interlocutor Jhon, exceto eu, levam a bíblia para os todos os cultos.

Houve, também, uma palavra voltada à temática da salvação, pois foi colocado que existe um padrão específico de crente, pois não será qualquer crente que irá obter a salvação. Para obter-se a salvação é preciso seguir um padrão de comportamento religioso. Essas palavras proferidas pelo pastor tiveram como referência a citação do Salmo 24 v. 3 e 4.

Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente.

A igreja ouve e acata, segundo minha observação, toda a interpretação da bíblia apresentada pelo pastor ministrante, não há participação dos membros ou mesmo interferência de qualquer pessoa ao longo do culto. No culto em questão, foi mencionado que a Assembléia de Deus estava comemorando aniversário de 106 anos em Belém em 2017 e esse aniversário se dá no mês de junho, coincidindo com o período de minha inserção de campo. Com a celebração de mais um ano de aniversário da igreja, mostra-se que, de fato, por estar ativa há tanto tempo, é um sinal de que toda a doutrina ali aplicada estava dando certo, de acordo com a fala do pastor ministrante.

Na inserção de campo, no último dia que estive na AD-1, entre um dos temas de maior relevância posto e que deu sequência a toda a programação daquele dia, 18 de Junho, abordou-se sobre a missão da Assembléia de Deus, focando no aniversário da instituição, cuja programação se deu no centro de eventos da Assembléia de Deus em Belém, localizado na Avenida Augusto Montenegro, bairro Castanheira.

O discurso apresentado foi sobre a missão que a igreja possui de levar a “verdade ao máximo” de pessoas possíveis. Verdade essa que consiste em libertar, transformar, curar e salvar, ou seja, fazer um milagre, milagre esse que tira as práticas não saudáveis do mundo de dentro das pessoas (prostituição, violências, vícios etc.) conforme discorreu o pastor que abriu o culto desse dia. (Palavra do pastor principal. Diário de campo em junho de 2017).

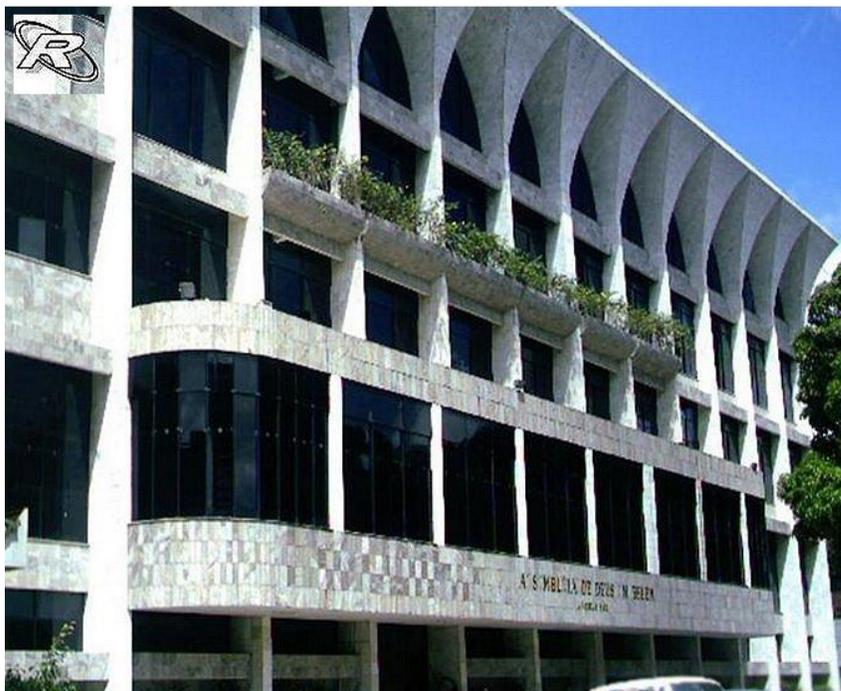
Cada pastor que veio posterior ao principal, naquele culto, trouxe uma mensagem semelhante. No momento final, após todo o percurso tradicional das reuniões, conforme pontuado acima, o pastor que ministrou a última palavra direcionou o culto para ser encerrado, sendo feito, como de costume, uma apresentação por um dos membros do grupo de senhoras da igreja, uma mulher aparentando ter em torno dos 60 anos que, segundo informado, estava ali naquele espaço religioso desde a fundação, fundação essa que se deu em 1996. A idosa que deu a palavra, a identificarei como Maria, encerrou discorrendo sobre a dificuldade de seguir e permanecer na fé, acreditando antes de tudo que, se um dia Jesus voltar e houver o juízo final, mencionando também que Deus não nos priva de liberdade, mas nos dá a liberdade para fazer o que queremos, porém mostra por meio da bíblia o caminho correto, o caminho da salvação, o que a mesma traduziu por meio do ditado popular “tudo é lícito, mas nem tudo convém”[isto é um versículo de uma carta paulina, I Coríntios 6, v. 12], ela também fez referência a algumas igrejas evangélicas que comemoram a festa junina, tão típicas em nossa região (norte) no período de junho. Sua afirmação julgara que tais práticas distanciam o “crente”, bem como o homem, de Deus, ou seja, de uma vida santificada. Naquele momento a igreja ovacionou o discurso proferido, a qual usou como referência, e também pediu para a igreja acompanhar por meio da leitura da bíblia de cada um, do livro de João, capítulo 15, versículos 16 e 17.

A inserção de campo na igreja AD-1 se deu entre os dias 28/05 a 18/06 de 2017. Conforme proposto ainda no pré-projeto desta dissertação, após a inserção de campo ao lado do meu interlocutor (Jhon), fiz uma entrevista gravada com o mesmo e uma entrevista com um dos responsáveis pela instituição, preservando a imagem e identidade do interlocutor. No caso da entrevista com Jhon, interlocutor aqui mencionado, o resultado já foi exposto no capítulo anterior. O que trarei a seguir será o resultado da entrevista com o pastor responsável pela igreja, o pastor João, os demais, em geral, estavam ocupados, e alegaram que não poderiam contribuir com o meu trabalho por meio de entrevista programada, porém se colocaram a disposição para repassar qualquer informação. Assim, minha estratégia para obter a contribuição dos pastores, tanto da igreja em questão quanto da posterior foi possível ao afirmar que eu pesquisava sobre o aprendizado a respeito da sexualidade repassado aos jovens membros de igrejas evangélicas. Considerando o aumento de caso de violências sexuais cometidas contra adolescentes em geral, da gravidez precoce e DST's. Neste sentido, eu propusera agendar uma data, de acordo com a disponibilidade do pastor e, na sequência, levaria um roteiro de perguntas às quais eles iriam responder e eu gravaria toda a nossa conversa. No entanto, o problema foi encontrar tempo na agenda dos pastores para tais contribuições, todavia, um pastor se permitiu contribuir, agendando

previamente a data conforme proposto. O pastor que nos cedeu a entrevista é, aqui, denominado de João, a fim de manter sua identidade preservada.

O roteiro de perguntas apresentado aos pastores como forma de extrair as informações precisas, que giraram em torno do que pesquiso, é mostrado pela sequência a seguir: i) Quais as dinâmicas e atividades a igreja oferece aos seus jovens? ii) O que a Assembléia de Deus fala sobre namoro, noivado e casamento? iii) O que a igreja orienta sobre relações sexuais aos jovens? iv) O que a igreja ensina como certo ou errado? v) Sobre o uso de bebidas alcoólicas? vi) Sobre vestimenta? E, por fim, vii) o que a igreja tem ensinado e como tem lidado com a questão do “homossexualismo”?

A conversa, pré-agendada com o pastor João³⁹, ocorreu em um dia da semana, de manhã, na sua residência, segui o roteiro apresentado e pedi a sua autorização para gravar nosso diálogo, que fora consentido pelo pastor. Em geral, em seu discurso, o mesmo criticou a existência de novas igrejas e da perda de valores morais que vem se dando em diversas religiões, bem como no mundo. O mesmo apontou que a igreja AD vem cumprindo com seu papel, porém, alertou que existem alguns seguimentos religiosos que se identificam como Assembléia de Deus, mas não pertencem à mesma direção religiosa a qual ele pertence. Que está diretamente vinculado ao templo central da Assembléia de Deus, em Belém, e segue sob sua administração.



(Fonte: Google imagem. 2017)

³⁹Pastor João é casado e possui três filhos. Sua esposa é membro da Assembleia de Deus. Ele trabalha como segurança de uma empresa privada, além da função de pastor auxiliar na AD-I.

Os ensinamentos e as diretrizes repassadas pelo tempo central passam por toda uma avaliação, tendo por referência os ensinamentos bíblicos, conforme argumenta o pastor João. Ensinamentos esses que são primordiais para direcionamento de todas as doutrinas e noções que precisam ser repassadas, tanto aos jovens, como para os membros em geral. Argumentou ainda que a igreja tem mudado sua postura sobre algumas questões, principalmente, sobre algumas condutas, a exemplo de certas vestimentas, porém, em geral, outras têm-se mantido como forma de preservar sua conduta e aliança com Deus, o que se remete diretamente aos jovens.

Passamos sim, por um contexto de mudança, mas mantemos nosso compromisso com aliança com Deus, e não com mundo. Uma prova disso é que você, andando pelas ruas, consegue identificar tranquilamente, um jovem evangélico do outro que não é... (Pastor João, entrevista concedida em junho de 2017).

O comportamento no dia a dia também é um reflexo da doutrina aplicada dentro das igrejas, identifico que todo comportamento em sociedade tem, por trás, um discurso. Sustento esse argumento tendo por referência às ideias repassadas pelo pastor durante a entrevista, mencionando, enfaticamente, acerca do comportamento dos jovens dentro da instituição. Em sua fala, alegou que um dos diferenciais dos jovens da AD é a ausência de alguns comportamentos perigosos (termo esse discorrido pelo pastor), a exemplo das bebidas, tabagismos, drogas etc.

O jovem desde criança é orientado a andar com disciplina, e tendo por referência as leituras bíblicas a ele apresentadas, norteando o caminho santo e consagrado, no qual ele deve andar, e que o livrará das ações perversas do diabo. Conforme está na bíblia: *Ensina a criança o caminho que deve andar, e quando grande não se desviara dele* – frase presente no livro de Provérbios cap. 22, v. 6. - (Pastor João, entrevista concedida em junho de 2017).

Se, por um lado, é preciso manter os jovens longe das coisas ruins procedentes no mundo, conforme afirma o pastor João, por outro, é necessário que se ensine o bom caminho a ser trilhado em direção as relações de vida saudável que lhe garanta não apenas uma passagem pela terra de forma consagrada, pura e santificada, mas, também, a salvação após a morte. Razão essa pela qual vi, dentro da igreja e confirmada por meio da conversa com o pastor João, a necessidade da intervenção das lideranças evangélicas na vida privada de seus membros, o que em seu entendimento (liderança), tal intervenção não remete à ideia de um controle social, mas,

sim, de um apoio na fé, na doutrina e no fortalecimento da aproximação com Deus, enquanto membros de um mesmo corpo.

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura (LOURO, 2000, p.6).

A interferência em suas vidas remete a ideia de cuidado, para que os membros da instituição, ou do “corpo evangélico” (a ideia de corpo evangélico é uma categoria êmica utilizada pelos próprios membros, associado à ideia de irmandade) para que não se desviem para o mal, ou mesmo se “percam”.

Os jovens, assim como os membros, são como ovelhas, cujo pastor precisa guiá-los como uma espécie de rebanho. Por isso, conduzir um jovem a ter uma vida saudável, é essencialmente importante, por isso, desde cedo, damos toda a orientação para que ele venha nutrir uma família abençoada, por isso passamos a ele a verdade, e todo o caminho para lidar com a questão das relações sexuais. Entendendo que tudo isso é um processo de comunhão com Deus. (Pastor João, entrevista concedida em junho de 2017).

É nessa expectativa, e entendo a importância da sexualidade dentro do processo de santificação e comunhão com Deus, que pude notar a definição da própria sexualidade para os evangélicos. A sexualidade, basicamente, está ligada a uma questão moral e religiosa e, em alguns casos, associada diretamente ao sexo.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa idéia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano (LOURO, 2000, p.5).

Sexo, assim como a sexualidade, quando trazido para uma relação entre um casal heterossexual, após o casamento, torna-se parte integrante da comunhão com Deus e, também, no comprometimento com a família e com os preceitos bíblicos, como está escrito: *Crescei e multiplicai-vos* (Gênesis. Cap.1, v. 28). Agora o sexo, bem como a sexualidade, quando praticados antes ou fora do casamento, sem qualquer comprometimento com as instâncias mencionadas acima, sem qualquer vínculo religioso, tanto o sexo quanto as formas de sexualidade são associados diretamente a algo profano, pecaminoso, imoral e imundo. Essa é

uma das razões, conforme exposto pelo pastor João, pela qual os evangélicos abominam a homossexualidade, pois tal prática está longe, conforme o mesmo aponta, de trilhar todo um caminho para que a prática sexual santificada destes (homossexuais) deixe de ser um pecado. Por isso, quando perguntado sobre homossexualidade, ou como eles lidam com o homossexualismo, eis o que o pesam.

Bom, todo mundo sabe que a bíblia condena a prática de sexo entre dois homens e duas mulheres. Certo? Não só isso, como a natureza sempre mostra o macho e a fêmea procriando e dando sequencia a espécie. Com isso, a gente sabe que o homossexualismo vai totalmente contra as leis de Deus e da natureza. Basta observar no meio ambiente, assim como na passagem bíblica, lá em Levítico, que condenou essa prática. Aceitamos que essas pessoas entrem na igreja, porém isso não nos impede de falar a “verdade” a eles, e mostrar o caminho da salvação. Uma vez que a palavra de Deus Diz: *ides e pregai o evangelho a toda a criatura* (Marcos, cap. 16, v.15). Ou seja, não é que nós não os admitimos. Mas a palavra de Deus é clara, quanto ao que eles fazem. Né? E cabe a nós mostrar a direção que o pecado que eles cometem ira lhes conduzir, pois *o salário do pecado é a morte* (Romanos, cap. 6, v. 23). Na bíblia diz ainda. *Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará* (João, cap. 8, v. 32), como também diz, *vindes como estás*. Aceitamos os homossexuais, porém lhes mostramos a melhor direção a seguir. (Pastor João, entrevista concedida em junho de 2017).

Ao que parece, toda visão sobre a homossexualidade remete não apenas a questões morais, mas a uma prática diretamente ligada ao sexo e religiosamente inaceitável. Ideias essas que nutriram possíveis estratégias de recuperação ou anulação de práticas da homossexualidade como o caso do EXODUS-Brasil (GONCALVES, 2016). Essa dedução, tive não apenas pela conversa com o pastor João, como também por meio de conversas paralelas durante o campo. O sexo, enquanto pecado, coloca os homossexuais na condição permanente de pecadores e, claro, condenados ao inferno. É importante que se saiba que para o interlocutor da pesquisa, que frequenta a igreja do entrevistado em questão, esse destoa da visão de pecado cristalizado pela igreja. Como já exposto no segundo capítulo, o pecado, para Jhon, é uma prática constante, como também é constante o seu arrependimento, bem como o pedido de perdão, o que não necessariamente o condiciona a ir para o “inferno”.

Ainda, para finalizar a contribuição do pastor João, é importante que se destaque que sua visão de homossexualidade, atrelada ao pecado que conduz a morte, tem tanto por referência

empírica (quando o mesmo me convidou a observar a natureza em minha volta) quanto por meio da leitura bíblica, principalmente do livro de Levítico. Nesse percurso faço um paralelo para outra interpretação desse livro, diferentemente dos evangélicos, mas de acordo com o apontamento de Daniel Helminiak, no livro *O que realmente a bíblia diz sobre homossexualidade*, o qual chama atenção para a necessidade de se ler, tanto o livro de Levítico, como a bíblia como um todo, considerando o contexto histórico da época. O que ele chama de: leitura histórico-crítica.

A abordagem histórico-crítica entende a inspiração bíblica de modo diferente. Esta leitura admite que aquilo que os autores humanos escreveram possa ter um significado que ultrapasse a sua própria compreensão (HELMINIAK, 1998, p. 29).

E em outro momento, o autor sugere que por meio de uma leitura histórico-crítica que se entende o que realmente esse livro de Levítico quis dizer sobre os homossexuais, o que, decerto, vai na contramão da interpretação do pastor João:

Entre os antigos israelitas, assim como o livro de Levítico o interpreta, praticar atos homogenitais significa ser como os “gentios”, era o equivalente a identificar-se com os não judeus. Isto quer dizer que a prática de atos homogenitais representava uma traição à religião judaica. O livro de Levítico condenava o sexo homogenital como um crime religioso o que era considerado grave o suficiente para merecer a pena de morte (HELMINIAK, 1998, p.49).

Merece destaque a informação de que a acusação acerca de a homossexualidade ser inadmissível tem por base o livro de Levítico, por ele deixar claro que tal prática consiste em algo ruim, errado e que desagrada a Deus, como por analogias sociais não se sustenta. Pois a forma de interpretação deste livro, a exemplo da inferida pelo pastor João, consiste numa interpretação literal do mesmo, não justificando uma condenação austera aos homossexuais no contexto atual.

Igreja AD-II

Após o trabalho de campo na Igreja AD-I, paralelo este, fiz trabalho de campo na AD-II com o interlocutor Oliveira, bem como por meio da frequência nos cultos ao lado dele. No caso específico do Oliveira, minha frequência não se deu em apenas um dia específico da semana, mas as quartas, domingo de manhã na programação do culto dominical e na programação da EBF-TEEM.

Nas quartas-feiras, fui para uma programação de orientação espiritual, para busca do espírito santo, e que também passava um pouco pela celebração dos 106 anos da Assembleia de

Deus em Belém. Na primeira quarta-feira, dia 14 de Junho de 2017, agendei, com antecedência, para acompanhar Oliveira, sendo que, dessa vez, pedi antecipadamente para não passar pelo ritual de “boas vindas”, embora fosse inevitável que os outros membros não percebessem que eu era novato no grupo. A reunião, naquele dia, começou às 19 horas, e tinha em torno de 20 pessoas na plateia, é claro que uma coisa é importante de ressaltar. A mesma configuração interna, mostrada na imagem da AD-I, da posição dos grupos, reproduziu-se na íntegra na AD-II. Dessa forma, é importante que se diga que os 20 membros que mencionei não fazem parte daqueles que ficam no entorno do altar, que fazem parte dos grupos internos.

No primeiro momento, percebi quão grande é a presença de idosos e crianças na faixa de 7 a 10 anos. Uma das coisas também notadas é a total fluidez e constante circulação desse público ao longo do culto. Eles sentam e levantam a hora que querem. Não há obreiros para chamar-lhes a atenção durante o culto, como ocorre no caso da igreja Universal.

Aos poucos, o fluxo de membros foi aumentando, à medida que estes iam chegando para o culto, em grande parte atrasados. Outros, por estarem detidos a alguma atividade interna a igreja. Considerando que o espaço é grande e que a mesma possui várias salas, na estrutura posterior ao templo, ou seja, na parte de trás da igreja. Muitas eram as crianças que entraram ou passavam em meio aos bancos de madeira. Em algum momento, durante a oração inicial, cheguei a me incomodar com muitas delas falando alto perto de mim. Se o pastor não estivesse falando ao microfone, certamente nem mesmo a oração conseguiria ouvir direito (Diário de Campo, AD-II, em junho de 2017).

O meu interlocutor, Oliveira, só esteve ao meu lado, nos quinze primeiros minutos desse culto, como o mesmo estava envolvido na organização do evento infantil, inclusive arrecadando fundos para o evento voltado para este público, o mesmo não pôde estar ao meu lado durante todo culto, o contrário de Jhon. Esse culto encerrou com uma cena que, certamente, chamou-me a atenção: após a fala sobre arrependimento, bem antes da oração final, que propunha buscar a Deus enquanto se pode achá-lo. O pastor convocou aquelas pessoas que estavam em pecado e gostariam de reconciliar-se com Deus, ou que, por algum motivo tinham se afastado da igreja. Nesse momento, três jovens se levantaram e foram em direção ao altar, ambos se apresentaram ao pastor, ajoelharam-se de frente do altar e permitiram o pastor ministrante do culto fazer uma oração de imposição de mãos sobre eles. Após o ocorrido, o pastor os orientou a falarem em coro a seguinte frase: *peço perdão a Deus por ter me desviado do seu caminho e quero, novamente, tomar minha aliança de volta com o senhor, estou arrependido pelo que fiz, mas peço que me*

aceite de volta para que eu possa andar nos seus passos. O evento se justifica pelo fato de que, no domingo posterior, haveria batismo, e eis uma “oportunidade” para reconciliar-se com Deus e, assim, firmar uma nova “aliança” (uma espécie de pacto com Deus). O pastor consagrou os jovens e perguntou se eles de fato estavam arrependidos. Todos responderam que sim. Na sequência, foram orientados pelo pastor a virarem de frente para Igreja (plateia) e pedirem perdão para os membros, em coletivo. Em minha opinião, foi algo constrangedor, porém os jovens assim o fizeram. Achei necessário descrever esse evento, pois não se reproduziu na Igreja AD-I durante minha observação de campo.

O segundo momento de campo se deu no domingo, dia 02 de julho de 2017, à noite, e o propósito foi, também, falar sobre a salvação. Nesse dia, o pastor, além de todo processo que ocorre durante o culto já mencionado na Assembléia de Deus, informou que haveria o batismo nas águas. Pelo que percebi, conforme foi orientado pelo pastor, todos que iriam se batizar nas águas ficavam sentados na primeira fileira de cadeira da plateia, de frente para o altar. A celebração se deu no final do culto, quando também foi previamente explanado o significado de batismo nas águas, pelo pastor.

E eis que o pastor falou, inicialmente, sobre o comportamento em pecado, do qual aqueles que são filhos de Deus devem se desviar. E, como parte integrante daqueles que são consagrados a Deus, precisam ser batizado nas águas, mostrando, como exemplo, a passagem bíblica que descreve o batismo de Jesus, (livro de Mateus, cap. 3, v. 15 a 16). Assim, o batismo significa abandonar o mundo, uma limpeza espiritual, o sair da carne para entre no espírito, abandonar a velha criatura para um novo homem ou uma nova mulher, significa se arrepender do pecado e assumir uma nova aliança com Deus. (informações coletadas diretamente das falas do pastor João, durante pesquisa de campo, em junho de 2017).

O terceiro momento em campo ao lado de Oliveira ocorreu na primeira segunda-feira de julho, numa programação denominada EBF-TEEM, que significa Escola Bíblica de Férias Jovens. Um encontro que reúne jovens e adolescentes tanto do grupo de adolescentes quanto de jovens da Assembléia de Deus. O encontro nada mais é do que uma gincana entre as igrejas do bairro. Considerando que, em um bairro, há várias igrejas Assembléias de Deus, porém, no âmbito administrativo, existe apenas uma que coordena as demais. Por exemplo, no bairro onde eu moro, há 15 Igrejas Assembléias de Deus, contudo a unidade onde ocorreu a EBF-TEEM é

quem coordena as demais unidades e esta é responsável administrativamente pelas outras, perante a igreja Mãe (templo central da Assembléia de Deus em Belém). Durante o evento, que é uma gincana, ocorreu apresentação de grupos de dança, coral e banda evangélica. Oliveira, meu interlocutor, como o responsável pelo grupo de adolescente, chegou um pouco atrasado e nem pode me dar muita atenção, apenas cumprimentou-me e assumiu a frente da igreja a qual representa, identificada durante a gincana pela cor verde. Todas as igrejas que participantes, que não foram todas as 15, eram identificadas por cores, como: azul, preto, vermelho etc. Inicialmente, eu fiquei sentado bem atrás, sem participar diretamente das competições que ocorriam.

Um das provas apresentadas para gincana era a competição – passa ou repassa – (propondo torta na cara do competidor que errasse as perguntas feitas na competição). Considerando que cada igreja tinha que apresentar 4 jovens para ir para essa prova, e a que eu estava, mesma de Oliveira, não tinha número suficiente, e sabendo Oliveira que sou professor de sociologia, o mesmo não pensou duas vezes em vir me convidar para participar. A prova consistia em perguntas de conhecimentos gerais. Inicialmente resisti ao convite, porém acabei aceitando, vendo que houve insistência dos demais jovens que compuseram a equipe da igreja de Oliveira, na qual eu estava inserido. Passei por duas perguntas, uma passei e o meu oponente não soube responder, e a outra, o meu oponente respondeu, porém errado, conclusão, não levei torta na cara. (Diário de campo, igreja AD-II, em julho de 2017).

Após o evento, tive um uma segunda ida à Igreja AD-II, ao lado de Oliveira. Estive mantendo contato com o mesmo por redes sociais e falei da necessidade de conversar com o pastor responsável pela instituição, justamente para entender algumas questões ligadas à igreja, bem como para entender todo o discurso que a mesma sustenta sobre sexualidade e homossexualidade. Oliveira agendou sua conversa comigo (contribuição inerente ao segundo capítulo) e disse que iria conversar com o pastor da sua igreja para que ele liberasse a entrevista, porém pediu que, de forma alguma, eu dissesse que ele é homossexual para o pastor, alegando que isso era um segredo nosso. É claro, de imediato, concordei com o pedido feito por Oliveira, pois o sigilo é primordial para Oliveira mante-se com as atividades internas de suas Igrejas, como fora ressaltado anteriormente, essas atividades não só ocupam sua mente, como dão sentido a sua vida.

Passada uma semana, novamente por rede social, ele confirmou a data de sua entrevista comigo e a data da entrevista com pastor responsável da sua igreja. Pastor aqui denominado de Pedro a fim de manter sua identidade preservada. O resultado da entrevista segue-se nos próximos parágrafos.

Em uma quarta-feira do mês de julho desse ano, 2017, fui ao encontro do pastor Pedro. Tínhamos programado às nove da manhã, porém, cheguei mais cedo, às oito e meia. O local agendado tinha sido o salão da própria igreja frequentada por Oliveira frequente e onde pastor Pedro administra. Logo na entrada, percebi o Pastor Pedro conversando com alguém, depois se dirigiu à porta de entrada e convidou-me a entrar, dizendo:

Pr. Pedro: Você é o Alan?

Pesquisador: Sim. Isso mesmo!

Pr. Pedro: - Certo! Tudo bem Alan? Oliveira já havia me falado. Pode entrar Alan, seja mais uma vez bem vindo. Entre e sente no salão, só lhe peço que aguarde alguns minutos porque estou atendendo um membro da igreja que precisa de orientação. Logo conversamos.

Pesquisador: Sim senhor, pastor.

Após o ocorrido, passei em torno de 15 minutos esperando pelo pastor. Após ter encerrado a conversa com a pessoa que precisava de orientação, da qual me mantive distante ao logo da conversa deles, o pastor Pedro me chamou e pediu para eu sentar junto a ele, e ambos sentamos nas cadeiras que estavam no altar. Começamos a discorrer numa conversa gravada. Antes disso, expus a ele o mesmo motivo que havia exposto para o pastor João a respeito da minha pesquisa. Falei que o propósito era identificar quais discursos as igrejas evangélicas utilizavam com os jovens para tratar acerca de sexo e sexualidade. O pastor iniciou agradecendo a paciência por ter-lhe esperado.

O percurso da conversa se iniciou com a pergunta sobre quais as atividades se oferecem para manter os jovens dentro da instituição?

Bem, a igreja promove reunião de solteiros, grupo de evangelização jovem, de estudos com adolescentes, gincanas, passeios, grupo de teatro, coral e banda. Tudo isso alimenta uma comunhão dos jovens com Deus e desvia-os da necessidade de recorrer às coisas do “mundo”. (Diário de campo. Pr. Pedro, entrevista concedida em julho de 2017).

Ao longo da conversa, Pr. Pedro enfatizou que é casado, possui 3 filhos e é membro da Assembléia de Deus há 55 anos. O mesmo possui 76 anos de idade. Ao longo desse percurso, já passou por vários Estados brasileiros, e até mesmo países. Porém, é original da cidade de Cametá-PA. Alega ser fundamental o trabalho com os jovens e adolescentes, principalmente por conta da mídia e do que a mesma expõe sobre sexualidade, e lança a ideia de que tudo isso é resultado do final dos tempos. Por isso, a igreja promulga a total orientação sobre a questão de namoro e sexualidade. O mesmo se vê, aos 76 anos, como um exemplo de comunhão com Deus a ser seguido pelos jovens, destacando que sua vida amorosa sempre teve êxito porque soube esperar no Senhor.

A sexualidade, assim como o próprio sexo, é algo que deve ser desenvolvido entre o casal a partir do momento em que existe o matrimônio. Se casados, o sexo é consagrado e não se torna pecado. Se não casados, o ato vai contra as leis de Deus, por isso é um ato libidinoso, imoral e leviano, de promiscuidade, que certamente vai lhe levar pra alguma perdição. Temos aí várias doenças, né? E, no geral, elas são contraídas numa relação que não passa por aquelas que fazem parte do matrimônio ou casamento. (Entrevista concedida pelo Pr. Pedro. Em julho de 2017).

Mais uma vez, é possível se fazer um contraponto sobre o conceito de sexualidade e sexo para os pastores das igrejas Assembléia de Deus, tanto no caso do pastor João, anteriormente, quanto no do pastor Pedro, entrevistado nesse momento. Ambos convergem para compreender a sexualidade e sexo no mesmo conceito, e ambas submetidas a uma questão também religiosa e moral na qual o sexo, quando posto dentro do casamento, é puro e santo, e fora dele é pecaminoso e impuro. Ambos nada falam a respeito do lidar com o corpo, sobre a individualidade sexual, do reconhecimento de si e das primeiras práticas sexuais (HEILBORN, 2004).

Em certo momento, ao longo da entrevista, o pastor Pedro, por diversas vezes, censurou o que as emissoras de televisão estavam expondo sobre sexualidade, principalmente as telenovelas (o pastor não mencionou emissora), e alegou que a forma como a televisão vem expondo como as pessoas podem optar pelas suas sexualidades, vem desconstruindo o verdadeiro sinônimo de família.

A gente tem visto direto, né, essas novas relações que a TV tem mostrado, que não têm nada a ver com a família que realmente Deus consagrou que se reproduzisse, tipo homem com homem, mulher com mulher, moças se relacionando com mais de um homem e por aí vai. Tenho dito que tudo isso estava escrito na palavra de Deus e só vem acontecendo para cumprir com que foi dito sobre os finais dos tempos. Tudo isso leva a essas tragédias que estamos vendo aí, pai matando filho, filho matando pai e por aí vai. Tudo isso estava previsto na palavra de Deus. (Entrevista concedida pelo Pr. Pedro, em julho de 2017).

Sem precisar perguntar, o pastor Pedro, de forma muito sutil, chegou exatamente onde eu queria. E por isso não demorou em perguntar:

Entrevistador - Certo, pastor. Concordo com que o senhor disse, mas, afinal, como a Igreja, ou mesmo o senhor, como dirigente de um núcleo religioso como esse, tem lidado com os casos de jovens homossexuais? Eu creio que a igreja não concorda, né, pastor Pedro?

É importante que se destaque que o pastor Pedro nem sequer imaginara que sou homossexual, afinal, fui apresentado para ele como amigo de Oliveira, assim como pesquisador sobre sexualidade e sexo entre os jovens. Instantaneamente o pastor respondeu.

Pastor Pedro - Naturalmente que não, a gente não concorda, porque tá na bíblia, né? Que esse negócio de homem com o homem, mulher com mulher, tá errado. Por isso Deus fez o homem e a mulher. Né verdade? A gente não concorda, mas sabe que, quando eles chegam até nós, é porque precisam de ajuda, a gente não pode nem discriminá-los, né? Porque agora existe lei pra punir quem discrimina, as coisas são assim... tem lei pra tudo. Então a gente aceita, conversa e não vira as costas, até porque a igreja é um espaço público, não é um espaço privado. Porém, nós falamos a verdade pra eles, mostramos na palavra de Deus o que se diz a respeito. Mas, se eles quiserem se manter no pecado, não podemos fazer mais nada. Mas a nossa parte pelo menos já foi feita. Entende?

Aproveitei aquele momento da conversa e perguntei:

Pesquisador - Certo, pastor, entendo plenamente. Mas, assim, pastor, e como a Igreja orienta os pais a como lidar com a questão do Homossexualismo dentro de casa?

Pastor Pedro - Bom, eu vejo a relação de pais e filhos como nós temos aqui na igreja com os membros, ou melhor, com as ovelhas do senhor. A gente ensina o caminho que se deve andar, agora... Cada cabeça uma sentença, né? E nós não

podemos obrigar ninguém a andar no trilho, mostramos aos pais que isso é errado, e cabe aos pais saberem educar seus filhos de acordo com a palavra de Deus, vigiando sempre o comportamento do filho e intervir, né? Sempre que preciso. Desde criança, principalmente, o pai tem que ficar observando o comportamento do filho, mostrando o que são “coisas” de meninos e de meninas, mostrar o que ele deve usar e o que não deve usar, se ver o menino brincando com uma boneca, evita, mostrar que isso não faz parte do universo dele, né? E por aí vai, a palavra de Deus nos dá direção de como agir, e o que se deve evitar pra não ter no futuro uma decepção.

A conversa se encerrou com muitas questões que poderiam ser respondidas, porém o pastor Pedro é muito ocupado e seu tempo, naquele dia de nossa conversa, estava se esgotando. Porém, consegui as informações necessárias para convergir com as idéias do pastor João, já que ambos pertencem à Assembléia de Deus.

Ambos preservam com vigilância a doutrina, a estrutura da família tradicional e patriarcal que, decerto, não encontra brecha para aceitação ou conciliação com a homossexualidade. Tanto um pastor quanto o outro veem a homossexualidade como um problema que deve ser resolvido, pois consiste, para eles, em um pecado que conduz à morte, em evidência pelo que também foi apontado por Oliveira (2010). Inerente a esse pensamento, acredita-se, segundo os evangélicos da AD-II, que a homossexualidade deve ser removida, assim como uma série de outros problemas ou doenças que não apenas distanciam o homem de Deus, assim como alcoolismo, drogas, prostituição etc. Contudo, ainda que eles identifiquem a presença de algum homossexual, naturalmente não há um repúdio de imediato ou discriminação radical. Mas há um trabalho doutrinário de orientação quanto aos riscos e aos problemas físicos e espirituais que a homossexualidade pode desenvolver ou contrair. O homossexual é amparado como um doente em um leito de hospital, cujo cuidado deve ser redobrado, mas nunca abrindo mal de uma pragmática de curar a esse “mal”. Pensamento esse que anexa a homossexualidade à doença e que foi sustentado por certos campos de conhecimentos ainda no século XX, principalmente na medicina e na psicologia, ambas colaboraram para fixação da ideologia de patologização da homossexualidade (CARRARA, 2016).

Universal

“Hoje, somos mais de 25 mil pastores distribuídos nas mais diferentes frentes de atuação em todo o mundo. Somente no Brasil, somamos 12 mil pregadores. Somos centenas de milhares de obreiros voluntários e milhões de membros fiéis nas mais distintas nações” (MACEDO, 2014:22).

Adentrar a igreja Universal, para mim, é um desafio que me impulsiona a ir para além do meu eu e das minhas presunções. É preterir a experiência vivenciada nessa instituição para, num esforço sem precedente, ser o mais imparcial possível e, dessa postura, tentar descrever com outro olhar essa instituição. Adentrar a Universal é ir ao encontro de um passado e lembrança que, sem dúvida, não me agradam, é me encontrar com um dispositivo de regras, condutas e valores com os quais, hoje, não tenho qualquer empatia. Mas o esforço, para mim, é desprezar tudo isso e colocar em pauta os discursos que sustentam a visão antagônica sobre a homossexualidade. O antagonismo aqui mencionado faz referência a uma frase que tanto ouvi durante minha passagem pela igreja Universal: “eu sou de Deus”, “eles são do mundo”.

Nos discursos de fiéis e de membros, percebi uma tensão entre as "coisas do mundo" (associadas à postura hedonista), e as "coisas de Deus", representadas pelo desejo do serviço na Casa do Senhor (NATIVIDADE, 2010, p.8). Começo esta sessão falando sobre a dicotomia no discurso da igreja Universal sobre quem é do mundo e quem é de Deus, fato que esteve marcado na minha passagem nessa instituição, seja no passado, seja no presente ou durante minha pesquisa de campo (2017).

Ser homossexual é estar no mundo, é viver para o mundo, como um caminho errado a ser trilhado e que conduz o ser humano a passos pecaminosos e direcionados à morte eterna (a saber, condenação ao “inferno”). Mas, afinal, essa visão antagônica consegue segregar ou erradicar a presença frequente de homossexuais dentro da Igreja Universal? Pelo apresentado no primeiro capítulo, fica muito claro que não. Afinal, o discurso existe, mas ele não impede que tais atores se insiram na instituição. Contudo, aqui chega o momento de entender mais a fundo por onde perpassam esses discursos, como se constroem e o que mais pensam os representantes da Universal sobre a homossexualidade.

Bem, não poderia, aqui, deixar de destacar a dificuldade encontrada em campo, no que diz respeito à igreja Universal, dificuldade tal que não se aplica aos seus interlocutores homossexuais, pelo contrário, tanto Lai, quanto Azevedo sempre se dispuseram a contribuir, de forma muito solícita, ao trabalho. Porém, a dificuldade que aqui destaco foi para obter a contribuição de representantes da Universal. A saber, logo no primeiro momento que fui tentar

explicar sobre o que pesquisava, usando outra abordagem, fui tratado com hostilidade. Os pastores mostraram-se impacientes, seja por estarem atendendo aos membros que os procuram após os cultos, seja por estarem resolvendo alguma questão interna da instituição. Houve momento em que pedi para conversar com pastores e os mesmos alegaram que eu deveria pedir autorização aos seus superiores para cederem a entrevista. No entorno dessas questões, consegui a contribuição de um pastor auxiliar e de um obreiro, cujas falas serão apresentadas a seguir. De toda forma, com dificuldades à parte, considero que o campo foi realizado com êxito, sob perspectiva de conseguir outro olhar sobre a igreja Universal que, decerto, desvia da ideia fixa que possuía sobre a instituição como preconceituosa e enérgica. Sem dúvida, o campo nos permite ter outra compreensão sobre o espaço e as pessoas que por ele circulam, falam e se expressam. O campo nos permite entender com outro olhar certo contexto social, o qual pensávamos conhecer, mas que só presencialmente temos a oportunidade de olhar um fato com outra percepção.

O que é a Universal se não um grande hospital? Sim, um hospital espiritual e, como todo hospital, nada é mais importante do que a vida daquele que necessita de ajuda, por isso qualquer indício de doença grave deve ser erradicado o quanto antes. Como todo hospital, o importante é sanar a doença para o paciente seguir saudável e em boas condições para viver. Tal nota inicial eu fiz ao participar de um dos cultos, às sextas-feiras, cujo propósito é a cura, tanto espiritual quanto física.

O cuidado e a necessidade de operar uma ação precisa na vida do paciente parece ser uma missão indispensável, para os que atuam (na Universal), atuação esta focada principalmente na vida espiritual e diretamente refletida na saúde física ou psicológica. Não à toa, os programas que a igreja possui, seja na rádio ou na televisão, mencionam os milagres aqui alcançados em nome de Jesus ORO (TADVALD, 2015). Ou seja, a eficácia da ação de Deus, por meio da prática aqui reproduzida, confirma-se por meio das manifestações e de testemunhos apresentados no altar, ou fora dele. A cura não se abrange a questão física, que abrange doenças físicas, como dor de cabeça, e a espiritual, na qual se inserem as áreas econômicas e sociais, que vão do alcoolismo ao retorno do marido que estava nos braços da amante.

Sendo assim, os personagens aqui envolvidos serão organizados de igual forma ao que foi exposto sobre a Assembléia de Deus, a qual inclui os interlocutores homossexuais da pesquisa e os membros das igrejas que cederam a entrevista, a saber, um obreiro e um pastor auxiliar. Ambos com os seus respectivos pseudônimos.

Igreja Universal do Reino de Deus	Interloc. Homossexual	Responsável pela igreja(entrevistado)
IURD I	Azevedo	Pastor Souza
IURD II	Lai	Obreiro Silva

IURDI-I

Meu primeiro processo de inserção na Universal deu-se no espaço aqui mencionado IURD-I, ainda em 2014, sem a companhia de Azevedo, e somente sob a pretensão de saber se algo tinha mudado em relação a esta instituição. É certo que pouquíssima coisa mudou desde a época em que vi esse templo ser inaugurado, precisamente em 2003. À época, eu fazia parte do grupo jovens da Universal (grupo de jovens que coordenam toda a programação desse grupo, bem como auxiliam os jovens mais recentes na permanência dentro da Igreja). O espaço ao qual me refiro é a catedral da fé em Belém, localizada na BR 316, KM-1. Como é grande o número de membros que ali frequentam, meu interlocutor passa a ser totalmente imperceptível, razão pela qual não vejo problema em mencionar o endereço do espaço.



(Fonte: Google imagens 2017)

Para além da pequena inserção de campo que executei em 2014, na qual não fiz grandes anotações, tive, em junho de 2017, outra experiência acerca da inserção na Universal. Programei minha ida à IURD-I com o meu interlocutor em um domingo de tarde. Nesse caso, o interlocutor era Azevedo e a programação se deu previamente com ele. Azevedo encontrou-me em frente à própria catedral da fé. Decerto, surpreendi-me por ele estar com a bíblia nas mãos, algo que desde quando o conheci, nunca vira. Logo no primeiro, momento ele adiantou que a igreja estava passando pelo período da campanha da “Fogueira Santa”, mencionada no primeiro capítulo. Contudo, ele disse que não haveria problema e que o evento não interferiria no meu propósito de pesquisa.

Ao adentrar a catedral da fé, alguns minutos antes da reunião, que começaria às 18hrs, fiz uma básica observação. Era nítido para mim, como se voltasse ao passado, perceber as subdivisões dos grupos de trabalho internos da Universal. São eles: os pastores, os candidatos a pastores, os obreiros e as obreiras, além do grupo de jovens e de uma equipe de segurança, todos fardados e equipados para garantir a segurança do local. Eles atuam como uma espécie de corpo técnico, atuando para fazerem com que a reunião que se seguirá transcorra da melhor forma possível, para atender a demanda de fiéis que ali se faz presente. Do manuseio de mesa e das cadeiras ao atendimento e conversa com cada um

dos membros, que possivelmente estejam precisando de ajuda, esse corpo de trabalhadores da Universal fica atuando no período prévio à reunião. (Diário de campo na igreja IURD-I, em junho de 2017).

Exatamente às 18h5min, horário do relógio que dispunha, o culto se iniciou com a subida do bispo no altar e o pedido para que a plateia fechasse seus olhos para falar com Deus. Em seguida, cantou-se a música: Grandioso És tu*

* Então minha alma canta a ti senhor: Grandioso És tu, grandioso És tu.
Então minha alma canta a ti senhor: Grandioso És tu, grandioso És tu.⁴⁰

No culto, o propósito maior foi falar sobre a necessidade de se lançar na fé, pois, como pregara o pastor em seu exemplo pela narrativa de Abraão, o personagem lançou mão de seu único filho (Isaque), confiando plenamente na ação de Deus sobre o que desejava. Todas as falas do pastor remetiam instantaneamente à leitura bíblica. Todo o culto se deu percorrendo a seguinte ordem: *oração inicial, palavra bíblica mencionando a necessidade do sacrifício, oração pelos membros que estavam na Fogueira Santa, convite para os outros membros a participarem do evento, palavras sobre os finais dos tempos, busca do Espírito Santo, pedido de dízimos e ofertas, entrega do jornal “Folha Universal”, informes e oração final.* É importante destacar que o interlocutor Azevedo não estava participando da Fogueira Santa, por não julgar necessário no momento sua participação. Farei uma pequena e minuciosa descrição de cada momento do culto, pelo que é possível ser entendido.

1. Oração inicial: *bispo inicia pedindo para colocar a mão no coração e fechar os olhos para falar com Deus, e segue, inicialmente, cantando.*
2. Palavra bíblica mencionando a necessidade do sacrifício: *bispo sugere que todos abram a bíblia em uma passagem o qual fala sobre exemplos, incluindo o de Abraão, de sacrifícios. Atentando para o fato de, tanto no passado quanto no presente, haver pessoas que precisam de um milagre e o milagre vem em meio à materialização da fé (Fogueira Santa).*
3. Oração pelos membros que estavam na Fogueira Santa: *Após a leitura bíblica, o bispo principal, que está no altar, convida a todos os participantes da reunião a fechar os olhos e, em seguida, a irem diante do altar os membros que estão na campanha da fogueira santa.*

⁴⁰Música “Grandioso És tu”. Sob referência da melodia de Eduardo chaves, pertencente ao CD “JERUSALÉM”

4. Convite para os outros membros a participarem do evento: *Após a oração dos que estão na “Fé” da campanha, os outros membros, que ficaram na plateia, são convidados a participar da mesma, mencionando, o bispo, os valores detalhados os quais os membros poderiam vir a participar.*
5. Palavras sobre os finais dos tempos: *Com todos os membros sentados, após a oração da fogueira santa, o bispo pede para que abram a bíblia no livro de apocalipse e fala sobre os últimos dias.*
6. Busca do Espírito Santo: *tendo falado sobre os últimos dias, o bispo alerta para necessidade da comunhão com o Espírito Santo e pede para que todos fechem os olhos, clamem a Deus e peçam para o Espírito Santo entrar em suas vidas. Após a oração, segue com um cântico de louvor, estando os membros com os olhos fechados.*
7. Pedido de dízimos e ofertas: *como parte integrante do culto, é feito o convite para todos os membros que queriam devolver o dízimo, que se dirijam ao altar, onde estão obreiros e obreiras segurando um alforje (sacola de pano) para, neles, serem depositados seus envelopes. Na sequência, é pedido para que quem trouxe a oferta também o deposite⁴¹.*
8. Entrega do jornal “Folha Universal”: *a entrega da Folha Universal é um tanto separada do pedido de oferta, pois, antes de ser feito o pedido de contribuição ao mesmo, é explicada para os membros a importância da evangelização dos dias atuais, reforçando, com isso, a necessidade da contribuição ao jornal, como um objeto de evangelização e de levar a palavra de Deus para os que precisam.*
9. Informes e oração final: *No final do culto, são dados os informes quanto à programação que ocorre durante a semana, na igreja, destacando o propósito de cada uma (de domingo a domingo). Sempre convidando os membros a participarem, de acordo com sua necessidade e disponibilidade. Após isso, é feita a oração final de agradecimento.*

Entre as anotações feitas dentro da IURD-I, uma merece destaque. No segundo dia, em uma sexta-feira, ao acompanhar o meu interlocutor, percebi o grande número de membros. Não consegui precisar quanto ao número de pessoas, mas aproximadamente 200 pessoas fizeram-se presentes ali. O protagonismo do momento era a cura e libertação. Logo na entrada, tanto Azevedo quanto eu fomos ungidos com óleo (ritual que consiste em um obreiro molhar o dedo indicador num pequeno recipiente com óleo e tocar-nos a cabeça). Ao sentarmos, perguntei para

⁴¹No contexto evangélico em geral, o dízimo, por si só, pode ser tomado como uma exigência obrigatória de Deus, sendo fundamental para a vida física, espiritual e financeira do fiel cristão (NATIVIDADE, 2014, p. 9).

Azevedo o que aquilo significava. Azevedo explicou que era um processo de ação do Espírito Santo, em função da libertação ou cura, a unção sinaliza o indivíduo para atuação do Espírito Santo, em nome de Jesus, que é representado pelo óleo.

Sentados, esperamos a reunião iniciar, iniciaria às 19h. Aproveitei para perguntar sobre algumas coisas para Azevedo, entre as quais sobre as pessoas que adentravam a igreja. Além de receber a unção, cortava-se uma fita de seus pulsos, ou seja, a maioria das pessoas que adentravam tinha uma fita amarrada nos pulsos e, após serem unguidas, essas fitas eram cortadas. Esse ritual também se reproduziu com Azevedo, o mesmo alegou que esse ato com a fita representa a quebra da maldição, um propósito estabelecido pela direção da igreja para que se cumpra por 7 semanas seguidas. A fita, quando amarrada, pela fé, absorve todos os males espirituais em torno da pessoa, por onde quer que ela ande e, principalmente, ao lado de quem ela esteve. Essa é a razão pela qual atrai muitas pessoas para dentro da Igreja nesse dia.

Alan, todo mundo passa por problemas e dificuldades, só que tem outro detalhe, além disso, a gente nunca sabe quem anda do nosso lado, se pode ter inveja ou não da gente, se, de repente tá tramando o nosso mal, ou mesmo se já pode ter até feito alguma feitiçaria. E, no momento em que a gente usa a fita, é claro, né, Alan, pela fé, nós adquirimos uma ferramenta para quebrar essas maldições. Por isso esse dia é tão lotado na igreja, porque são muitas as pessoas que estão sofrendo. (Diário de campo, com Azevedo, em julho de 2017).

É nítido ver que a maioria das pessoas são doentes, mulheres e idosos. Pessoas que vêm das mais diversas localidades de Belém. Talvez o número de membros, bem como os muitos problemas e questões de saúde graves que ali chegam possibilite que a homossexualidade seja despercebida. Mas uma questão importante de se observar, as pessoas que ali adentram saem bem mais empolgadas e entusiasmadas em relação a quando entraram.

A reunião se iniciou tão parecido ao que foi descrito sobre o domingo. Se não fosse, ao longo da oração, não ter ouvido, o que, talvez, paro o meu trabalho seja importante, uma frase do tipo: manifestem todos os domínios que escravizam essa pessoa nas drogas, no alcoolismo, na prostituição, nas doenças, no homossexualismo etc. Ora, parece que homossexualismo é agrupado a tantos outros “problemas sociais” da vida urbana. Após a oração inicial, ensejando a manifestação de “demônios” e espíritos opressores, bem como a expulsão desses, o pastor manda levantar as mãos quem estava doente e ficou curado ou sentindo

alguma dor e a mesma não existe mais, e eis que algumas pessoas levantaram a mão. O pastor deu glória a Deus e, na sequência, convidou as pessoas que estavam trazendo os seus dízimos e suas ofertas para apresentarem no altar, onde já estavam obreiros e pastores em pé com alforjes. Nesse momento, o pastor começou a cantar um louvor: *Poderoso ele é e, em nada mudou, nele está minha fé... aminha fé, poderoso Ele!*⁴². (diário de campo, pesquisa em julho de 2017).

A reunião de sexta fez o mesmo percurso de domingo, cujo trabalho fiz relação com a atuação de um hospital. Sendo prioridade a cura de enfermidades e de males físicos e espirituais. Há uma persistência em tratar todos os que chegam, pois se acredita que todas as pessoas que sofrem têm sofrimento inerente a algum demônio ou espírito do mal. É como se acionasse uma vulnerabilidade intrínseca aos seus membros (NATIVIDADE, 2014).

A reunião aqui mencionada faz referência e se dá, em grande parte, a um combate aos males espirituais, fazendo menção, em um momento ápice da reunião, às entidades de religiões de matriz africana, as quais a IURD denomina de “demônios” que têm que sair do corpo das pessoas. Abordagem essa já descrita por Vagner Gonçalves da Silva.

Os ataques feitos no âmbito das práticas rituais das igrejas neopentecostais e de seus meios de divulgação e proselitismo têm como ponto de partida uma teologia assentada na idéia de que a causa de grande parte dos males deste mundo pode ser atribuída à presença do demônio, que geralmente é associado aos deuses de outras denominações religiosas (SILVA, 2007, p.10-11).

O terceiro dia de campo foi em um domingo, novamente observando os mesmos fenômenos já descritos anteriormente, acerca de como ocorrem às reuniões. Sobretudo, direciona-se a “busca do Espírito Santo”. No domingo, no qual me refiro, foi o último prazo para o cumprimento da Fogueira Santa. Nesse dia, após a reunião, meu interlocutor, Azevedo, conseguiu agendar a entrevista com um pastor auxiliar para o domingo seguinte.

Conforme programado uma semana antes, em um domingo de julho. Fui ao encontro do pastor auxiliar, para o qual usarei o pseudônimo “Souza”. Traçando o mesmo percurso utilizado na Assembléia de Deus, para não comprometer o interlocutor da pesquisa em questão, Azevedo, disse ao pastor Souza que minha pesquisa abordava, ou mesmo objetivava entender como e quais os discursos as Igrejas evangélicas utilizavam com seus jovens para tratarem sobre sexo sexualidade (namoro, casamento, iniciação sexual, riscos a DST’s e homossexualismo). Em meio às perguntas, destaquei o fato recorrente do aumento da gravidez na adolescência em Belém,

⁴²Música: Poderoso ele é. Versão de Nenna Gomes// em coro. CD da LINE Record.

conforme mostram os noticiários jornalísticos locais. Cheguei à Igreja Universal, Catedral da Fé, às 17h30min, e já me esperavam Azevedo e o pastor Souza. Ao aproximar-me, cumprimentei ambos e direcionamo-nos para o salão principal. Iniciei minha conversa com pastor Souza, dizendo:

Pastor, sabemos do alto índice de gravidez na adolescência na capital paraense, como têm mostrado os meios de comunicação locais. Com isso, sabendo que a igreja Universal possui um trabalho específico com jovens e adolescentes e que grande parte desse público que engravida na adolescência não se declara evangélico, minha pesquisa procura entender como as igrejas evangélicas de maior expressão em Belém, entre as quais, a Universal, têm lidado com a questão da sexualidade com seus jovens e adolescentes? Com base nessa pesquisa, tenho algumas perguntas formuladas para serem aplicadas ao senhor, o senhor concorda em respondê-las?

Pastor Souza: sim, claro, sem problemas!

Pesquisador: posso gravar nossas perguntas?

Pastor Souza: Não, irmão. Não tenho autorização da Igreja para fazer isso.

Pesquisador: tudo bem, pastor, então irei fazer as perguntas e, à medida que o senhor for respondendo, irei anotando. O senhor concorda?

Pastor Souza: Sim, sem problemas.

Ao longo do percurso da conversa, tendo por base as perguntas que norteiam as questões mencionadas acima, o pastor Souza destacou que o grupo jovem da Universal funciona aos sábados, às 16h, e oferece aos membros grupos de canto, de teatro e músicas, além disso, oferece dinâmicas, em forma de gincanas, e orientações, por meio de atendimento, em particular com os obreiros e jovens auxiliares (jovens candidatos a obreiros) da igreja. Essa orientação perpassa maioria dos principais temas que envolvem o mundo dos jovens e adolescentes (drogas, álcool, festas, sexo, namoro, brigas em família etc.).

Nesse ponto, acredito que uma fala do pastor merece destaque, pois, ao perguntar sobre namoro entre adolescentes, o mesmo alega que a igreja orienta seus jovens a namorarem a partir dos 16 anos, contudo, o namoro serve apenas para o casal se conhecer e jamais pensar em praticar sexo nessa faixa etária. Sexo, na fala do pastor Souza, só depois do casamento, do contrário, o mesmo se torna prostituição, pois não se trata de uma relação com compromisso, físico, moral e espiritual de ambas as partes, mas, sim, por um mero prazer e satisfação da carne.

Após o abordado acima, cheguei à última pergunta, que se tratava dos casos dos homossexuais. Como a igreja age? O que pensa a respeito? E o que a igreja orienta aos casos de homossexuais que chegam até ela? Vale destacar que o pastor mostrou uma expressão facial sisuda, como se não houvesse gostado de tal pergunta. Contudo, de forma pouco detalhada e pragmática, respondeu:

Bem... todo homossexual é bem recebido aqui, tanto homem quanto mulher, só que nós ensinamos que isso vai contra a palavra de Deus e, como consta na bíblia, em Romanos, cap. 1, v. 20 a 32, mostramos a “verdade”, o caminho que ele deve trilhar, mostramos também quem está por traz da prática do homossexualismo (entidade da pomba-gira), agora vai de cada um fazer sua escolha. (Diário de campo, entrevista com Pr. Souza, em julho de 2017).

Para esta última pergunta, a resposta foi dada às pressas, pois já era 18h e estávamos em meio ao salão principal, onde seria a reunião de domingo. O pastor deixou clara a aproximação do conceito sobre homossexualidade enquanto opção, mesmo discurso dos pastores da Assembléia de Deus. É importante destacar que, no caso da Universal, há uma orientação específica para os casos de homossexualidade; por se tratarem de uma doença manifestada pela presença de uma entidade espiritual no corpo do sujeito, é sugerido que o mesmo frequente as reuniões de sexta, que têm propósito de libertação e, com isso, o mesmo fique sendo acompanhado por um obreiro ou pastor, até se “curar”, quando, assim, a pessoa se dispuser.

IURD-II

Num processo contínuo de pesquisa de campo na Igreja Universal, tive que conciliar a ida a campo com Azevedo e Lai simultaneamente. Como fiz isso? Aos domingos de manhã, ia com Lai para igreja, às 7h, e, à noite, acompanhava Azevedo à igreja no horário das 18h, o propósito de ambas as reuniões é o mesma (a busca do Espírito Santo). Porém, ao contrário da IURD-I, na IURD-II, não fui às reuniões às sextas-feiras.

Tendo agendado previamente com Lai, no domingo de manhã, do mês de julho, fui à casa dela munido do caderno de campo. Logo cedo, cheguei a sua residência para que pudéssemos sair, com detalhe de que, como a igreja fica nas proximidades de sua residência, pensei que iríamos a pé, entretanto Lai tirou o carro da garagem e falou que iríamos de carro,

pois sua mãe e sua tia, mulheres com certa idade, frequentam com assiduidade a igreja, e as mesmas possuem dificuldade de locomoção. Tendo feito isso, seguimos para a Igreja, com o detalhe de que A IURD-II foi justamente o local onde frequentei durante cinco anos da minha juventude, dos 15 aos 20 anos.

Como falado anteriormente, procurei ser o mais imparcial possível, afinal, tratava-se de um trabalho de campo. Porém, ao adentrar a igreja com Lai, parece que voltei no tempo, em 11 anos para ser mais preciso. Vi quase o mesmo cenário e alguns dos personagens que conhecia na época. É nítido que muitos saíram, porém a estrutura permaneceu a mesma. Um altar principal, um rapaz do lado esquerdo do altar, com um teclado, obreiros e obreiras nas laterais à direita e à esquerda, encostados na parede e, na entrada, uma mesa cheia de objetos e artefatos que são usados nas campanhas de fé da igreja, objetos esses que formam todo um conjunto com o qual a IURD trabalha e sempre trabalhou, como muito bem detalhado por Tadvald.

Para tanto, a utilização de diferentes expedientes, como músicas, materiais iconográficos e propagandísticos, símbolos e referências religiosas do cotidiano e do imaginário de outras religiões, principalmente do universo cristão ou de matriz africana (como sal grosso, óleos, água sacralizada, menorás, pombas brancas etc.), mitigam o caráter “transcendental” da opção autônoma, conformando os adeptos a receptáculos desses símbolos e transmissores de uma doutrina específica e dos códigos e visões de mundo nela impregnadas (TADVALD, 2014, p.1-2).

O culto, de semelhante modo ao exposto na IURD-I, inicia-se com a subida do pastor no altar (com o detalhe de que, no altar, não se encontra ninguém, fica nele somente o pastor, principal responsável pela igreja que ministra o culto), pedindo para que todos coloquem as mãos no coração e fechem seus olhos para falar com Deus. Canta-se, no início, um louvor: *Espírito, enche a minha vida, enche-me do teu poder, pois de ti eu quero ter, espírito encha o meu ser. As minhas mãos eu quero levantar e em louvor te adorar... meu coração eu quero derramar diante do seu altar.*

Após o canto da música, o pastor pede para que todos os fieis falem com Deus e peçam para o Espírito de Deus entrar em suas vidas e os tornar grandes nessa Terra. Tanto quanto pontuado acima, sobre o percurso do culto na IURD-I, assim se seguiu o na IURD-II. Na sequência, houve orações pelo propósito na Fogueira Santa, destacando para os pedidos que os fieis fariam à Fogueira Santa, um se destaca:

Pessoal, fale pra Deus, agora, que você não aceita sua vida fracassada, fale pra Deus que você quer uma resposta, que você quer uma grande mudança na vida,

que você não aguenta mais. Oh, senhor Deus, o senhor tem que responder ao nosso pedido, esse homem e essa mulher que não aguenta mais o ente querido doente, o marido ou a esposa nos vícios, na prostituição, os filhos no mundo das drogas, no homossexualismo, ou mesmo essa pessoa que tá desempregada, que já recorreu a tudo que pode, e continua com a vida na lama, nas dívidas... Ah, meu pai, ouve esses teus servos que te clamam! (Diário de campo, na IURD-II, em julho de 2017).

Como podemos ver, é possível entender a Fogueira Santa enquanto um propósito ou campanha de fé que pode gerar um milagre, o qual pode ser a cura, inclusive do homossexualismo. Ao que parece, o homossexualismo, aqui, é um problema que pode ser curado. Conforme descrito na IURD-I, todo o curso do culto seguiu o cronograma já exposto. Da oração inicial à oração final.

A ida a campo ocorreu por três domingos respectivos, porém, conforme programado, eu precisava obter uma entrevista de campo com um membro responsável pela Universal, porém, dentro da IURD-II, tive grande dificuldade, seja pelo pedido de autorização formal, seja pelo fato de que todo o corpo responsável pela igreja estava envolvido na campanha da Fogueira Santa e, por isso, suas agendas estavam cheias. Em meio às dificuldades de conversa com algum pastor, reencontrei um obreiro da época em que eu fazia parte do grupo do jovem e pedi ao mesmo para conceder uma entrevista para o meu trabalho de campo. Pelo fato de me conhecer, o mesmo não pediu qualquer declaração ou comprovação universitária. Ele agendou comigo em uma sexta-feira de manhã, após o culto que ocorria entre os horários das 7h às 8h. Conforme acordado com o mesmo, fui ao seu encontro no dia e horário previstos.

O obreiro aqui exposto, conforme pedido pelo mesmo, terá sua identidade preservada, porém irei usar o pseudônimo obreiro Silva. O obreiro Silva, ao chegar à IURD-II estava ainda com gravata e camisa de mangas compridas brancas, indicando que o estava trabalhando na reunião que, naquele momento, tinha encerrado. Ao encontrá-lo, ele confirmou a informação que eu previa, ele tinha acabado de trabalhar na reunião e justamente agendou naquele dia porque teria um tempo após seu labor na reunião da manhã. Assim sendo, sentei com o mesmo nas últimas cadeiras da igreja, situadas próximo à porta de saída. Começamos a entrevista. Diferentemente do pastor Souza, o mesmo autorizou que eu gravasse a conversa e, assim, iniciei, dando a mesma prévia que havia feito com o pastor Souza, cujo propósito consistia em saber como a igreja tem lidado com seus jovens sobre sexo e sexualidade? Tendo sido

apresentado à prévia, Obreiro Silva discorreu com o discurso muito semelhante ao do pastor Souza:

A juventude, hoje em dia tá perdida, só querem saber de sexo, bebidas, jogos, internet etc. e não têm responsabilidade com nada. Aqui o jovem é orientado a respeitar o “tempo”. Como diz a palavra de Deus, há tempo pra tudo. Ensinamos como o jovem deve lidar numa relação, respeitando principalmente os limites do contato com o corpo. O sexo antes do casamento é prostituição, é pecado mortal, não se resume a uma troca de carinho, de amor ou de afeto como no casamento, é apenas uma mera satisfação carnal, sem compromisso com a outra pessoa. (Obreiro Silva, entrevista concedida em julho de 2017).

Como entendido por meio do discurso de Souza, a intervenção da Igreja na vida sexual remete principalmente a uma relação de respeito e compromisso entre ambas as partes. Do contrário, o mesmo é denominado prostituição.

Obreiro Silva aproveitou o embalo da conversa para falar um pouco sobre a atuação do grupo jovem, principalmente nessa era digital que vivemos. Enfatizou sobre a questão dos perigos a que muitos jovens se expõem por meio das redes sociais e destacou, para o constante diálogo, que os obreiros têm procurado ter com os jovens que frequentam a igreja, principalmente orientando-os a se policiarem, principalmente sobre os aliciadores que vivem em busca de sexo pelas redes virtuais. Assim, deixando sempre muito claro que sexo só depois do casamento. Após responder às perguntas anteriores, fiz a pergunta que se tornou clássica em minha pesquisa dentro das igrejas evangélicas:

E sobre os casos dos homossexuais, como a igreja age? O que pensa a respeito?

O obreiro, sem muita expressão no rosto, respondeu naturalmente:

Bem, todas as pessoas que chegam até nós são bem vidas. Existe, Alan, muitas pessoas sofrendo aí no mundo, não dá pra dispensar nem uma delas por portarem algum comportamento sexual diferente. Aceitamos e orientamos quanto ao mal que elas carregam e, principalmente, se elas chegam até nós, é porque precisam de ajuda, não nos cabe julgá-las, mas sim, cuidar para que, lá na frente, elas possam se libertar desse mal (esse mal fez referência à homossexualidade). (Obreiro Silva, entrevista concedida em julho de 2017).

Repliquei na mesma pergunta, pois me senti à vontade: Mas, obreiro, se a pessoa vem aqui e não quiser deixar de ser homossexual, o que a igreja faz?

Bom, nesses casos, a orientação que nós damos é quanto às consequências que essa pessoa vai atrair pra vida dela, se persistir na prática do pecado, ou seja, se ela persistir no homossexualismo haverá danos sérios pra vida dela, inclusive a ida dela pro inferno. (Obreiro Silva, entrevista concedida em julho de 2017).

Em ambos os casos, tanto na IURD-I quanto na II, a homossexualidade é entendida como uma prática que precisa ser curada e tratada, como uma espécie de doença espiritual, não a condenação plena aos sujeitos homossexuais, mas sim, segundo entendo, a condenação se daria pela permanência nesse “pecado”, como tantos outros. É essa a razão pela qual é dada orientação para que se busque a cura da homossexualidade, em destaque para a possibilidade de encontrar cura, sobre a homossexualidade enquanto doença espiritual.

Quadrangular

A etnografia apontou a construção de um modelo específico de homossexualidade, conjugando as idéias de respeito e igualdade entre homossexuais e heterossexuais ao tema da “vida cristã” (NATIVIDADE, 2010, p.8).

A inserção na igreja Quadrangular foi a mais flexível se comparado às demais. De fato, onde percebi uma frequência mais nítida de outros homossexuais. Para além dessa primeira observação de campo, a igreja Quadrangular executa seu trabalho um pouco mais descentralizado. Faço tal inferência por conta das primeiras atividades de campo com essa instituição.

O trabalho na igreja Quadrangular quase sempre não se distingue das tendências, eventos e novidades juvenis expostos na mídia, bem como em situações do cotidiano. A quadrangular, não faz, pelo que percebo, uma grande distinção entre os que estão no mundo e os que estão na “presença de Deus” (na igreja). Dos ritmos de músicas que tocam dentro da igreja aos eventos promovidos pela mesma, derruba-se uma barreira singela ao que se reproduz fora dela, com o detalhe de transformar tudo em gospel (rock-gospel, pop-gospel, sertanejo-gospel, funk-gospel, embalos gospel, festa junina do senhor Jesus, Réveillon com senhor Jesus etc.)

O panorama feito sobre a quadrangular é de que a igreja tenta se aproximar mais das questões da atualidade e da mídia, a exemplo da proposta feita pela sua idealizadora. O que, decerto, caracteriza esse outro lado do neopentecostalismo é o fato de tornar-se uma válvula de escape para a obtenção de mais adeptos, o que enseja inferir que esse também possa ser um dos

principais motivos pelos quais a igreja obteve uma grande expansão em número de igrejas tanto tabernáculos quanto em templos na capital paraense. Só no bairro da Terra firme, em Belém, onde moro, soma-se um total de oito igrejas. Tais informações, obtive por meio de pesquisa de campo; fiz uma contagem de quantas IEQ havia no bairro. Segundo minha contagem, até março de 2017, havia oito, cálculo confirmado pelo dirigente das IEQ's do bairro.

É importante destacar, nesse percurso de campo, se compararmos a Quadrangular com as outras igrejas, que ela foi a única na qual eu, enquanto pesquisador, realmente me declarei homossexual, e obtive, por meio de perguntas diretas, as informações que nutririam o meu trabalho de pesquisa, mesmo sendo traçada uma estratégia para se chegar a tais informações.

A Igreja quadrangular, assim como as demais, possui uma subdivisão hierárquica em seu funcionamento interno. Ela é feita assim: departamento de jovens, de mulheres, de evangelização, de criança e de casais. Cada departamento possui líder. Este é responsável por promover eventos, bem como por organizar toda a finança arrecada por cada uma e repassar o arrecadado para a chefia geral da igreja. Cada departamento tem os chamados grupos missionários. Um pequeno exemplo dessa atuação é que cada departamento promove eventos específicos externos para arrecadar fundo para as atividades internas da instituição, como exemplo da venda de comidas típicas do departamento dos adolescentes. Essa atividade pode até ser externa, porém o dinheiro arrecadado será destinado à direção da igreja para a mesma alugar um ônibus que leve os jovens a um congresso regional da IEQ, por exemplo.

Os trabalhos de campo expostos a seguir são fruto de uma pesquisa etnográfica em duas igrejas Quadrangular, as quais são frequentadas pelos interlocutores da pesquisa, bem como as responsáveis pela mesma, a exemplo da descrição das duas e igrejas anteriores, serão expostos os resultados do trabalho de campo de acordo com a divisão do quadro abaixo.

Igreja do Evangelho Quadrangular	Interloc. Homossexual	Responsável pela igreja (entrevistado)
IEQ-I	Nazo	Pastora Ester
IEQ- II	Mendes	Pastora Raquel

IEQ-I

O trabalho de campo na Quadrangular-I, como a primeira inserção de campo no mestrado, deu-se com a participação tanto nas chamadas Células, quanto nos cultos. Ao total, foram realizadas quatro participações em células e três em reuniões dentro da Igreja. Aqui serão descritos apenas os principais pontos observados tanto nas células quanto nos cultos. Para, então, encerrar o trabalho, descrevo os resultados das entrevistas obtidas com as responsáveis pela igreja que, nesse caso, limita-se tão somente às pastoras.

Ao contrário da Assembléia de Deus e da IURD, meu primeiro momento de campo na Igreja Quadrangular foi por meio das atividades de células (pequenos núcleos de oração e estudos bíblicos, como já mencionados no 1º e no 2º capítulos desse trabalho). Nesse momento, tive contato direto com uma pastora que, aqui, identificarei pelo pseudônimo Ester. A célula, mesmo sendo um núcleo de oração, deve ser conduzida por aquele que possui maior posição dentro da igreja quadrangular, obreiro ou obreira, pastora ou pastor.

Um destaque sobre esse primeiro momento, é que o ritual dentro das células segue sob a mesma perspectiva dos cultos dentro da igreja, exceto pelo pedido de oferta e pela apresentação de grupos de dança e coral. Ainda na célula, onde as orações são recorrentes, o objetivo principal é a aproximação com Deus e o estreitamento entre os laços, tanto sociais quanto espirituais, entre os membros. Dentro das células, o uso da bíblia é tão frequente quanto dentro da Igreja, assim como o uso constante da teoria da salvação e da volta de Jesus.

O primeiro culto de que eu participei na igreja Quadrangular foi no sábado, às 19h30min da noite, culto esse destinado exclusivamente aos jovens, no qual toda estrutura e organização são feitos de forma diferenciada ao que observado, normalmente, em outras programações.

Logo na entrada, percebi todo um clima de festa gospel, balões e TNT's enfeitavam o salão, onde havia cadeiras brancas de plástico. Sentado na última fileira, esperando o meu interlocutor (Nazo) chegar, observei toda a superestrutura montada para a reunião. Incluíam: televisores de LED, banda contendo baterias, teclados, guitarras e violão, além disso, também toda uma estrutura de iluminação, com jogos de luzes, além de caixas de som e equipamentos, como microfones com fio e sem fio, além de cenário contendo estruturas de isopor. (Diário de campo, em janeiro de 2017).

Após a abertura do culto, com louvores, orações e apresentações de grupo de canto e coral, houve o chamado momento da “palavra”. Nessa ocasião, o pastor que ministrava o culto (por sinal também jovem) usa um discurso baseado por uma passagem bíblica que mostra os atos de inconseqüências praticados na juventude, que redirecionam a vida dos jovens. A passagem consiste na história bíblica do filho pródigo. Nessa passagem, a reflexão trazida à tona faz menção aos muitos riscos a que os jovens se expõem na atualidade. Ao se desviar dos caminhos do pai (Deus), pode-se ocasionar diversos sofrimentos e dores na vida, chamando a atenção para a necessidade de se manter, ou para (no caso de quem saiu) retornarem para os caminhos de Deus que, ali, foi denominado de “os braços do pai” (categoria êmica). Uma coisa importante a se destacar é a exposição de alguns problemas mais atuais ao nosso tempo, remetido direto a atos de inconseqüência juvenil, o pastor chamou a atenção principalmente para o uso de entorpecentes e para a obtenção de DST’s (Doenças Sexualmente Transmissíveis).

Como complemento ao exposto pelo pastor que ministrava o culto, cada jovem que fazia parte da coordenação do evento se apresentou fazendo um relato de suas experiências (testemunhos). Experiência essa sempre movida por um histórico de antes e depois de sua inserção na igreja. É importante pontuar, também, que a dinâmica seja voltada para os jovens e que o discurso e a doutrina a respeito da salvação permaneceram, com destaque para o aceite do pai (Deus) sempre possível. Após a exposição, houve uma encenação teatral composta por oito personagens, sendo um principal, que representava um jovem afastado dos caminhos de Deus e tudo deu errado na vida dele. O mesmo foi enganado, iludido e humilhado pelas pessoas em sua volta, porém, ao final, mostra-se Jesus vindo e lhe abraçando, aceitando-o como ele é, mostrando um novo caminho. (Diário de campo, em julho de 2017).

O culto se encerrou com o pedido para todos os jovens que estavam pela primeira vez, ou que haviam se afastado, fossem até a frente do altar, cuja proposta era de se fazer uma oração para estes entregarem a vida a Deus. Nesse momento, meu interlocutor e eu fomos para a frente do altar.

Entre idas e vindas durante o meu percurso acadêmico, tive que fazer um intervalo do período da pesquisa, de dezembro 2016 a janeiro 2017, para retornar só em julho de 2017. Ao retorno do trabalho de campo, fui a duas reuniões de células e a um culto dentro da igreja. O exposto a seguir será uma pequena descrição de cada um dos dois campos.

Células

Ao retorno a campo, em julho, às quintas-feiras, participei das células na casa de Nazo, sempre conduzidas pela Pastora Ester, sua irmã. Os trabalhos de semelhante modo ao de janeiro foram realizados no mesmo local, sendo que com um número menor de pessoas. Em janeiro deste ano, as células contavam com em torno de oito pessoas, incluindo Nazo e eu, já no atual momento, foram somente cinco pessoas. Ester conduziu as células, mesmo assim a quantidade de pessoas não se tornou um empecilho, pelo contrário, as atividades nas células sempre foram conduzidas com entusiasmo pela mesma. Além das orientações bíblicas e espirituais, as células quase sempre eram palco para testemunhos, histórias narradas de superação e manifestação do poder de Deus na vida das pessoas.

Ao longo das atividades, todos os integrantes da célula eram convidados a fazer alguma das atividades que conduziam o trabalho, seja oração ou leitura de uma passagem bíblica, como um processo ritualístico (TURNER, 1974), para que todos os membros da célula entrassem no espírito (clima espiritual). Geralmente, Ester pedia a algum participante para ler uma passagem da bíblia e, na sequência, ela explicava. Havia uma oração inicial, uma oração intermediária, uma oração de agradecimento e uma oração para abençoar o lanche de que iríamos nos servir ao final da célula, o qual nunca faltava.

É importante que se diga que o trabalho nas células só se deu na IEQ-I, no campo investigado posterior (IEQ-II) não houve trabalho em célula, pois o interlocutor que esteve comigo nesta igreja não frequentava uma.

Culto na IEQ-I

Ao passo que a pesquisa avançava, frequentei algumas vezes mais, com Nazo, a IEQ às quartas-feiras, quando o propósito é o fortalecimento da união com Deus, por meio do Espírito Santo. Tendo sempre como trajeto uma leitura bíblica inicial, uma pequena explanação sobre o entendimento da leitura, um cântico de louvor ao Espírito Santo (nesse momento, toda a igreja fica de olhos fechados), uma oração e a apresentação da banda da igreja, sendo acompanhada de grupo coreográfico da IEQ.

A presença do Espírito é algo que revigora e limpa as impurezas obtidas a partir do convívio com outras pessoas. Esse discurso torna-se eficaz, ao que percebo, pela fala da pastora que ministrava o culto, por se tratar, dos conflitos que lidamos diariamente, por pessoas que nos magoam e pelas que não perdoamos. Neste dia, por meio do culto, toda a igreja é convidada a abonar as mágoas, o rancor e o ódio, por meio do perdão, para se aproximar a Deus, ser cheio do Espírito santo e ter

forças para lutar contra o pecado, que sempre bate à porta. (Diário de campo, em julho de 2017).

No culto promovido às quartas-feiras, não percebi qualquer sanção moral acerca da sexualidade, tampouco qualquer repressão aos homossexuais, de todo modo, ao longo da inserção de campo, é nítido que pudesse ouvir, entre uma brincadeira e outra, entre um olhar e outro, uma singela discriminação aos homossexuais. As brincadeiras discriminatórias são mais frequentes entre os jovens da igreja, que giravam entre 12 e 18 anos de idade. Já os olhares discriminatórios, percebi em grande parte pelas senhoras de mais idade, principalmente por conta da vestimenta de alguns membros, entre os quais estava o meu interlocutor Nazo, por conta de casos excepcionais em que ele vestiu calças muito apertadas ou mesmo pela cor das roupas, que, em alguns casos, eram rasgadas no joelho. O mesmo se aplica no que diz respeito a outros membros quando os mesmos se vestiam, principalmente nos momentos em que Nazo me denunciou ser homossexual, com roupas que não eram nada discretas.

Para além da participação nas células, bem como nos cultos, houve a entrevista de campo com o responsável pela IEQ-I, a pastora Ester, responsável pelo departamento de jovens, mas também uma das dirigentes gerais, o que não quer dizer que a direção desta instituição se resume a Ester, porém, em decorrência da minha amizade com Nazo, foi ela quem se dispôs primeira a contribuir com o meu trabalho de campo, respondendo a algumas perguntas formuladas por mim mesmo. São elas: *quanto tempo essa igreja existe no bairro? Em média quantas pessoas frequentam a mesma? Sobre casamento e união estável? O que a igreja orienta quanto à homossexualidade? Acredita na cura gay? O que a igreja orienta para as pessoas que se declaram homossexuais?*

Cada resposta será discorrida na sequência das perguntas acima, sendo postas em formato de diálogo, tendo por base o roteiro de pergunta, embora muitas informações fossem prestadas voluntariamente, bem antes da data agenda.

Ainda durante o mês de julho, agendei uma conversa com a pastora Ester, cujo propósito foi exposto muito claramente. A pastora jamais negou qualquer informação, sob justificativa de que não há o que temer. Com isso agendei, em uma sexta-feira à noite, após o seu dia de labor, em sua casa, indo sempre munido de roteiro de perguntas e celular para gravar a entrevista. Gravação essa a qual ela não se negou que o fizesse. Conforme combinado, fui ao seu encontro em sua residência e, sentados em sua sala, começamos a entrevista. É importante que se destaque uma fala inicial da pastora.

Alan, não somos a favor de nenhuma discriminação, mesmo que sobre homossexuais, porém não podemos ter o controle sobre a atitude de todos os membros, tu sabes como é? Na igreja, damos a palavra, porém não podemos impedir que certas pessoas entendam do seu próprio modo e segundo o seu contexto social. Há até casos de pessoas dentro da igreja as quais, mesmo que falemos sob orientação do Espírito Santo, ainda discordam da gente. (Diário de campo, em julho de 2017).

A fala acima abriu nosso diálogo, bem antes de qualquer gravação, o que denota a preocupação em deixar claro que a direção da igreja não se responsabiliza na íntegra pela atitude de todos os seus membros. Considerando que a igreja em questão possui seis anos de fundação no bairro e, ao longo desse tempo, vem se estruturando passo a passo.

Hoje, a igreja vive um momento de expansão e de consolidação do espaço em que habita, considerando que este espaço é alugado, conforme diz a pastora.

A igreja teve que passar por muitas reformas, porém teve que se adaptar principalmente à nova demanda de membros que entram todos os meses. Isso mostra a seriedade do trabalho com Deus que desenvolvemos, com isso, vi o número de membros subir de dezoito, na época que entrei, para quarenta e oito, no momento atual. O que é bom é que são esses membros que mantêm a instituição, principalmente por meio dos seus dízimos e ofertas, ou seja, eles mantêm a obra de Deus. (Pastora Ester, entrevista concedida em julho de 2017).

É claro que, como a maioria das instituições religiosas cuja relação passa por um controle social das relações que ensinam família e sexualidade (COUTO, 2015), a IEQ não é diferente, há uma primazia sobre o discurso que se aplica sob a ideia de uma sugestão de comportamento no que diz respeito à sexualidade. As informações prestadas focam na orientação para seguir a vida sexual e o matrimônio como um processo cronológico: namoro, aquisição de trabalho, noivado, casamento e, respectivamente, relações sexuais.

Como a própria bíblia sempre deixou claro, e hoje isso é muito importante, o matrimônio é algo consagrado por Deus, ele representa uma relação de compromisso perante Deus e com a pessoa, sendo a sexualidade (remetendo à ideia da prática de sexo) praticada entre o casal, cuja finalidade maior é não apenas a intimidade e a demonstração de carinho pela outra pessoa, como também a de reproduzir. Com isso, nós orientamos os jovens todo o passo que ele deve seguir, inclusive para não cair nas ciladas do diabo por meio das doenças sexualmente transmissíveis que, por sinal, estão aí. Para isso, é preciso primeiro conhecer a pessoa, namorar, noivar e casar, pra só depois manter relações sexuais e, é claro, ser fiel na relação. (Pastora Ester, entrevista concedida em julho de 2017).

O processo que conduz a uma sexualidade saudável parece ter um caminho de cunho de orientação bíblica e religiosa, não fugindo da atuação religiosa como intervenção na vida privada (BASTOS, 2005; VITAL, 2013).

Na sequência dessa conversa, chegamos ao ponto que considero crucial: a homossexualidade. Decerto, Ester sempre lidou tranquilamente com o fato de ter um irmão homossexual, haja vista que ela conviveu com a homossexualidade dentro de casa muito antes de tornar-se evangélica, o que me leva a acreditar que tão somente a mesma teve facilidade de conciliar seu modo de crer e até a posição ocupada dentro da instituição com a homossexualidade de seu irmão. Mesmo assim, seu discurso pairou, antes de tudo, por uma “verdade absoluta”, que é a “palavra de Deus”, sob esse dispositivo acionado ao falar sobre o diferencial de estar na presença de Deus e não estar, contudo o mais importante é o respeito e o amor a Deus e ao seu próximo.

Eu creio que, pra todas as pessoas, Deus tem um propósito. Eu não sou contra o homossexualismo, e tampouco repúdio meu irmão, mas oriento ele a sempre ter respeito com as coisas de Deus, andar no caminho certo e ter amor a Deus. Não posso intervir na escolha dele, até porque não sei o que Deus fala ao coração dele, acredito que, se ele vive, hoje, assim, é porque Deus tem um propósito pra ele, e é dessa forma que Deus vai se manifestar na vida dele, operando um milagre da cura da homossexualidade ou não. (Pastora Ester, entrevista concedida em julho de 2017).

Ao que tudo indica, todas as coisas passam pelo plano de Deus e, segundo o entendimento exposto pela pastora Ester, é Deus quem irá determinar o que fazer com a vida da pessoa, assim como cabe a ela fazer o que de fato é considerado justo de acordo com a interpretação bíblica. Porém, o fato de acolhê-los (homossexuais) não implica dizer que necessariamente eles são pura e plenamente aceitos, mas acreditam haver todo um trabalho a ser feito paulatinamente, pelo Espírito Santo na vida dessa pessoa, cuja mudança será externalizada gradativamente. Porém o raciocínio de a homossexualidade não ser um bom caminho ainda é predominante, mas muito timidamente, sobre a perspectiva de cura (NATIVIDADE, 2006). Conforme exposto sobre o entendimento da pastora, a homossexualidade é acolhida, mas é trabalhado em cima da mesma, para que, por meio do sentir e do agir do Espírito Santo haja a abdicação dessa condição. Fica muito claro pelo relato da

pastora Ester que a homossexualidade é uma escola tida sob domínio do desejo do pecado, impresso em qualquer ser humano, cabendo-nos controlar e evitar que este cause danos ao corpo físico.

É certo que entendermos que o homossexualismo é uma prática de pecado que domina as pessoas que o têm, mas nós não discriminamos, porque sabemos que cabe, às vezes, à pessoa fazer a decidir se libertar dessa escolha que o aprisiona, ou cabe a ela saber conviver com isso. O que a gente orienta e a não deixar que isso cause dano a ela, seja homem ou mulher, mas orientamos sempre a pessoa a buscar pelo Espírito Santo e deixar que o mesmo venha agir. É no agir do Espírito Santo que a pessoa vai se libertando e deixando esses males de lado. Por isso não cabe excluir essas pessoas, mais sim aproximá-las da presença de Deus, para que elas venham vencer esse mal. Eu sempre oro por todos, mas deixo eles livres para fazerem o que acharem melhor, porque é a relação entre a pessoa e Deus, e eu não posso me meter diretamente nisso. (Pastora Ester, entrevista concedida em julho de 2017).

Pelo que é possível concluir, o sujeito, enquanto homossexual, encontra uma pequena abertura para possível infiltração dentro da IEQ, embora, é claro, haja um predomínio do estereótipo da heterossexualidade como modelo. Contudo a perspectiva, no que se infere pelo discurso da pastora Ester, é de agregar, ajudar, libertar e salvar.

IEQ-II

Ao contrário da IEQ-I, a igreja em questão (IEQ-II) não fica localizada no mesmo bairro onde eu moro, também não possui o mesmo número de membros, na verdade possui um número bem menor, contudo fica situada na região metropolitana de Belém, sendo que, ao falar-se das IEQ's, é importante que se destaque uma diferença em suas configurações. Há os chamados tabernáculos, pequenos núcleos ou igrejas que funcionam em pequenos espaços, destinados para essa finalidade, e as catedrais ou igrejas, espaços de proporções maiores, os quais lideram as outras em sua volta. Exemplo: num bairro pode ter vários tabernáculos, porém somente há uma igreja que administra todas as finanças e centraliza as atividades das demais. Os tabernáculos, em grande parte, são frutos da evolução das células, bem como do crescimento destas, cujo aprimoramento incita a ampliação do espaço. É o caso da IEQ-II, onde estive fazendo pesquisa de campo com Mendes, personagem que não apenas me introduziu no âmbito religioso, como me conduziu ao contato com a pastora responsável, Raquel.

A inserção na IEQ-II ocorreu nas duas últimas semanas de julho de 2017, os cultos ocorriam aos domingos, às 18h, sempre sob pregação da pastora Raquel. Após programado com Mendes, encontramos-nos e ele me conduziu para esse primeiro dia de culto no tabernáculo onde ele frequenta haja vista que ocorreu em um dia especial para os membros que a integram. Era dia de batismo nas águas que, segundo explicado pela pastora, ocorre uma vez ao mês e é uma oportunidade para qualquer pessoa assumir uma nova vida com Deus. O culto foi aberto com a entrada no altar da pastora Raquel, pedindo para que todos colocassem as mãos no coração para falar com Deus. Em seguida começou a entoar o cântico, música denominada *Ninguém explica Deus*⁴³. Assim como a igreja quadrangular mencionada anteriormente, o tabernáculo também conta com uma pequena estrutura que inclui bateria, iluminação e grupo coreográfico, além da atuação dos obreiros e obreiras, os quais, pelo que contei somam 6, todos vestem camisas gola polo branca, com o símbolo da IEQ no peito, os quais compõem todo o conjunto que conduz o evento do culto.

Após a oração e todo o arranjo inicial, a pastora conduziu a reunião, tendo, como referência, a leitura de Romanos C 8, V 28, mostrando que Deus tem um propósito para todas as pessoas, basta que estas o busquem.

Cronologicamente, a reunião seguiu com a seguinte programação:

- Oração inicial, sendo acompanhada por instrumento musical da banda;
- Apresentação coreográfica (predominantemente por meninas-4);
- Mensagem com a palavra bíblica;
- Apresentação coreográfica;
- Pedido de oferta e dízimo (nesse caso são os obreiros que levam o alforje para que os membros o depositem);
- Oração pela família;
- Informes da semana;
- Consagração dos pertences e dos nascidos;
- Oração final e, excepcionalmente nesse dia- ao final
- Batismo nas águas (batismo esse realizado no final logo na entrada da igreja, em uma piscina plástica ali instalada).

⁴³Musica da banda: Preto no Branco, álbum lançado pelo Sony Music Live.

Para além da inserção de campo no tabernáculo, no último dia da minha ida a campo neste espaço, programei a conversa com a pastora Raquel. Tendo encerrado a reunião da noite, a mesma me convidou para ir ao seu escritório, que fica no final da igreja. Nesse dia, não fiz uso de roteiro de pergunta em mãos, do contrário, assimilei as perguntas e as desenvolvi ao passo em que o diálogo ia avançando. Começamos com um assunto que não necessariamente tinha a ver com a minha pesquisa: entre um das passagens bíblicas, há uma que fala sobre o “deserto”, que se resume a experiências desagradáveis, conforme explicado pela pastora, que devemos passar em nossas vidas, mas que não significa que Deus nos abandone. (Deuteronômio 1:31)

É no sentido da explicação bíblica que o nosso diálogo percorreu, tendo como incremento uma situação pessoal a qual vivia. Mencionei o quão difícil para mim tem sido lidar com atuais frustrações, sinto como uma espécie de deserto. Perguntei, então, se, pelo fato de ser homossexual, na opinião dela, Deus não estaria se afastando de mim e, possivelmente, deixando eu me manter num deserto.

Independente de quem somos, todos nós enfrentamos lutas no dia a dia. Isso é inevitável na condição humana, mas, tanto no passado quanto no presente, Deus não se mostra ausente, mas nos aponta as provisões. A diferença de estar e não estar na casa de Deus se traduz por podermos buscar essas provisões, assim como a própria palavra de Deus como uma forma de provisão que nos ajuda a lidar e superar as dificuldades. Independente de você ser homossexual, se você busca as provisões de Deus, ainda no deserto, ele não te negará. (Entrevista com a pastora Raquel, concedida em julho de 2017).

Diante dos fatos, não hesitei em perguntar como a igreja lida com os casos de homossexualidade. Ser homossexual não indica estar fora dos planos de Deus? Essa pergunta enseja sobre a própria questão da abertura para os homossexuais, pois, ainda assim, ao longo dos cultos, percebi presentes na maioria das igrejas evangélicas: salvação, batismo no Espírito Santo, renovação, novo nascimento, nova criatura, volta de Jesus, últimos dias etc.

Bom, o fato deles virem à igreja significa que eles precisam de ajuda, e o que é a casa de Deus, se não um espaço de acolhimento e de ensinamento da palavra? A igreja, Alan, não foi feita para aceitar os puros, santos e perfeitos. As portas da casa de Deus são para os que precisam dele e a ele recorrem e, se os homossexuais vêm, é porque precisam de ajuda, não de

serem discriminados, pois entendemos que Deus tem um projeto na vida de cada um, inclusive dos homossexuais. Tudo se dará no tempo de Deus. Por isso, de modo algum excluimos os homossexuais da igreja. (Entrevista com a pastora Raquel, concedida em julho de 2017).

Ao que parece, na fala da pastora, a igreja entende a homossexualidade, sim, como um problema, como um defeito espiritual, mas a instituição, não necessariamente obriga o sujeito, enquanto homossexual, a um processo de conversão, deixando-o livre para buscar a Deus e fazer as suas escolhas. O cuidado sobre a questão da sexualidade sob regime religioso, Busin (2011), mantém-se, porém sem grande rigor. Razão pela qual a pastora cita até mesmo uma passagem bíblica muito conhecida, a do julgamento da prostituta.

Acho que você lembra o que houve com a prostituta que ia ser apedrejada pela população. As palavras de Jesus, não foram de condenação, como a maioria já estava fazendo, mas perdoou e orientou ela a seguir sem que peques mais. Jesus poderia ter pegado uma pedra e ser o primeiro a atirar, mas o que ele disse: que atire a primeira pedra aquele que nunca pecou. Então, Alan, como já disse antes, a casa de Deus, assim como o próprio Jesus, não vieram para os puros, santos e poderosos, mas para aqueles que, sim, possuam pecado, mas que precisem de Deus e, assim, encontre força para seguir em frente e, com isso, provar, em suas vidas, a existência de Deus. (Entrevista com a pastora Raquel, concedida em julho de 2017).

Ao que se entende pelo discurso da pastora, a homossexualidade não é algo normal, tal condição está ligada ao pecado, mas a missão que a igreja assume é de ser uma porta que conduza qualquer pecador à sua remissão, ou à salvação da alma. É possível ainda entender a homossexualidade enquanto pecado o qual pode ser expurgado da vida do sujeito, mas isso tem que ocorrer no “tempo de Deus”, respeitando o projeto desse último.

Considerações finais

Todo o percurso do trabalho, até aqui, deixou evidente que o contexto social vivenciado por cada pessoa pode, em algum momento, direcioná-la a um espaço e prática religiosa, ainda que em, alguns casos, como o dos homossexuais, isso culmine em um paradoxo. A realidade de cada homossexual aqui apresentado é nada mais que conciliar suas sexualidades com a moralidade apresentada por essas igrejas evangélicas sem abdicar de suas homossexualidades. Ficou evidente para mim, nesse percurso, que cada sujeito apresenta um histórico de vida específico, mas que converge para um único fato: a busca de um espaço comum, as igrejas evangélicas. Nesse percurso, observei que as igrejas aqui apresentadas, ainda que denominadas evangélicas, possuem suas especificidades as quais geraram desafios diferentes durante, como mostrado no terceiro capítulo.

O meu maior desafio para o futuro dessa pesquisa é que, decerto, não consegui cumprir, na dissertação, o objetivo de tentar entender como esses sujeitos, homossexuais, conseguem criar qualquer expectativa amorosa, diante do discurso propagador da família heteronormativa.

Esse trabalho esteve envolvido e, desde o início, propôs-se a nortear duas questões bastante presentes na atualidade: religiosidade e sexualidade. Entendendo que, desses dois temas, irradiam-se várias outras questões e fenômenos sociais, entre os quais, pude circular precisamente sobre a inserção de homossexuais em igrejas evangélicas, entender o que está por trás de cada ator que se propõe a frequentar um lugar, no qual a mídia sempre deixou evidente, em protagonismo acirrado, de exclusão aos homossexuais, foi um desafio que julguei necessário, por perceber quão grandes e complexos são os detalhes que giram em torno desse fenômeno.

Nesse entorno, focamos, aqui, em discorrer sobre o processo de socialização desses sujeitos homossexuais, o que nos ajudou a entender que o contexto social de cada indivíduo o impulsiona, em grande medida, a viver algumas formas de contraste, não um contraste necessariamente forçado, mas um contraste que, decerto vai ao encontro das necessidades em comum entre eles e as pessoas que fazem parte do seu ciclo social.

As três igrejas aqui apontadas, bem como na condição de espaço de campo de pesquisa durante o mestrado, abriram as portas para os seus entendimentos de mundo poderem ser expostos com mais detalhes, para além do senso comum ou do que é possível perceber por de

meio da mídia. Essas igrejas são as instituições de maior expressão religiosa evangélica em Belém, razão pela qual também me propus a investigar e adentrar esses espaços.

Essas três instituições conseguiram mostrar que, mesmo sendo denominadas evangélicas, as mesmas possuem pontos de convergências e divergências. Ressaltando: o que me trouxe até aqui foram os pontos de convergência, principalmente os relacionados aos homossexuais.

Dentre as convergências que me aproximaram dos termos êmicos dessas instituições, que, decerto não seduzem os homossexuais que ali adentram, está o processo de conversão, o qual consiste em indicar todos os ingressantes, necessariamente, a passarem por um processo religioso: conhecer a “verdade”, arrepender-se dos pecados, aceitar Jesus como seu senhor salvador, mudar seus comportamentos e batizar-se nas águas. Este caminho é o que coloca essas três igrejas em situações comuns e, ao mesmo tempo, rechaça a possibilidade de uma maior infiltração dos homossexuais, principalmente quando estes se reconhecem na condição de aceitação. O binarismo religioso consiste em dividir as realidades sociais em dois mundos: os convertidos e os não-convertidos. Sugere-se que, para os homossexuais, caberia sua conversão à igreja, além da limpeza e da purificação espiritual, bem como a abdicação da homossexualidade, o que, decerto, não acontece, diferentemente da proposta das chamadas igrejas inclusivas.

As narrativas apresentadas aqui, expostas nos capítulos anteriores, sendo detalhadas por meio de diário de campo, foram frutos de anotações ou de descrições gravadas e, conseqüentemente, transcritas, e houve um esforço de repassá-las, na íntegra, para dissertação. Houve ainda os relatos expostos no texto sem menção a respeito de diário de campo, estes são frutos, no geral, de observações e de deduções empíricas, feitas posteriormente ao evento ou ao culto participado. Procurei, a partir do campo etnográfico, principalmente por meio da narrativa de cada sujeito e ator aqui expostos, descrever suas relações simbólicas conectadas com cada elemento que envolva suas vivências religiosas e sociais, concordando com BRUNNER (1986), ao discorrer sobre como a etnografia, enquanto um estudo estruturado capaz repassar a histórias de vidas e de contextos sociais de pessoas, entendendo cada fenômeno analisado e sua conexão entre passado e presente, que é definida por relações sistemáticas. Compreendo, assim, a temporalidade e sua importância com os fatos descritos, inclusive na questão aqui estudada, e como esses atores se resistem a formas e estruturas hegemônicas.

O trabalho apresentado aqui tornou possível, entender que, para além das dinâmicas religiosas, de controle da moralidade, dos bons costumes e da limpeza espiritual constante, é possível, nesse entorno, alguns atores se manterem frequentando esses espaços, mesmo sendo homossexuais. E como isso é possível? Anexando suas necessidades de adaptação aos próprios

contextos sociais dos quais eles fazem parte, bem como as necessidades desenvolvidas no entorno da história de vida de cada um.

Ainda no primeiro capítulo, foi possível entender os contextos sociais e analíticos, traçados por diversos teóricos das ciências humanas e sociais a respeito de sexualidade, religiosidade, moralidade e homossexualidade. Principalmente, dando protagonismo aos impulsos lançados pela mídia sobre a resistência dos evangélicos e suas lutas políticas contra os homossexuais. Colocando em foco alguns estudos que nos permitem entender como a religião, a sexualidade e as polêmicas envolvendo esses dois temas ao mesmo tempo não são casos isolados e, embora persistam tais polêmicas, ambas as questões se cruzam em paradoxos sociais.

O segundo capítulo trouxe-nos a tona a história de vida e o protagonismo de sujeitos assumidamente homossexuais e que frequentam igrejas evangélicas, demonstrando, em um processo descritivo, como os vários fenômenos se desenrolaram ao longo de suas histórias, abriram caminhos para estes poderem conciliar suas aproximações religiosas com a vida sexual, amorosa e afetiva que apresentam, trazendo à tona a narrativa e as histórias por cada um contadas, sobretudo fazendo um paralelo dos seus percursos sociais e de suas permanências nas respectivas igrejas as quais cada um frequenta. Assim, busca-se compreender como eles lidam principalmente com família, sexualidade e religião.

O terceiro capítulo nos convida a olhar para as igrejas evangélicas de dentro delas, ou seja, descrevendo a realidade inerente a essas instituições para além do que conhecemos, ou pensamos conhecer sobre as mesmas, num exercício já proposto por Ingold sobre o trabalho etnográfico: o objetivo da etnografia é descrever as vidas de outras pessoas além de nós mesmos, com uma precisão e sensibilidade afiada por uma observação detalhada e por uma prolongada experiência em primeira mão. INGOLD (2015:327). Com isso, o trabalho de campo que integrou o segundo capítulo delineou passos de compreensão sobre as visões de mundo dos evangélicos, principalmente em suas relações assimétricas sociais e morais sobre os homossexuais.

Percorreu-se, assim, pontos convergentes sobre um olhar para homossexualidade entre as três igrejas, dentre os quais a classificação dela como doença, opção ou problema de distúrbios psicológicos, ou mesmo espirituais. No entanto, por outro lado, as divergências entre essas instituições, persistem na forma de agir diante desses sujeitos quando os mesmos se revelam enquanto homossexuais dentro da instituição, trilhando, com isso, a compreensão de como essas igrejas divergem, mas, ao mesmo tempo, agregam, entre uma brecha e outra, a possibilidade de existência de homossexuais em suas dependências.

Todos os casos, narrados e descritos nos ajudam a refletir sobre as novas configurações no espaço religioso evangélico, bem como sobre os novos protagonismos religiosos manifestos

por homossexuais no Brasil. Linha de raciocínio essa já traçada por Fátima de Jesus e Marcelo Natividade, cuja atuação em estudos dessa natureza já consolidam um novo palco para estudos antropológicos etnográficos que envolvem as questões aqui expostas. Traduzindo a necessidade de analisar e refletir esses atores que aqui se manifestam e seus mundos de compreensão sobre si e sobre o universo que os cercam, e que também os constroem.

Referências

ARAÚJO, Martinho Tota Filho Rocha de. **Marcadores cruzados: etnicidade, homossexualidade e religião**. In Revista Cadernos Pagu. ed 48. jun 2016.

BASTOS, Maria Lucia. **Pluralismo religioso na esfera familiar**. Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio Grande do Norte 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **L'illusion biographique**. Actes de La Recherche en Sciences Sociales (62/63): 69-72, juin 1986.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero feminino: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2003.

BUSIN, Melki Valéria. **Religião, sexualidade e gênero**. Revista Rever. Ano 11. n. 01. jan/jun 2011.

BRUNNER, Edward M. **“Ethnography as narrative”**. In: TURNER, Victor W.; BRUNNER, Edward M. (Eds.). *The Anthropology of Experience*. Urbana, Chicago. EUA. 1986.

CARRARA, Sergio. **A antropologia e o processo de cidadanização da homossexualidade no Brasil**. Cadernos Pagu. ed. 47, fev. 2016.

_____. **Política e direitos sexuais no Brasil contemporâneo**. Revista Bagoas. v. 4 n. 05 2010.

CORTEN, André. **Os pobres e o espírito santo: o pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes 1996.

COUTO, Márcia Thereza. **Gênero e comportamento reprodutivo no contexto de famílias em pluralismo religioso**. In HEILBORN, Maria L. *et al* (orgs.) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 207-246.

CORÍNTIOS, Livro de I. **Bíblia**. Capítulo 6 versículo 9,10.

CONDE, EMÍLIO. **O Testemunho dos Séculos e História das Assembléias de Deus no Brasil**, CPAD-Brasil 1960.

CAMPOS, GUSMÃO e MAURÍCIO JUNIOR. **A disputa pela Laicidade**. Revista Religião e Sociedade. ed. 35 (2), Rio de Janeiro: 165-188. 2015.

GÊNESIS, Livro de **Bíblia**. Capítulo 1 versículo 28.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DURKHEIM, E. **Definição do fenômeno religioso e da religião**. In. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 311-232.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Três Famílias: Identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: Editora. FGV, 2008.

_____. **Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes**. In: DUARTE, Luiz F. D. et al. (orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

DUETTO EDITORIAL. **Índios protestantes no Brasil Holandês: História viva**. Portal. Disponível em: <www.oul.com.br.>. Acesso em: 20, jul 2016.

ENDJSO, Dag Oistein. **Sexo e religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual**. São Paulo: Geração editorial, 2014.

EFESIOS, Livro de **Bíblia**. Capítulo 5 versículo 33.

FURTADO, Maria Cristina S; CALDEIRA, Ângela Cristina G.P. **Cristianismo e diversidade sexual: Conflitos e mudanças**. In, ANAIS: Fazendo o Genero9. 2010.

FRY, Peter; Edward, MacRae. **O que é a homossexualidade**, São Paulo, Brasiliense, 1985 (a).

_____. **Da hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil**. In: Fry, P. **Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982b, p. 87-115.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**, Rio de janeiro: Ed. Graal, 1984.

_____. **As palavras e as coisas**. 8 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAIER, Viga Rodrigo. **Numero de evangélicos cresce 61%, diz IBGE**. Estadão, São Paulo, 29, jun 2012. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em 29, jun 2012.

GEERZ, Clifford. **Ethos, visão do mundo e a análise dos símbolos sagrados**. In: A interpretação das culturas. 1 ed. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

GONCALVES, Alexandre Oliveiro. **“Cura Gay” – articulações entre Ciência e Política na produção de saberes religiosos**. ANAIS do 40º congresso da ANPOCS. 2016(a).

GONCALVES, Marcos Antônio. **Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro 2012 (b).

GONTIJO, Fabiano de Souza. ERICK, Igor. **A Experiência da Diversidade Sexual e de Gênero no Pará: Espaço Público, Representações e discursividades**. Revista FSA. Teresina-PI 2016.

HART, John. **Teoria e prática da homossexualidade**. São Paulo: Zahar, 1983.

HEILBORN, Luiza. **Dois é par**. Rio de Janeiro: Garamond. 2004.

HEBEUS, Livro de. **Bíblia**. Capítulo 12 versículo 23.

HELMINIAK, Daniel A. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. [Tradução Eduardo Teixeira Nunes]. São Paulo: Summus, 1998.

INGOLD, Tim. **“Antropologia não é etnografia”**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes 2015.

JACOB, C.R.; HEES, D.R.; WANIEZ, P.; BRUSTLEIN, V. **Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil** (São Paulo: PUC-Rio - Edições Loyola) (2003). ISBN 85-15-02719-4.

JOÃO CRUZUÉ. **Estimativa da população evangélica para 2014**. Disponível em: <<http://olharcristao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17, jan 2015.

JESUS, Fátima Weiss de. **Igrejas Inclusivas em perspectiva comparada: Da "inclusão radical" ao "mover apostólico"**- Seminário Internacional Fazendo o gênero 10. Anais Eletrônico, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

LEONARD, Émile-G. **L’Iluminisme dans un protestantisme de Constitution Récente**. (Brasil) Paris: P.U.F., 1953. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Evang%C3%A9lica_Brasileira> Acesso em: 20, dez 2016.

LEVÍTICO, Livro de. **Bíblia**. Capítulo 20, versículo 13.

LUCAS, Livro de. **Bíblia**. Capítulo 24 versículo 27.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LOURO, Guaraci Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, ano 2000. 2 Ed.

MATEUS, Livro de. **Bíblia**. Capítulo 7 Versículo 22,23.

_____. **Bíblia**. Capítulo 11 versículo 28.

MACEDO, Edir. **Nada a perder**. Livro 1. São Paulo: Ed. Planeta, 2014.

MIZRAHI, Mylene. **Indumentária: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita**. Horizontes Antropológicos [online], 13 (28): 2031-262, 2007.

MOTTE, Luis. **Homo-afetividade e direitos humanos**. Revista Estudos feministas, Florianópolis, v.14 (2), Maio - agosto/ 2006.

MONTERO, Paula. “Jürgen Habermas: **Religião, Diversidade Cultural e Publicidade**”. *NovosEstudos CEBRAP*, nº 84: 199-213.(2009).

_____. **Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso**. Revista Religião e sociedade. v. 32, n 1, p. 167-183 2012.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas**. In: Revista de Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, n. 61, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo. **Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal**. In: HEILBORN, Maria L. *et al* (orgs.) Sexualidade, família e ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 247-272.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Psicologia e diversidade sexual: Desafios para uma sociedade de direitos/ Conselho Federal de Psicologia- Brasília: CFP. 2011. p. 145-153.**

_____. **Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal**. Revista religião e sociedade. v. 30. n. 2. Rio de Janeiro 2010.

OLIVEIRA, Leandro de. **Homossexualidade família e micropolítica da aceitação**. ANAIS do congresso Fazendo o gênero 9, ago 2010.

ORO, Pedro Ari. TADVALD, Marcelo. **A igreja Universal do Reino de Deus no Brasil e a reconfiguração do espaço Público**. In: revista de ciências sociais e religião. Porto Alegre, ano 17, n. 23, p. 76-113, Agosto-Dezembro. 2015.

PASSARINHO, Nathalia e COSTA, Fabiano. **Milhares protestam em Brasília contra aborto e casamento gay**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/>>. Acesso em: 05, jun 2013.

PIEN, H. J. **Formação da Igreja evangélica no Brasil**. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

PROVÉRBIOS, Livro de. **Bíblia**. Capítulo 22 Versículo 06.

REIS, Ramon. **Encontros e Desencontros: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém, Pará**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – concentração em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2012.

_____. **Cidades e subjetividades homossexuais: Cruzando marcadores da diferença em bares nas “periferias” de São Paulo e Belém**. Tese (defendida em 8 março no FFLCH –USP. 2017).

RYAN, Penélope J. **Católico praticante: a busca de um catolicismo para o terceiro milênio**. São Paulo: Loyola 1999.

SILVA, Vagner Goncalves da. **Intolerância religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 2007.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. **Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA**. 2012. 145f. Mestrado (Dissertação em Ciências Sociais) –Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2012.

SANTIAGO, Luan. **Domingo espetacular mostra os 35 anos da igreja Universal; por que ela é diferente das outras?** Disponível em:<<http://portugues.christianpost.com/news/domingo-espetacular-mostra-os-35-anos-da-igreja-universal-por-que-ela-e-diferente-de-outras-igrejas-12476/>>. Acesso em 26, dez 2016.

SEDGWICK, EveKosofsky. **A epistemologia do armário**. In: Revista Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: Estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Ed. Vozes 1974.

TADVALD, Marcelo. **Prosperidade e libertação: sobre a construção da identidade evangélica transnacional nos rituais argentinos da igreja Universal**. ANAIS 29º Reunião Brasileira de Antropologia (RBA 2014). Natal-RN.

TRINDADE, Jose Ronaldo. **Histórias de vida e produção acadêmica dos escritores Da homossexualidade no Brasil**. Revista Caderno de campo da USP 2002.

VITAL DA CUNHA, Christina. **Religião e política: Uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll. 2013.

WENERCK, A. e OLIVEIRA, Luiz Alberto Cardoso. **Pensando Bem: estudos de sociologia e antropologia da moral**. Rio de Janeiro: ed. Casa da palavra 2014.